

Violência no Namoro: Estudo com Adolescentes de uma Escola Secundária de Bragança

Maria do Céu Vaqueiro Silva

Relatório de Estágio apresentado ao Instituto Politécnico de Bragança,
Escola Superior de Saúde, para obtenção do grau de Mestre em
Enfermagem Comunitária

Orientadores:

Professor Doutor Manuel Alberto Morais Brás

Professora Doutora Adília Maria Pires da Silva Fernandes

Bragança, junho de 2017

Violência no Namoro: Estudo com Adolescentes de uma Escola Secundária de Bragança

Maria do Céu Vaqueiro Silva

Relatório de Estágio apresentado ao Instituto Politécnico de Bragança,
Escola Superior de Saúde, para obtenção do grau de Mestre em
Enfermagem Comunitária

Orientadores:

Professor Doutor Manuel Alberto Morais Brás

Professora Doutora Adília Maria Pires da Silva Fernandes

Bragança, junho de 2017

Resumo

A violência no namoro tem vindo a ser assumida como um fenómeno preocupante. No sentido de analisar a violência no namoro, comportamentos e atitudes que legitimam essa violência em adolescentes, foi conduzido um estudo descritivo, analítico, quantitativo e transversal com 180 alunos de ambos os sexos, do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal, em Bragança, com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos ($M=16,13$; $Dp=0,893$). Os dados foram recolhidos através de um inquérito por questionário constituído por três partes: questionário sociodemográfico, Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (CADRI) e Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN). Os principais resultados descritivos e inferenciais mostraram uma maior presença da violência emocional e verbal ($M=3,03$; $DP=3,003$), embora os adolescentes consideram fazer uso de estratégias de resolução de conflitos no namoro não abusivas. As diversas formas de violência estudadas mostraram-se influenciadas pelo sexo ($p\leq 0,01$), idade ($p\leq 0,01$) e ano de escolaridade ($p\leq 0,01$). Foram encontradas relações positivas significativas entre o consumo de drogas ($p\leq 0,05$) e de álcool ($p\leq 0,01$), o envolvimento em comportamentos de risco ($p\leq 0,01$), vitimização prévia no namoro ($p\leq 0,01$) e conhecimento de violência no namoro no grupo de pares ($p\leq 0,01$) com os comportamentos de violência. Os resultados mostraram também atitudes de legitimação da violência masculina e feminina, influenciada pelo sexo ($p\leq 0,01$), consumo de tabaco ($p\leq 0,05$) e de outras drogas ($p\leq 0,05$), envolvimento em comportamentos de risco ($p\leq 0,01$), vitimização prévia no namoro ($p\leq 0,01$) e o conhecimento da violência no namoro no grupo de pares ($p\leq 0,01$). A partir dos resultados foi possível identificarem-se modelos explicados das estratégias de resolução de conflitos abusivas, não abusivas e comportamentos violentos, bem como da legitimação das atitudes de violência física, psicológica e sexual masculina e das atitudes de violência psicológica e sexual feminina. Perante os resultados encontrados, investigações futuras devem ser conduzidas com o intuito de averiguar a realidade da violência no namoro nos adolescentes, como ponto de partida para intervenções que promovam a mudança de comportamentos e de legitimação de atitudes de violência.

Palavras-Chave: violência no namoro, adolescentes, comportamentos violentos, atitudes de legitimação da violência

Abstract

Violence in dating has been taken as a worrying phenomenon. In order to analyze the violence in dating, behaviors and attitudes that legitimizes violence in adolescents, was conducted a descriptive, analytical, quantitative and transversal study, with 180 students of both sexes, attending the grouping of schools Abade de Baçal, in Bragança, aged between 15 and 18 years ($M = 16.13$; $SD = 0.893$). The data were collected through a survey consisting of three parts: socio-demographic questionnaire, Inventory of Conflicts Dating Relationships among Adolescents (CADRI) and Attitudes about Violence in Dating (EAVN). The main descriptive and inferential results showed more emotional and verbal violence ($M=3.03$; $SD=3.003$), although teenagers consider make use of non-abusive conflict resolution strategies in relationship. The various forms of violence studied were influenced by gender ($p\leq 0.01$), age ($p\leq 0.01$) and grade level ($p\leq 0.01$). Significant positive relationships were found between the consumption of drugs ($p\leq 0.05$) and alcohol ($p\leq 0.01$), engaging in risky behavior ($p\leq 0.01$), prior victimization in dating ($p\leq 0.01$) and awareness of dating violence in peer group ($p\leq 0.01$). The results also showed legitimate attitudes of male and female violence, influenced by sex ($p\leq 0.01$), consumption of tobacco ($p\leq 0.05$) and other drugs ($p\leq 0.05$), engaging in risky behavior ($p\leq 0.01$), prior victimization in dating ($p\leq 0.01$) and awareness of dating violence in peer group ($p\leq 0.01$). From the results it was possible to identify models which explained abusive and non-abusive conflict strategies resolution and violent behavior, as well as legitimate attitudes of male physical, psychological, and sexual violence, and female psychological and sexual violence. Attending these results, future investigations should be conducted in order to ascertain the reality of dating violence in adolescents, as a starting point for interventions that promote behavior change and legitimating of attitudes to violence.

Keywords: violence in dating, teens, violent behavior, attitudes of legitimization of violence

Lista de Abreviaturas, Acrónimos e Siglas

%	Porcentagem
α	Alfa de Cronbach
β	Valor de Beta
F	Valor da Anova
χ^2	Teste de Qui-Quadrado
APAV	Associação Portuguesa de Apoio à Vítima
CADRI	Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes
cf.	Confere
e.g.	Por exemplo
EAVN	Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro
<i>et al.</i>	E colaboradores
H	Teste de Kruskal Wallis
HIV/AIDS	Human immunodeficiency virus infection and acquired immune deficiency syndrome
IBM	International Business Machines
i.e.	Isto é
KS	Teste de Kolmogorov-Smirnov
N, n	População/amostra
OM	Ordenações médias
ONU	Organização das Nações Unidas
p	Nível de significância
p., pp.	Página, páginas
r	Coefficiente de correlação de Pearson
SPSS	Statistical Package for the Social Sciences
U	Teste de Mann Whitney
UNAIDS	Joint United Nations Program on HIV/AIDS
UNFPA	United Nations Population Fund
UNICEF	United Nations Children's Fund
VFF	Atitudes acerca da violência física feminina
VFM	Atitudes acerca da violência física masculina
VPF	Atitudes acerca da violência psicológica feminina

VPM	Atitudes acerca da violência psicológica masculina
VSF	Atitudes acerca da violência sexual feminina
VSM	Atitudes acerca da violência sexual masculina
WHO/OMS	World Health Organization/Organização Mundial de Saúde

*A violência destrói o que ela pretende defender:
a dignidade da vida, a liberdade do ser humano!*

João Paulo II

Agradecimentos

Na elaboração deste trabalho, várias pessoas contribuíram para o seu desenvolvimento, sem as quais a sua concretização não teria sido possível. A todos queria expressar o meu grato reconhecimento.

Ao Professor Doutor Manuel Brás e à Professora Doutora Adília Fernandes, pela orientação, disponibilidade e dedicação durante a concretização do estudo e pelo encorajamento persistente.

Ao agrupamento de Escolas Abade de Baçal, que autorizou a aplicação do questionário aos seus alunos.

A todos os alunos, que com a sua participação tornaram possível a realização deste estudo.

A todos os colegas do Mestrado pela sua paciência e pelos momentos e experiências partilhadas.

Ao meu marido e filha, à minha irmã e cunhado pela força e compreensão durante este percurso de estudos, bem como pela compreensão das minhas ausências.

À minha afilhada, Maria João pelo suporte que me foi dando ao longo deste período formativo.

Aos meus amigos pelos momentos de ausência e particularmente à Ilita pela camaradagem, pela partilha dos bons e maus momentos e, acima de tudo, pela força, incentivo e motivação nesta caminhada.

E a todos os que se preocuparam, colaboraram e contribuíram para a concretização do meu curso.

A todos, o meu Muito Obrigada!

Índice

Introdução	1
PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	4
1. Adolescência	5
2. A violência	11
2.1. Tipos de violência	12
2.2. A violência nos adolescentes	13
2.3. A violência no namoro	15
<i>2.3.1. Tipos de violência no namoro</i>	15
<i>2.3.2. Abordagens explicativas da violência no namoro</i>	18
<i>2.3.3. Consequências da violência no namoro</i>	19
<i>2.3.4. Estudos sobre violência no namoro</i>	21
<i>2.3.5. Prevenção/intervenção na violência no namoro: O papel do enfermeiro especialista em enfermagem comunitária</i>	24
PARTE II - ESTUDO EMPÍRICO	30
3. Contextualização e objetivos do estudo	31
3.1. Tipo de estudo	33
3.2. População e amostra	33
3.3. Variáveis	34
3.4. Instrumentos de recolha de dados	35
3.5. Procedimento de recolha de dados e considerações éticas	38
3.6. Análise e tratamento de dados	39
4. Apresentação e análise dos resultados	42
4.1. Discussão dos resultados	63
Conclusões	78
Referências Bibliográficas	82
Anexos	92
Anexo I - Instrumento	93
Anexo II - Pedido de Autorização à Instituição	101

Anexo III - Pedido de Autorização aos Encarregados de Educação.....	104
Anexo IV - Pedido de Autorização do Instrumento	106
Anexo V - Projeto de Intervenção Comunitária	108
Anexo VI - Relatório de Estágio.....	125

Índice de Tabelas

Tabela 1- Abordagens explicativas da violência	18
Tabela 2 - Caracterização sociodemográfica.....	34
Tabela 3 - Mensuração das variáveis independentes.....	35
Tabela 4 - Formas de abuso do CADRI e respectivos itens	36
Tabela 5 - Fatores do CADRI	37
Tabela 6 - Subescalas da EAVN	37
Tabela 7 - Médias dos tipos de violência no namoro do próprio	42
Tabela 8 - Médias dos tipos de violência no namoro do(a) parceiro(a)	43
Tabela 9 - Diferenças na violência no namoro segundo o sexo	43
Tabela 10 - Diferenças nas estratégias de resolução de conflitos segundo o sexo.....	44
Tabela 11 - Diferenças na violência no namoro segundo a idade	45
Tabela 12 - Teste post-hoc entre a violência no namoro e a idade.....	46
Tabela 13 - Diferenças nas estratégias de resolução de conflitos segundo a idade.....	47
Tabela 14 - Teste post-hoc entre as estratégias de resolução de conflitos e a idade	48
Tabela 15 - Diferenças na violência no namoro segundo o ano de escolaridade	49
Tabela 16 - Teste Post-Hoc entre a violência no namoro e o ano de escolaridade	50
Tabela 17 - Diferenças nas estratégias de resolução de conflitos segundo o ano de escolaridade	51
Tabela 18 - Teste post-hoc entre as estratégias de resolução de conflitos e o ano de escolaridade	52
Tabela 19 - Relação entre violência no namoro e consumo de tabaco, álcool e outras drogas	54
Tabela 20 - Relação entre violência no namoro e comportamentos de risco, vitimização no namoro e violência no namoro no grupo de pares.....	56
Tabela 21 - Médias na legitimação da violência masculina	56
Tabela 22 - Médias na legitimação da violência feminina	57
Tabela 23 - Diferenças nas atitudes face à violência no namoro segundo o sexo.....	57
Tabela 24 - Diferenças nas atitudes face à violência no namoro segundo a idade	58
Tabela 25 - Diferenças nas atitudes face à violência no namoro segundo o ano de escolaridade	59

Tabela 26 - Relação entre as atitudes face à violência e consumo de tabaco, álcool e outras drogas.....	60
Tabela 27 - Relação entre as atitudes face à violência e comportamentos de risco, vitimização no namoro e violência no namoro no grupo de pares	60
Tabela 28 - Preditores das estratégias de resolução de conflitos e comportamentos violentos	61
Tabela 29 - Preditores das atitudes de violência no namoro	62

Índice de Figuras

Figura 1. Ciclo da violência.....	20
Figura 2. Modelo conceptual de transição.....	28
Figura 3. Consumo de tabaco, álcool e outras drogas	53
Figura 4. Comportamentos de risco, vitimização e violência no namoro no grupo de pares.....	55
Figura 5. Modelos explicativos da violência no namoro, comportamentos violentos e legitimação da violência masculina e feminina.....	63

Introdução

A violência, no seu sentido amplo e a violência no namoro em específico, suscitam uma grande preocupação nas sociedades atuais nomeadamente pelo facto de colocarem em causa os princípios fundamentais da democracia e a própria violação dos direitos humanos (Amado & Freire, 2005).

Todavia a preocupação da violência, nomeadamente no seio das relações conjugais, emergiu desde há muito pouco tempo a esta parte, pois até 1852 a lei portuguesa legitimava a violência entre marido e mulher. Em 1976, com a entrada da nova constituição, começou-se a estabelecer a igualdade entre homens e mulheres em todos os domínios, sendo que 1978 a figura do homem como chefe de família desaparece. Mas, é somente em 1982, que os maus tratos ao cônjuge passam a ser tidos como crime, apesar de que só foi a partir de 2001 que a violência conjugal é aceite como um crime de natureza pública (Duarte, 2002).

Existem indicadores que sublinham que a violência no namoro surge como um reflexo da própria sociedade, dos seus valores, normas e princípios com visível impacto na forma de pensar, de ser e de agir de todos os elementos que compõem a sociedade e, mais especificamente, do adolescente (Castro, Abramovay, & Silva, 2004).

Na verdade, a adolescência, sendo uma fase da vida situada entre a infância e a idade adulta, encontra-se vinculada às condições específicas da cultura e da sociedade (Calligaris, 2000), pelo que as mudanças físicas, emocionais, psicológicas e sociais que ocorrem neste período são fundamentais para se compreender a construção que o adolescente faz da sua personalidade (Caridade & Machado, 2006; Eisenstein, 2005).

Nesta altura do desenvolvimento, o adolescente tem tendência para correr riscos e procurar aventura, procurando adotar comportamentos de adulto, apesar de ainda não o ser. É nesta altura, também, que a vinculação aos pares se acentua e se iniciam os primeiros relacionamentos amorosos e, como consequência, as primeiras experiências sexuais (Alves, 2016).

Como os adolescentes ainda se encontram numa fase de construção da sua personalidade e identidade, a sua forma de ver o mundo em geral e as relações interpessoais em específico assentam nos valores que foram essencialmente

transmitidos pela família, enquanto instituição de socialização primária e, pela escola, enquanto instituição de socialização secundária (Camargo & Ferrari, 2009; Sampaio, 2002).

Por conseguinte, os comportamentos de violência estão presentes nas relações que os adolescentes estabelecem entre si, independentemente do tipo de violência que é perpetrada (Machado & Gonçalves, 2003). É neste contexto que o fenómeno da violência no namoro se assume como evidente e preocupante, com sérias consequências ao nível da saúde física, psicológica e emocional (Caridade & Machado, 2013), podendo configurar-se de formas diferentes, nomeadamente violência física, sexual, psicológica e emocional (Caridade & Machado, 2006).

Apesar de os comportamentos violentos no namoro tenderem a agravar-se no decurso da relação (Lichter & McCloskey, 2004), estes parecem não ser legitimados pelas pessoas envolvidas, aceitando-os como normativos do relacionamento (Aldrighi, 2004). A não legitimação destes comportamentos acaba por justificar, muitas vezes, o silêncio das vítimas, pois estas nem sempre têm consciência de que estão perante comportamentos violentos, até surgir uma forma de violência mais agravada ou consequências acentuadas ao nível da saúde física, psicológica, emocional e social (Sears & Byers, 2010).

Com base no exposto, a presente investigação encontra-se inserida no âmbito da Unidade Curricular Estágio II e tem como principal objetivo analisar a violência no namoro, comportamentos e atitudes que legitimam essa violência em adolescentes do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal, em Bragança.

Encontra-se estruturada em duas partes. A primeira constitui o enquadramento teórico ao tema, apresentando-se os aspetos mais relevantes relativos à adolescência e à violência no seu sentido mais amplo e circunscrito à violência no namoro. Enfatiza-se, ainda o papel do enfermeiro especialista em enfermagem comunitária ao nível da prevenção e intervenção na violência no namoro.

A segunda parte apresenta o estudo empírico realizado, iniciando-se com a contextualização e apresentação dos objetivos que nortearam a investigação, caracterização do tipo de estudo, população e amostra, das variáveis, instrumentos de recolha de dados, procedimentos e considerações éticas, bem como o tratamento e a

análise dos resultados. São ainda apresentados e discutidos os resultados descritivos e inferenciais (diferenciais e correlacionais) encontrados.

A investigação termina com uma reflexão relativa aos resultados obtidos, procurando-se realizar um balanço entre os pontos fortes e os principais constrangimentos sentidos, sugerindo-se um projeto de intervenção na violência no namoro, bem como fornecidas sugestões para investigações futuras.

PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Adolescência

Atualmente, para além das transformações biológicas e psíquicas, o conceito de adolescência incorpora a ideia de uma construção social dessa etapa da vida e diz respeito à multiplicidade de formas como ela é vivenciada. Não se fala mais da adolescência, no singular, mas de adolescências, no plural.

(UNICEF, 2011, p. 17)

A adolescência encontra-se vinculada às condições específicas da cultura na qual o adolescente se insere (Calligaris, 2000), assumindo-se como uma fase da vida que se situa entre a infância e a idade adulta, com características particulares associadas a uma maior maturidade biológica, histórica e social (Fonseca, 2005).

Trata-se, portanto, de um período natural do desenvolvimento humano, no qual ocorrem inúmeras alterações físicas, emocionais, psicológicas e sociais de grande relevância na construção da personalidade (Caridade & Machado, 2006; Eisenstein, 2005).

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2011) sublinha a grande dificuldade em definir, de forma precisa, o conceito de adolescência, identificando pelo menos três razões. Em primeiro lugar, a dificuldade surge pelo facto de cada indivíduo experienciar esta fase da vida de formas diferentes, dependendo do seu nível de maturidade física, emocional e cognitiva, bem como de outras contingências pessoais, familiares, sociais e comunitárias. Em segundo lugar, a dificuldade surge pelo facto de a idade legal (i.e., maioridade) não ser unânime em todos os países do mundo, observando-se, por exemplo, uma maioridade aos 18 anos em muitos países, enquanto em outros, como o Irão, a maioridade acontece aos 9 anos para as raparigas e aos 15 para os rapazes. E, em terceiro, a ausência de uma idade legal que seja unânime leva a que muitos adolescentes e jovens do mundo se encontrem envolvidos com atividades de trabalho, de casamento e conflitos, com os quais são obrigados a assumir papéis que os privam de viverem a sua infância ou adolescência.

Neste sentido e tal como Brás (2008) refere:

A puberdade é simultaneamente o mecanismo de passagem da infância à adolescência. Teoricamente, poderemos considerá-la distinta da adolescência, contudo, esta distinção é um pouco artificial, pois os dois

fenómenos estão intimamente imbricados cronologicamente e, na sua essência, rapariga ou rapaz, o ponto de partida é o mesmo; tudo se inicia na cabeça (...) a puberdade pode ser caracterizada pela maturação dos caracteres sexuais primários, bem como pelo aparecimento dos caracteres sexuais secundários ligados a alterações morfológicas (p. 82).

Tendo como pano de fundo o conceito de puberdade, observa-se que as diferenças ocorrem entre rapazes e raparigas, bem como entre os indivíduos do mesmo sexo. Assim sendo, as raparigas parecem iniciar a puberdade cerca de 12 a 18 meses mais cedo que os rapazes, apresentando uma média etária no aparecimento da menarca, por volta dos 12 anos, enquanto os rapazes têm, em média, a sua primeira ejaculação por volta dos 13 anos de idade (UNICEF, 2011). Apesar disto, existem raparigas que experienciam a menarca por volta dos 8 anos de idade, o que acaba por reforçar as evidências atuais que têm mostrado que, cada vez mais, a puberdade se inicia precocemente, por comparação há alguns anos atrás, sendo que a alimentação e a saúde se encontram na base das razões para esta mudança. Isto significa que as raparigas e também alguns rapazes atingem precocemente a puberdade exibindo mudanças fisiológicas e psicológicas que se encontram associadas ao período da adolescência, sem ainda estarem nesta fase de desenvolvimento (*World Health Organization [WHO/OMS], Joint United Nations Program on HIV/AIDS [UNAIDS] & United Nations Population Fund [UNFPA], 2004*).

Tem havido uma preocupação em delimitar cronologicamente a adolescência, pelo que a Organização Mundial de Saúde (WHO/OMS *et al.*, 2004) assume que a adolescência ocorre entre os 10 e os 19 anos (*adolescents*), enquanto a Organização das Nações Unidas (ONU, UNICEF, 2011), considera a faixa etária entre os 15 e os 24 anos (*youth*).

Dada a multiplicidade de experiências que separam os adolescentes dos jovens adultos, a UNICEF (2011) propõe a divisão da adolescência em dois momentos diferenciados: a fase inicial, que decorre entre os 10 e os 14 anos de idade e, a fase final, que ocorre entre os 15 e os 19 anos.

A fase inicial caracteriza-se por um conjunto de mudanças físicas associadas geralmente à aceleração do crescimento, seguida do desenvolvimento dos órgãos sexuais e das

características sexuais secundárias. Estas mudanças podem ser motivo de ansiedade, mas também de entusiasmo e de orgulho pelo corpo que se encontra em transformação (Alves, 2016; Coimbra de Matos, 2011; Delaroche, 2006).

Sob o ponto de vista fisiológico, o cérebro inicia um maior desenvolvimento elétrico, pelo que o número de células cerebrais pode duplicar no espaço de um ano e, as redes neurais reorganizam-se com um impacto visível ao nível da capacidade emocional, física e mental. Neste sentido, também o lobo frontal, que é responsável pelo raciocínio e tomadas de decisão, começa a desenvolver-se de forma mais acentuada nas raparigas, por comparação aos rapazes, durante este período. Nos rapazes, pelo facto de a maturação se iniciar mais tardiamente e tender a prolongar-se por mais tempo, é natural que estes tendam a agir mais impulsivamente e a pensar de forma mais acrítica, contribuindo para a perceção generalizada de que as raparigas amadurecem mais precocemente do que os rapazes (Johnson, Blum, & Giedd, 2009). Na fase inicial, quer as raparigas quer os rapazes, tornam-se mais conscientes do seu sexo, ajustando o seu comportamento e aparência em função daquilo que observam como normativo na sociedade onde estão inseridos (Alves, 2016), muito embora seja nesta fase que se iniciem os principais comportamentos de vitimização, levando-os a sentirem-se confusos relativamente à sua própria identidade pessoal, social e sexual (UNICEF, 2011). Na fase final da adolescência, as principais mudanças físicas já ocorreram, embora o corpo continue em desenvolvimento. O cérebro continua a desenvolver-se e a organizar-se, emergindo o pensamento analítico e reflexivo, de forma mais ampliada (Johnson *et al.*, 2009). Por conseguinte, as opiniões do grupo de pares assumem particular relevância, diminuindo à medida que o adolescente adquire maior clareza e confiança nas suas próprias opiniões e identidade (Coimbra de Matos, 2011).

Assim, a tendência para correr riscos e a procura pela aventura é marcante neste período de desenvolvimento em que os adolescentes procuram comportar-se como adultos, não o sendo. É igualmente um período que marca o aparecimento de alguns comportamentos associados ao consumo de tabaco, de álcool e de drogas, bem como os primeiros relacionamentos amorosos e, conseqüentemente, as primeiras experiências sexuais (Alves, 2016; UNICEF, 2011).

A maturidade neuronal na adolescência foi estudada por Shulman, Davila e Shachar-Shapira (2011), num estudo com adolescentes israelitas onde constataram diferenças nos relacionamentos amorosos entre os adolescentes que se encontram na fase inicial da adolescência e os que se encontram na fase final. Os primeiros apresentam maiores dificuldades em gerir e interiorizar, de forma adequada, as experiências amorosas sexuais, enquanto os segundos apresentam uma maior maturidade cognitiva e social para os relacionamentos.

A par do desenvolvimento físico e biológico encontram-se, ao longo deste período, as mudanças ao nível emocional, pese embora este desenvolvimento tenha já ocorrido nos primeiros anos de vida, acentuando-se nesta fase e exigindo que os adolescentes aprendam a regular e a gerir as suas emoções nas relações que estabelecem consigo mesmos e com os outros (Sá, 2002).

À medida que o adolescente conquista uma maior autonomia funcional com impacto na qualidade das relações que estabelece com as figuras significativas (Stretch, 2002), surgem alterações emocionais que condicionam o reconhecimento de si próprio e a sua capacidade de se tornar autónomo (Simões, 2007), sendo que Yano e Ribeiro (2011) justificam estas alterações emocionais com a imaturidade emocional que leva o adolescente a vivenciar novas emoções e sentimentos de forma intensa, estranha e contraditória em função da maior atividade hormonal que caracteriza esta fase de desenvolvimento.

A partir das primeiras experiências amorosas, o adolescente vai construindo e reformulando as suas relações intra e interpessoais (Galvão, 2008), na medida em que os primeiros desgostos, perdas afetivas e frustrações estarão presentes (Matos & Sampaio, 2009).

Os adolescentes que possuem um bom desenvolvimento/maturidade emocional apresentam uma menor probabilidade de virem a ter problemas relacionais e emocionais, uma vez que tendem a apresentar uma autoestima mais elevada e a sentirem-se mais aptos e motivados (Sá, 2002).

Sob o ponto de vista psicológico, os adolescentes passam por uma verdadeira “revolução profunda e duradoira” (Vilelas, 2009, p. 22). Esta revolução, muitas vezes

considerada como a “crise da adolescência”, é marcada pela procura de identidade como ser individual e como ser social na sociedade onde se insere (Brás, 2012).

A construção da identidade e a autonomia parental realiza-se com base nas múltiplas experiências e na complementaridade entre a vinculação aos pais e ao grupo de pares (Peralta & Rodrigues, 2006). É neste sentido que a construção da identidade é assumida como uma das missões principais da adolescência, sendo que ela decorre das experiências, pensamentos e sentimentos que o adolescente possui acerca de si próprio em todos os aspetos da vida (Patrão, 2005; Simões, 2007).

Essa construção de identidade é ainda assente nos valores e na visão que detém sobre o mundo que o rodeia, sendo que estas são essencialmente transmitidas pela família, num primeiro momento do desenvolvimento e, pela escola, num segundo momento (Camargo & Ferrari, 2009; Sampaio, 2002).

Se, por um lado, a intensa ligação que o adolescente estabelece com o grupo de pares estimula a sua identidade e autonomia, por outro, ela aporta uma ambivalência entre a necessidade de continuar dependente dos pais e a sua independência, pelo que uma das tarefas da adolescência é a construção de uma identidade própria, autónoma e independente (Vilelas, 2009). Neste sentido, as mudanças sociais que ocorrem nos adolescentes, são marcadas por processos de individuação e de autonomia, que poderão ser geradores de conflitos e potenciar a adoção de comportamentos de risco, como o uso de drogas, de álcool, comportamentos de risco e de violência (Einstein, 2005), podendo associar-se a comportamentos de indisciplina e de rebeldia (Capanema & Vorcaro, 2012).

Apesar das transformações físicas, biológicas, emocionais, psicológicas e sociais, a adolescência é marcada por uma viragem no desenvolvimento, um tempo de oportunidades, idealismo e de esperança, pelo que no final desta fase os adolescentes integram o mundo do trabalho ou avançam na sua educação, estabelecendo a sua própria identidade e a sua visão do mundo, começando a participar ativamente na sociedade onde se encontram inseridos (UNICEF, 2011).

Pelo facto de se tratar de uma fase de desenvolvimento na qual surgem os primeiros relacionamentos amorosos, assume-se fundamental na deteção dos níveis de violência

que possam estar presentes (Caridade, 2011), pelo que em seguida se aborda a violência em sentido geral e, a violência no namoro em sentido específico.

2. A violência

A violência, seja qual for a maneira como ela se manifesta, é sempre uma derrota.

Jean-Paul Sartre

Não existe apenas uma “violência”, mas antes uma multiplicidade de manifestações de violência ou de atos violentos, pelo que a sua definição advém dos diversos atos que possuem um enquadramento subtil, como é o caso da violência emocional ou da violência verbal (Oliveira & Manita, 2003). A violência é, portanto, um fenómeno dinâmico que não se encontra circunscrito a determinados grupos sociais, económicos ou geográficos, pelo que a sua definição é complexa e paradoxal (Machado, 2010).

Em sentido amplo, a violência é vista como o uso intencional da força física ou do poder, que é dirigido contra si próprio, contra outro indivíduo ou contra um grupo/comunidade (WHO/OMS, 2009).

De acordo com Dias (2004), a violência não diz apenas respeito ao uso da força física, mas também a toda a ação, comportamento, tratamento ou costume com a intenção de ferir ou causar danos a pessoas ou bens, ou até mesmo retirar pela força a liberdade de um indivíduo.

Na perspectiva de Oliveira e Manita (2003) a violência é “o uso intencional da força, coação ou intimidação contra terceiros ou de toda a forma de ação intenção que, de qualquer modo, lese os direitos e as necessidades dessa pessoa” (p. 217).

Segundo Machado (2010), a violência surge, muitas vezes, como

(...) tentativa de controlo e domínio sobre a outra pessoa, através de atos físicos, assim como de formas de controlo/domínio que garantem o sentido de onipotência do agressor, tais como a violência psicológica - a qual pode surgir através do isolamento, do limitar ou controlar o exercício de determinadas tarefas ou papéis, de verbalizações insultuosas, do controlo e do domínio por ameaça de danos a si próprio ou a outros, intimidação, ciúme, entre outros - e a violência sexual (p. 7).

Também Matos, Negreiros, Simões e Gaspar (2009) sugerem que a violência resulta do uso de agressão, do poder, da influência física e psicológica e de ameaças, contra um

indivíduo, grupo ou comunidade, com a intenção de ferir física ou psicologicamente o outro, manipulando e seduzindo, forçando e mostrando o domínio e poder.

No âmbito da violência, há sempre uma vítima e um ou vários perpetradores de violência. Vítima é a pessoa repetidamente agredida física, sexual e psicologicamente por parte de outrem, enquanto o perpetrador é o indivíduo que exerce a violência sobre a vítima, sendo ele que, aparentemente, possui o controle e o poder (Kimberg, 2008).

Todas as definições apresentadas apontam para a violência como um ato de abuso físico e psicológico para com o outro. Nesta investigação, a violência será estudada no âmbito das relações de namoro entre adolescentes, pelo que a violência será tida como o uso de abuso físico, psicológico, emocional e/ou sexual perpetrado pelo(a) parceiro(a) ou ex-parceiro(a).

2.1. Tipos de violência

Segundo a WHO/OMS (2009) a violência nas sociedades atuais, encontra-se agrupada em categorias essenciais: autodirigida, interpessoal e coletiva. Assim, a violência autodirigida, refere-se a um tipo de violência que o agressor inflige a si próprio, podendo ser subdividida em comportamentos suicida ou de autoabuso. A interpessoal, refere-se a todo o tipo de violência perpetrada por um indivíduo ou pequeno grupo de pessoas contra outrem, subdividindo-se em violência familiar, violência nos relacionamentos íntimos e violência comunitária. A violência coletiva é todo o tipo de violência realizada por grupos de maior dimensão, como organizações terroristas, estatais, partidos políticos, entre outros, dividindo-se em violência social, violência política e violência económica.

Os atos de violência podem ser perpetrados isolados ou concomitantemente e serem de natureza física, psicológica e sexual, estarem associados à privação ou à negligência (Machado, 2010).

O tipo de violência mais investigado é a física, sendo poucos os estudos que investigaram a violência psicológica (Oliveira & Sani, 2005). Na violência física o agressor recorre à força física ou à restrição para provocar dano ou injúrias a outrem. Na agressão psicológica subsiste um padrão de agressão verbal e não-verbal, com intenção

de causar sofrimento psicológico a outro, desvalorizando-o constantemente. A violência sexual diz respeito a toda a pressão física ou psicológica exercida sobre outrem, a fim de impor condutas sexuais não desejadas (Barreiros, 2009).

O *cyberbullying* tem vindo a ser assumido como uma forma de violência realizada através dos meios eletrónicos e novas tecnologias de comunicação (Li, 2006).

Teixeira (2000) subdivide a violência em três prismas: (i) física e verbal, (ii) ativa ou passiva e (iii) direta ou indireta. Assim, a violência física manifesta-se por agressões intencionais e repetitivas que danificam a integridade moral das pessoas, mediante a utilização de algum objeto, arma ou substância perigosa. A violência verbal é caracterizada pelo uso de palavras ou frases, que afetam ou causam algum dano à vítima, como forma de a magoar ou humilhar. A violência ativa é abertamente manifestada, enquanto a passiva, contrariamente, é expressa de forma camuflada. A violência realizada de forma direta, refere-se a um tipo que atinge diretamente a vítima, enquanto a indireta se refere àquele tipo de violência que não é dirigida à vítima, mas esta é testemunha da mesma (e.g., crianças/adolescentes que assistem à violência interparental).

O fenómeno da violência encontra-se intimamente associado aos princípios fundamentais da democracia, bem como à violação dos direitos humanos (Amado & Freire, 2005). Embora o conceito de igualdade, de liberdade e de respeito pela identidade sexual e de outros comportamentos, os padrões das sociedades instituídos como normais, ainda têm um grande impacto na forma de pensar, agir e sentir dos adolescentes, o desvio a essa normalidade ainda é alvo de elevadas atitudes homofóbicas (Castro *et al.*, 2004).

2.2. A violência nos adolescentes

Independentemente do tipo de violência, esta encontra-se presente no seio dos adolescentes, pelo que apesar de não se tratar de uma temática recente, a violência nas escolas tornou-se num tópico de investigação, com projeção mediática, na sequência de atos de violência realizados por crianças e adolescentes (Machado & Gonçalves, 2003).

Um estudo conduzido por McMurrin, Blair e Egan (2002), procurou analisar as possíveis correlações entre a violência, impulsividade, resolução de problemas sociais e consumo de álcool, tendo constatado que a impulsividade se encontra negativamente correlacionada com a resolução de problemas sociais e esta, negativamente correlacionada com a violência. Estes resultados confirmam a hipótese de que altos níveis de impulsividade levam a precárias estratégias de resolução de problemas sociais, que por sua vez, estão associadas com a violência.

Horta, Horta, Pinheiro e Krindges (2010) num estudo realizado com 960 adolescentes procuraram analisar a relação entre os comportamentos violentos dos adolescentes e a coabitação parental, tendo constatado que o envolvimento em comportamentos violentos foi referido por 23% dos adolescentes e o uso de armas por 9,6%.

Em Portugal, um estudo realizado por Sousa, Correia, Ramos, Fraga e Barros (2010), junto de 7511 adolescentes com idades entre os 15 e os 19 anos de idade, matriculados em escolas públicas, procurou estimar a prevalência de envolvimento dos jovens em violência, tendo concluído que o tipo de violência mais comum foi a emocional (15,6%). Os rapazes estiveram mais envolvidos em lutas do que as raparigas (13,6% contra 3,6%). A violência física foi de 19,5% nos rapazes contra 7,5% nas raparigas. A prevalência de violência emocional nas raparigas foi de 16,2% e de 14,8% nos rapazes. A violência sexual esteve mais presente nas raparigas por comparação aos rapazes (2% contra 1,8%).

Também Matos e a Equipa do Projeto Aventura Social e Saúde (2011), num estudo realizado numa escola do Porto, com 120 adolescentes constataram uma prevalência de comportamentos violentos em contexto escolar, identificando 44,7% que afirmaram ter sofrido algum tipo de violência. Segundo Espinheira e Jólleksin (2010) os comportamentos agressivos mais elevados são encontrados em rapazes, quando comparados com as raparigas.

Em 2011, Cruz, Almeida, Pinto e Aleluia procuraram analisar o impacto das variáveis sociodemográficas no comportamento violento de 920 adolescentes de ambos os sexos e com idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos. Os principais resultados mostraram maiores níveis de violência em adolescentes do sexo masculino, residentes em vilas e com um nível socioeconómico baixo (habilitações dos pais e rendimentos mensais). A

idade, o ano de escolaridade frequentado e o estado civil dos pais não mostraram qualquer influência na violência dos adolescentes.

Todavia, outros estudos têm sugerido que a violência está presente em proporções idênticas nas raparigas e nos rapazes, sendo que a expressão da violência nas raparigas é mais dissimulada, pois tendem a recorrer a formas de violência mais indireta (Costa, Faranzena, Simões, & Pereira, 2013; Melim & Pereira, 2013).

2.3. A violência no namoro

A violência no namoro assume-se como um fenómeno evidente e preocupante, com sérias repercussões ao nível da saúde física, psicológica e emocional. Por conseguinte, trata-se de um tema pertinente a ser investigado, não apenas para incrementar o conhecimento do mesmo, como também para identificar as estratégias de intervenção mais adequadas a este tipo de violência e que possam promover a manutenção de relações de namoro salutareas (Caridade & Machado, 2013).

Neste ponto apresentam-se os tipos de violência no namoro, as abordagens explicativas, principais consequências, os estudos realizados neste âmbito com adolescentes e a prevenção e intervenção através de programas orientados e focalizados na temática.

2.3.1. Tipos de violência no namoro

Os adolescentes, nas suas relações de namoro, parecem experimentar múltiplas formas de violência, de entre as quais se destaca a violência física, a violência sexual e a violência psicológica e/ou emocional (Caridade & Machado, 2006; Machado, Caridade, & Martins, 2010).

A violência física ocorre quando o agressor acredita que possui direito em controlar o(a) companheiro(a), recorrendo ao abuso físico para alcançar aquilo que deseja. Fazem parte deste tipo de violência, os comportamentos de bater, empurrar, pontapear, puxar o cabelo e esmurrar, entre outros (Machado, 2010).

Os atos de violência podem ocorrer apenas uma vez numa relação de namoro, no entanto, por norma são recorrentes e tenderão a agravar-se com o tempo, e cada ato de violência será mais severo do que o anterior (Danis & Anderson, 2008).

Estudos realizados nos Estados Unidos da América indicam que os padrões de violência física se iniciam na fase da conquista durante a adolescência ou no início da idade adulta (Lehrer, Lehrer, & Zhao, 2009). Um em cada quatro jovens experienciou violência física no namoro, enquanto frequentava o ensino secundário (Haberyan & Kibler, 2008). Também 15% das mulheres e 26,6% dos homens afirmaram terem sido vítimas de violência física numa relação amorosa (Lehrer *et al.*, 2009).

A violência sexual refere-se a atos de natureza sexual não consentidos pelo parceiro, sendo que estes atos, no contexto de um encontro amoroso, caracterizam-se pelo uso de pressão para que a vítima tenha relações sexuais ou para que tenha relações sexuais mais vezes do que deseja (Sears & Byers, 2010).

Estudos mostram que cerca de 50% dos estudantes que são vítimas de violência sexual no namoro durante o ensino secundário, também o serão no ensino universitário (Caridade & Machado, 2008). O comportamento sexual agressivo é, muitas vezes, resultado de normas culturais que o desculpabilizam ou aceitam, existindo fatores de risco que aumentam a vulnerabilidade à vitimização e perpetração deste tipo de violência, nomeadamente características da vítima, características dos perpetradores e características situacionais (Caridade & Machado, 2008).

Tendo em conta alguns estudos e, ao contrário daquilo que se verifica para a violência física e psicológica, as vítimas de violência sexual aparentam ser maioritariamente do sexo feminino (Sears & Byers, 2010).

Por último, a violência psicológica refere-se a atos de intimidação por parte do agressor para obter controlo sobre a vítima, alguns dos comportamentos que aqui se inserem são, o isolamento, a perseguição, a ameaça de ofensa e o desprezo (Danis & Anderson, 2008).

O isolamento ocorre essencialmente porque o agressor encoraja a vítima a terminar relacionamentos com amigos ou familiares, mesmo quando vive com a família. É comum os agressores utilizarem frases que passam a mensagem de que o casal só precisa um do outro e de mais ninguém, ou então que minimizem as pessoas com quem

a vítima frequentemente se relaciona. É frequente que a vítima termine os relacionamentos com elementos do sexo oposto, porque o agressor demonstra que não é correto o estabelecimento de relações próximas com pessoas que não do mesmo sexo e a vítima acaba por se sentir culpada (Sears & Byers, 2010).

Uma característica comum neste tipo de violência é o facto de o agressor ameaçar suicidar-se se a vítima terminar a relação com ele. Estas ameaças são, normalmente eficazes, pois as vítimas sentem que caso isso aconteça a culpa será sua (Toscano, 2007).

É também comum a diminuição da autoestima da vítima, reforçadora do ciclo de violência que se apresentará mais à frente neste trabalho, permitindo que o agressor mantenha o seu controlo e poder. Por vezes, os efeitos da diminuição da autoestima são muito mais severos que as marcas físicas que possam existir. A questão da autoestima fragilizada no adolescente reforça a situação de violência psicológica, na medida em que ela não permite a saída da situação, uma vez que a vítima não possui confiança suficiente em si, para o poder fazer (Sears & Byers, 2010).

Este tipo de violência no namoro ocorre em graus de severidade relativamente baixos, sendo que permanecem, quase sempre, ao nível dos insultos, berros, empurrões e ser-se agarrado. Apenas uma pequena parte das vítimas é sujeita a graus severos de violência, como por exemplo ser queimada, empurrada contra uma parede e morta (Associação de Apoio à Vítima [APAV], 2015; Kaura & Lohman, 2007).

As raparigas parecem ser mais sujeitas a agressões físicas mais severas do que os rapazes e, numa mesma relação de violência, é possível estarem presentes as três formas de violência descritas para os rapazes (Sears & Byers, 2010).

Nas relações de namoro, verifica-se que os atos praticados são menos severos do que nas situações conjugais. Todavia, há situações em que os atos praticados pelo(a) namorado(a) são de um nível elevado de gravidade (Lichter & McCloskey, 2004). Embora a violência física seja a última forma de violência a surgir no namoro, esta é precedente à violência psicológica e sexual, sendo, portanto, estas duas últimas, importantes indicadores de que a violência física pode ocorrer (Toscano, 2007).

Também é comum que durante o relacionamento amoroso as pessoas envolvidas não legitimem os atos violentos como violentos, aceitando-os como normativos do

relacionamento (Aldrighi, 2004). Esta não legitimação e aceitação normativa poderá desenvolver-se e agravar-se sem que ambos tenham consciência de que estão perante comportamentos violentos, até surgir a violência na sua forma física, numa fase mais avançada da relação, dificultando a intervenção (Sears & Byers, 2010).

2.3.2. *Abordagens explicativas da violência no namoro*

A revisão de literatura mostra que há um percurso evolutivo no âmbito da violência no namoro (Dias, 2012), pelo que as diversas abordagens explicativas do fenómeno da violência fazem-no num sentido mais abrangente e não específico da situação íntima de namoro. De entre essas teorias, na Tabela 1 pode ser observado um resumo das três abordagens mais encontradas na literatura (Caridade & Machado, 2013; Hines & Saudino, 2002; Ismail, Berman, & Ward-Griffin, 2007; Mahlstedt & Welsh, 2005; Matos, 2002; Nayak, Byrne, Martin, & Abraham, 2003), sabendo que cada uma delas enfatiza determinadas variáveis em detrimento de outras, pelo que são passíveis de serem identificadas limitações na compreensão ampla do fenómeno de violência no namoro.

Tabela 1

Abordagens explicativas da violência

Abordagens	Pressuposto	Limitações
Abordagens intraindividuais	Genericamente estas abordagens procuram compreender as ações dos agressores a partir das suas características biológicas e psicológicas, bem como descrever a personalidade das vítimas e a sua vulnerabilidade para a ocorrência da violência (Ismail <i>et al.</i> , 2007). Centram-se nas experiências individuais de violência e sua associação com fatores precipitadores (e.g., álcool, conflitos relacionais).	Atender às condições internas do indivíduo significa individualizar o problema e ignorar outros fatores. Numa lógica preventiva, erradicar a violência passaria pelo tratamento clínico do agressor e não uma intervenção social e/ou comunitária (Matos, 2002).
Abordagens didático-familiares	O comportamento é determinado pelo ambiente, particularmente pela família, mediante mecanismos de observação, reforço, modelagem ou coação (Hines & Saudino, 2002), pelo que a violência decorre da aprendizagem social.	Subsistem indivíduos violentos mesmo que não tenham tido qualquer aprendizagem social nesse sentido e, existem indivíduos que foram expostos à violência na infância e não possuem comportamentos violentos na intimidade (Caridade & Machado, 2013).
Abordagens socioculturais	A violência resulta de um conjunto de valores patriarcais que foram institucionalizando a vários níveis e sob formas diferentes: macrosocial, intergeracional, cultural e individual (Nayak <i>et al.</i> , 2003).	O peso desses valores está apenas presente e influencia um determinado conjunto de indivíduos em detrimento de outros (Caridade & Machado, 2013).

Fonte: Adaptado de Caridade e Machado (2013), Hines e Saudino (2002), Ismail *et al.* (2007), Mahlstedt e Welsh (2005), Matos (2002) e Nayak *et al.* (2003).

Caridade e Machado (2013) consideram que a compreensão da violência no namoro radica, não num modelo único explicativo que fornece uma visão redutora da problemática, mas sim na aceitação de um modelo integrador dos diversos fatores compreensivos, complexos e de natureza multidimensional, sejam individuais, interpessoais, estruturais e/ou culturais, que interagem mutuamente nos comportamentos de violência no namoro.

A violência não faz parte da natureza humana e não possui uma origem biológica. Ela é um fenómeno biopsicossocial complexo e dinâmico que se forma e desenvolve no contexto da sociedade, sendo que há estudos que mostram a existência de predisposições biológicas e fatores individuais para a agressão, no entanto, essas predisposições não originam, necessariamente, comportamentos de violência. A interação destas predisposições com fatores familiares, culturais, comunitários ou outros é que podem originar situações de violência (Dahlberg & Krug, 2007).

2.3.3. Consequências da violência no namoro

O impacto da vitimização não é igual para todos os indivíduos, dependendo de um conjunto de fatores que podem agravar ou atenuar os efeitos da violência (Caridade & Machado, 2008).

Fisicamente as consequências podem variar entre as pequenas lesões e cortes, até à incapacidade permanente ou morte. De entre estes dois extremos, ainda se encontram outras formas de traumatismos, equimoses, fraturas, distúrbios e contusões (Leitão, 2013). Nos adolescentes, as consequências físicas mais comuns são pequenas lesões, cortes, hematomas (Offenhaure & Buchalter, 2011).

Para além das consequências físicas, este tipo de violência pode levar a vítima a ter que viver em medo, ansiedade, sobressalto que geram sentimentos de depressão, baixa autoestima e pânico generalizado, nomeadamente na intimidade, formando um quadro de consequências psicológicas (Barroso, 2008).

As consequências da violência no namoro são devastadoras, sejam a nível físico, emocional, psicológico e social, pelo que nos adolescentes, há uma tendência para o desenvolvimento de doenças mentais, dores de cabeça, indisposições, angústia

emocional e depressões. Podem apresentar choro fácil, fadiga, pensamentos suicidas e incapacidade de disfrutar da vida. Como forma de ultrapassar a dor emocional e física que este tipo de violência aporta, as vítimas estão mais propensas ao consumo de álcool e drogas. Em idades mais jovens são comuns os sentimentos de culpa e vergonha, que servem como fatores de manutenção da relação abusiva (Lourenço & Carvalho, 2001).

Quando a violência ocorre em contexto escolar é difícil para as vítimas deixarem de se cruzar com os agressores e ignorar as reincidências, pelo que, uma das formas que elas podem encontrar para lidar com a situação é deixarem de ir às aulas e às atividades escolares (muitas vezes por medo). A concentração e a vontade de estudar ficam condicionadas, pelo que a tendência é para terem notas negativas, quando comparadas com os outros estudantes (Dahlberg & Krug, 2007).

Como referenciado, a violência no namoro aparenta ser um precursor da violência conjugal, pelo que é importante compreender o ciclo conjugal que permite a manutenção da situação de violência. Este ciclo é constituído por três fases (Figura 1): a fase da acumulação da tensão, a fase do ataque violento e a fase do apaziguamento ou “lua-de-mel” (APAV, 2012; Machado, 2010).

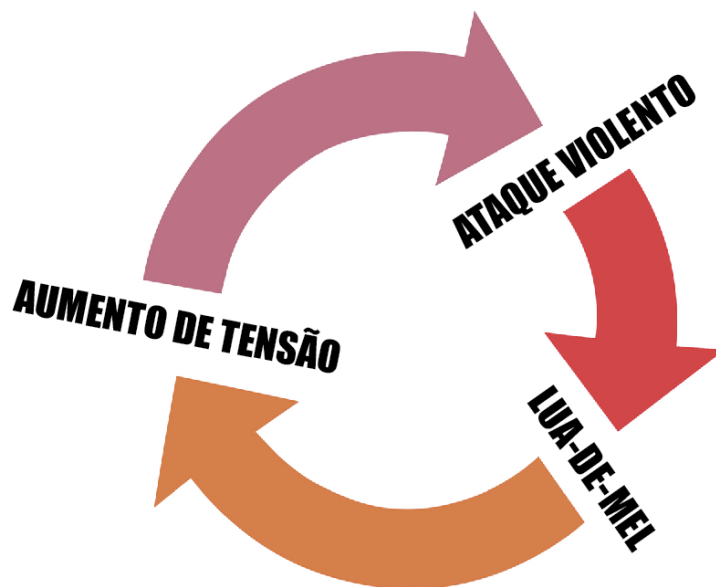


Figura 1. Ciclo da violência

Fonte: APAV (2012)

Assim, na fase da acumulação da tensão, a vítima, apesar de estar sujeita a agressões por parte do companheiro(a) nega a raiva que sente em relação à violência no casal e procura justificações plausíveis (do seu ponto de vista), para a sua ocorrência. A segunda fase é caracterizada pelo ataque violento, o agressor descarrega a tensão acumulada, na vítima, através das várias formas de violência. Neste caso, a vítima “aceita” a violência sem contestar, pois não vê outra possibilidade de resposta. Por último, segue-se a fase de “lua-de-mel”, em que existe a reconciliação do casal. O agressor pede desculpa à vítima, demonstrando-se arrependido pelos atos violentos. Estas fases formam um ciclo, acabando por se sucederem umas após as outras, repetidamente. No entanto, com o aumento da frequência das agressões, a última fase segue uma tendência para se extinguir (Machado, 2010).

Ao nível do namoro, as vítimas parecem envolver-se de modo semelhante num padrão de abandonar e regressar à relação, repetidamente. No entanto, a percepção que vão adquirindo da violência evolui ao longo do tempo, até eventualmente começarem a ver a violência como verdadeiramente ela é, reconhecendo que não são culpadas pelos atos de agressão de que são alvo (Ismail *et al.*, 2007).

2.3.4. Estudos sobre violência no namoro

A violência no namoro não é um problema recente, pelo que já foram desenvolvidas investigações que procuraram caracterizar a sua prevalência em adolescentes (Caridade, 2011; Caridade & Machado, 2006; Machado, Matos, & Moreira, 2003), sendo uma preocupação da OMS (2012).

Apesar de a literatura identificar um conjunto de variáveis que poderão predispor os adolescentes para a violência (Jaycox *et al.*, 2006), com especial focalização para a vitimização prévia na infância, seja por violência direta ou indireta, aspetos como o consumo de álcool e drogas e outros fatores pessoais (e.g., baixa autoestima, depressão, competências comunicacionais e relacionais reduzidas), parecem estar presentes neste tipo de comportamento (Caridade & Machado, 2013).

Internacionalmente, um estudo realizado na Nigéria revelou que 45% das pessoas do sexo feminino e 32% dos indivíduos do sexo masculino, na faixa etária dos 12 aos 21

anos, relataram terem tido uma relação sexual forçada (Slap *et al.*, 2003). Na África do Sul, uma investigação com 280000 alunos mostrou que, até aos 15 anos de idade, aproximadamente 9% de rapazes e raparigas relataram sexo forçado no último ano, aumentando para 13% nos rapazes e 16% das raparigas até aos 19 anos de idade (CIETafrica, 2002).

Uma revisão de estudos norte-americanos concluiu que as prevalências de violência física e sexual ocorrida em namoros ao longo da vida e entre 2002 e 2003, variam significativamente entre 9 a 49% (Glass *et al.*, 2003).

Em Portugal, os dados do estudo de Caridade e Machado (2006) revelaram que poucos são os jovens envolvidos em situações de abuso que procuram ajuda (estimativas rondam os 9%). Também Paiva e Figueiredo (2003) reportaram que a maioria das vítimas não procura assistência médica para o tratamento das sequelas decorrentes da violência, o que acaba por encobrir a real percentagem de violência neste âmbito. De facto, no Relatório Anual 2014 realizado pela APAV, é possível observar 151 casos de vítimas de violência no namoro e 239 vítimas de ex-namorado/as (APAV, 2015). Todavia, o Instituto de Medicina Legal tornou público que a violência no namoro e no ex-namoro disparou 44% entre 2014 e 2015 de 484 para 699 (Bernardino, 2016). Segundo o estudo, que integrou jovens com 14 anos e mais, quase metade dos inquiridos que fez exames neste instituto, tinha até 25 anos de idade.

Um estudo conduzido por Ferreira (2011) com o objetivo de caracterizar o fenómeno da violência no namoro foi realizado junto de 170 adolescentes de ambos os sexos e a frequentar o ensino secundário. Os principais resultados mostraram uma predominância da violência psicológica, sendo as raparigas mais vítimas dessa violência. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na violência no namoro em função da idade. A autora verificou, ainda, que os adolescentes manifestam poucos comportamentos de procura de ajuda quando são vítimas de violência e, quando o fazem, optam por uma ajuda informal, sentindo-se mais satisfeitos com a ajuda recebida.

Cristovão (2012), num estudo exploratório, procurou analisar a prevalência da violência dos adolescentes e identificar as estratégias de resolução de conflitos abusivas e positivas do próprio e do parceiro, bem como observar as crenças e atitudes dos

adolescentes relativamente à violência física, psicológica e sexual nos relacionamentos íntimos. Participaram 629 estudantes do ensino secundário, de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos. A autora utilizou o Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (CADRI) e a Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN). Os principais resultados mostraram que 4,2% dos adolescentes não possui comportamentos abusivos nas suas relações e que 38,8% não têm comportamentos violentos na díade. O tipo de violência mais presente foi a violência emocional/verbal e a menos presente a violência física. Observou ainda que quanto maior a legitimação da crença da violência, maior a prevalência de comportamentos violentos na relação. Os adolescentes consumidores de drogas e álcool reportam mais comportamentos violentos do que aqueles que nunca consumiram.

O estudo desenvolvido por Ventura (2014) junto de 688 estudantes de duas escolas secundárias da região de Coimbra mostrou que uma parte dos estudantes (23%) percecionou ter sido vítima de violência nas suas relações de namoro. Também Ribeiro (2013) realizou um estudo com 110 raparigas, com idades entre os 12 e os 19 anos, residentes na zona geográfica de Lisboa e Vale do Tejo, tendo identificado uma prevalência de violência no namoro de 10,8%. No estudo de Lucas (2002) a prevalência de violência no namoro foi de 9,8% e no estudo de Oliveira e Sani (2005) de 41%.

Gonçalves (2013), no seu estudo com 267 alunos que frequentavam entre o 9º e o 12º ano em instituições escolares dos Açores, mostrou que a maioria dos participantes parece não legitimar o uso da violência nas relações amorosas.

O estudo realizado por Moura (2012) procurou compreender as atitudes dos adolescentes perante a violência no namoro e a forma como os estilos parentais percecionados condicionam a forma como toleram e legitimam a violência. Participaram neste estudo 221 adolescentes com idades entre os 12 e os 16 anos. Os principais resultados mostraram que os rapazes legitimam e toleram mais a violência no namoro, independentemente de se percecionarem como perpetradores ou vítimas. O autor constatou ainda que pais percecionados como permissivos se encontravam associados a elevados níveis de legitimação e tolerância face à violência no namoro, enquanto pais percecionados como mais autoritários se encontravam inversamente relacionados com os níveis de aceitação e legitimação da violência.

Mais recentemente, Guerreiro *et al.* (2015) realizaram um estudo no decurso do ano letivo de 2012/2013, que integrou 894 adolescentes da região do grande Porto. Através de um questionário com 10 questões que pretendiam avaliar a prevalência das diferentes formas de violência e o seu reconhecimento ou legitimação, os autores constataram que 35% dos adolescentes tinham já sofrido pelo menos uma das 10 formas de violência descritas (proibição de sair por parte do/a companheiro/a; forçar a fazer algo que não quer; pegar no telemóvel sem autorização; chamar nomes durante uma zanga; agressões físicas com marcas; agressões físicas sem marcas; proibir de falar com amigos; ameaças; humilhação e proibições de vestir peças de roupa). Cerca de 33% das raparigas e 36% dos rapazes, refere ter sido vítima de pelo menos uma das formas de violência.

2.3.5. Prevenção/intervenção na violência no namoro: O papel do enfermeiro especialista em enfermagem comunitária

Os resultados dos diversos estudos que têm sido conduzidos são preocupantes e exigem uma intervenção eficaz na prevenção da violência no namoro. No entanto, as estratégias de prevenção devem considerar o problema da violência no namoro como parte integrante de um espaço público e não privado, sublinhando a sua posição como um problema de âmbito social (Direção Geral de Saúde, 2003).

Os diversos especialistas sublinham que a educação é a melhor forma de prevenção, nomeadamente através de programas de intervenção que permitem aceder a um grande número de jovens e disseminar estratégias adequadas de resolução de problemas, sem recurso à violência (Matos, Machado, Caridade, & Silva, 2006).

Assim, os programas de educação focalizados nos estudantes do ensino secundário assumem-se como estratégia crucial na prevenção da violência em diversificados contextos, podendo abranger temas diferentes, como é o caso dos direitos humanos, estereótipos de género, princípios de igualdade, capacidades de comunicação e manutenção de relações fundamentadas no respeito mútuo (Jaycox *et al.*, 2006).

A intervenção em jovens é fundamental, pois é na adolescência que surgem as primeiras relações reforçando a importância da desconstrução de crenças que legitimam os

comportamentos violentos, sensibilizando os jovens para a utilização de comportamentos não violentos nas suas relações de intimidade (Direção Geral de Saúde, 2003; Mendes & Cláudio, 2010).

A adolescência é assumida como uma fase de transição entre a infância e a idade adulta, caracterizando-se por um conjunto de mudanças físicas e biológicas, emocionais e psicológicas e sociais, que podem influenciar a saúde do adolescente a todos os níveis. A partilha das emoções e dos sentimentos nos processos de interação nem sempre se afigura uma tarefa fácil para os adolescentes, o que associado a experiências marcantes, como é o caso da violência no namoro, assumem particular relevância ao nível do processo de transição (Meleis, 2010).

Neste contexto, o cuidado educativo é essencial, no sentido de conceder ao adolescente competências necessárias para a realização de escolhas corretas e tomadas de decisão benéficas, nomeadamente competências de assertividade, empoderamento e promoção de autoestima que o ajude a ultrapassar, não apenas as suas dificuldades de ser adolescente, mas também as situações de maior risco de vitimização (Davies, 2010).

Nesta linha, a escola apresenta-se como um espaço importante de socialização dos jovens, bem como o local privilegiado para o aparecimento e sinalização dos comportamentos violentos. Existem diferentes formas de intervenção que podem ser utilizadas para prevenção da violência nas relações de intimidade, nomeadamente a inclusão no currículo das escolas de programas de prevenção da violência, que favoreçam o impacto no conhecimento e, por conseguinte, na procura de ajuda pelos jovens, contribuindo para a intervenção precoce na diminuição de condutas violentas (Coelho & Machado, 2010).

A escola, enquanto espaço de aprendizagem, é um local de importância no desenvolvimento de atividades educativas que contribuem para a promoção e educação para a saúde, reforçando os fatores que favorecem formas de vida saudáveis. Assente na competência c) definida no Regulamento n.º 128/2011 de 18 de fevereiro - *Integra a coordenação dos Programas de Saúde de âmbito comunitário e na consecução dos objetivos do Plano Nacional de Saúde* - o Programa Nacional de Saúde Escolar (Direção Geral de Saúde, 2006) refere que:

Na escola, o trabalho de promoção da saúde com os alunos tem como ponto de partida o que eles sabem e o que eles podem fazer para se proteger, desenvolvendo, em cada um, a capacidade de interpretar o real e atuar de modo a induzir atitudes e/ou comportamentos adequados. Neste processo, os alicerces são as forças de cada um, no desenvolvimento da autonomia e de competências para o exercício pleno da cidadania (p. 16).

Nesta linha de pensamento, o planejamento e a aplicação de programas de intervenção emergem da necessidade de agir através de estratégias eficazes na sensibilização acerca da importância da utilização de comportamentos saudáveis nas relações de namoro e que ajudem no esclarecimento e desconstrução de mitos, crenças e estereótipos de gênero (Jardim & Pereira, 2006).

A escola deve, portanto, ser um espaço de promoção de saúde física, emocional e psicológica, proporcionando um ambiente seguro, de apoio e de desenvolvimento com incentivo à responsabilidade, cidadania e promoção de hábitos de vida saudáveis e de comportamentos relacionais adequados e ajustados (Roehrs *et al.*, 2010).

Estudos têm mostrado a importância destas intervenções na mudança de atitudes e na alteração de crenças que legitimam a violência (Caridade & Machado, 2008). Assim, os programas de intervenção que se encontram baseados na divulgação de informação aos adolescentes relativamente às consequências da violência no namoro mostram que estas intervenções conduzem a uma maior reflexão, por parte dos adolescentes, sobre os comportamentos violentos (Sebastião, Alexandre, & Ferreira, 2010).

Todavia, as instituições de educação não se encontram preparadas para fornecer conhecimentos suficientes que permitam lidar, de forma adequada, com este grupo etário. Cada adolescente vivencia, de forma diferenciada esta fase de desenvolvimento, apresentando variações em função da sua cultura, classe social, sexo e idade, bem como em função das trajetórias de desenvolvimento que vão tendo ao longo da sua vida (Tomey & Alligood 2002). Por estes motivos, apesar de existirem semelhanças entre os adolescentes, a forma de intervenção deverá ser específica e particular, não podendo ser uma intervenção padronizada (McEwen & Wills, 2009).

Estes dados permitem concluir que a prevenção da violência no namoro deve ser uma preocupação central de todos os intervenientes da sociedade e ser encarada como uma

atividade de cidadania organizada, em que se verifique a participação ativa dos cidadãos e do poder local. As intervenções em contexto escolar e na comunidade podem contribuir para a redução da violência e do impacto a longo prazo que esta tem na saúde física e mental, na aprendizagem escolar e na capacidade de trabalho das pessoas, assim como na segurança das comunidades e no desenvolvimento social e económico dos países (WHO/OMS, 2009).

Esta necessidade de participação coletiva sublinha a importância do papel dos profissionais de saúde, muito particular dos enfermeiros especialistas em enfermagem comunitária, como educadores e modelos sociais. De facto, a enfermagem comunitária desenvolve uma prática global centrada na comunidade, pelo que a avaliação do estado de saúde de uma comunidade; a capacitação de grupos e comunidades; a coordenação de programas de saúde comunitária e a realização/cooperação na vigilância epidemiológica assumem-se como competências específicas do profissional desta área (Regulamento n.º 128/2011 de 18 de fevereiro).

A enfermagem comunitária pode ser praticada em diversas áreas e contextos no âmbito da promoção da saúde e da prevenção de doença, considerando as escolas como um local importante para o desenvolvimento destas intervenções e aquisição de competências, onde se inclui a comunidade escolar, possibilitando aos professores um maior conhecimento das particularidades da adolescência, podendo melhorar o seu relacionamento com os alunos, intervir nas suas dificuldades e na sua aprendizagem e facilitando o seu processo de transição (Raimondo *et al.*, 2012).

Na perspetiva de Roehrs *et al.* (2010) é “possível o desenvolvimento do cuidado de enfermagem no espaço escolar e esta ação vai ao encontro da promoção e manutenção da saúde e, conseqüentemente, da prevenção de doenças” (p. 422).

No entanto, os profissionais de saúde não se encontram suficientemente preparados para lidar com os adolescentes e suas preocupações (McEwen & Wills, 2009). Estudos realizados com esta população têm mostrado algumas insuficiências no que diz respeito ao apoio dos serviços de saúde, promoção social e educação, sendo que essas limitações se associam aos conhecimentos insuficientes que os profissionais de saúde detêm, quer na forma de relacionamento com este tipo de população, quer nas temáticas e condutas específicas que os caracterizam (Roehrs, Maftum, & Zagonel, 2010).

Sendo a adolescência uma fase de transição, afigura-se pertinente a teoria das transições de enfermagem, defendida por Meleis (2010), este é o quadro conceptual de base para a criação de um projeto de intervenção comunitário especializado no cuidar em enfermagem, no presente estudo. As transições são vistas como passagens de um estado para outro, sendo, portanto, desencadeadas pela mudança de estádios dinâmicos de viragem, explicados por processos e/ou resultados. Assim sendo, ao longo da vida, as pessoas passam por variadas fases transacionais que implicam uma mobilização de recursos para se poderem adaptar às constantes mudanças, implicam, muitas vezes, a reformulação de papéis, devido à sua insuficiência e/ou quando as pessoas não se encontram preparadas para uma experiência nova (Meleis, 2010).

O modelo conceptual que é apresentado na Figura 2 apresenta, de forma esquemática, a natureza das transições, as condições de transição e os padrões de resposta a que o adolescente se encontra exposto a situações de relacionamentos pouco saudáveis, como é o caso da violência no namoro. O cuidado da enfermagem encontra-se presente em todo o processo (Ventura, 2014).

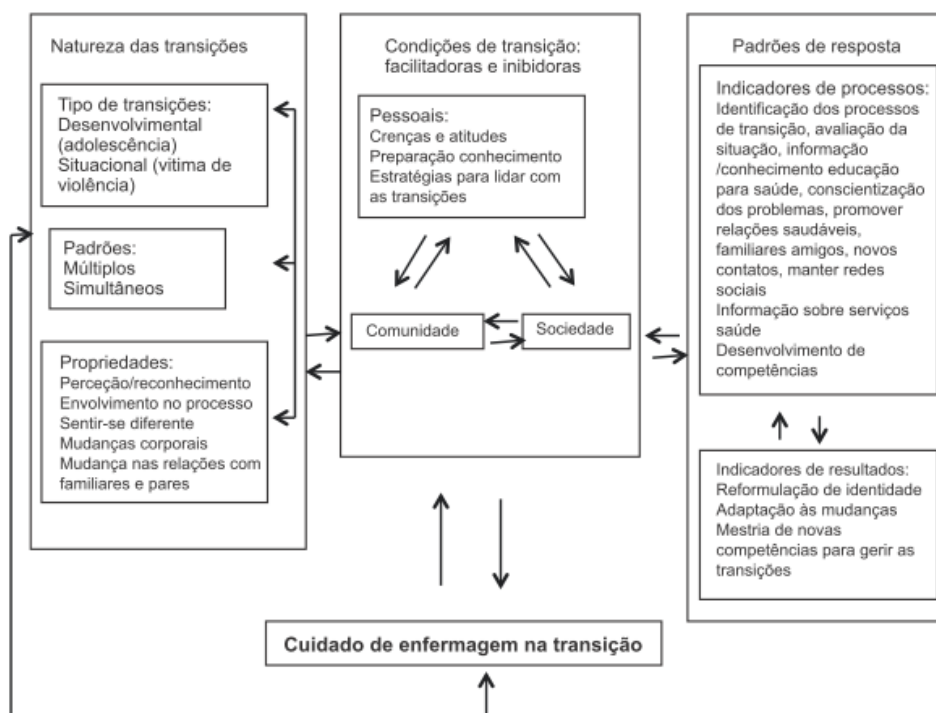


Figura 2. Modelo conceptual de transição

Fonte: Ventura (2014, p. 46)

Neste sentido, os desafios para os enfermeiros encontram-se no entendimento do processo de transição e no desenvolvimento de intervenções eficazes na promoção do equilíbrio e do bem-estar, pelo que a intervenção exige, muitas vezes, a integração de novos conhecimentos, alterações de comportamentos e, conseqüentemente, uma nova definição enquanto pessoa (Davies, 2010).

O envolvimento do enfermeiro especialista em enfermagem comunitária passará, principalmente, pelo desenvolvimento de uma comunicação assertiva e adequada, que lhe possibilite essa transição de forma harmoniosa, positiva e saudável. Essa comunicação deverá fomentar uma proximidade relacional sem preconceitos, juízos de valor ou crítica, fomentando o desenvolvimento do adolescente na sua plenitude e orientando o cuidado para cada situação específica. Por conseguinte, o enfermeiro deverá mobilizar os seus conhecimentos e o seu saber-fazer no processo do cuidar do adolescente no processo de transição, com o intuito de minimizar o impacto dos fenómenos vivenciados e promovendo um ajustamento saudável e equilibrado (Ventura, 2014).

Este cuidado promove um modelo humanista, de integridade e totalidade da pessoa, no seu contexto individual, familiar, social e comunitário, devendo o enfermeiro agir de forma antecipatória, prevenindo as situações de risco e transmitindo os seus conhecimentos para ajudar na consciencialização das situações, no desenvolvimento de competências e na adoção de comportamentos que aportam estilos de vida saudáveis e maior qualidade de vida (Ventura, 2014).

Assumindo que os cuidados de enfermagem se encontram associados a todas as fases do desenvolvimento humano, o enfermeiro especialista em enfermagem comunitária, deve, neste âmbito, avaliar, diagnosticar, planear e implementar estratégias de promoção da saúde, prevenção da doença e intervenções específicas que possam trabalhar todos os componentes das vivências particulares de cada um (Roehrs *et al.*, 2010).

PARTE II - ESTUDO EMPÍRICO

3. Contextualização e objetivos do estudo

O presente estudo tem como principal objetivo analisar a violência no namoro, comportamentos e atitudes que legitimam essa mesma violência, em adolescentes do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal, em Bragança. Trata-se de um estudo relevante, por diversas razões. Em primeiro lugar, porque é um tema atual e pertinente, nem sempre devidamente valorizado pelo facto de não se aceitarem determinados comportamentos como sendo violentos, quando o são, tal como se observou no estudo conduzido por Guerreiro *et al.* (2015).

Em segundo, porque não existem estudos sobre esta temática no distrito de Bragança, sendo importante aferir a violência no namoro neste distrito, como primeiro passo para se propor uma intervenção. De facto, o enfermeiro especialista em enfermagem comunitária deve diagnosticar os problemas comunitários, com o intuito de intervir sobre eles, nomeadamente na necessidade de conceber, delinear e implementar programas de intervenção que possam sensibilizar as pessoas e os grupos para a adoção de comportamentos saudáveis nas relações de intimidade, ajudando a desconstruir mitos, crenças e estereótipos de género associados (Jardim & Pereira, 2006). Neste sentido, compreendemos que o papel do enfermeiro especialista em enfermagem comunitária, neste âmbito, poderá constituir-se numa mais-valia na mudança de atitudes, comportamentos e de crenças que possam legitimar a violência, uma vez que acreditamos, tal como Sebastião *et al.* (2010) sugerem, que as intervenções junto dos adolescentes conduzem a uma maior reflexão sobre, atitudes e comportamentos violentos.

Em terceiro e último lugar, porque defendemos que a prevenção da violência no namoro deve ser uma preocupação central de todos os intervenientes da sociedade, sendo que as escolas assumem uma posição privilegiada para a promoção de uma cidadania organizada em colaboração com os encarregados de educação dos alunos, o poder local e os profissionais de saúde (especificamente os enfermeiros especialistas em enfermagem comunitária), na promoção da saúde e prevenção da doença (Raimondo *et al.*, 2012).

Atendendo a estas considerações e ao estado da arte anteriormente apresentado sobre a violência no namoro, foram formuladas as seguintes questões de investigação:

Qual a prevalência no namoro nos adolescentes do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal?

Quais os comportamentos e as atitudes dos adolescentes do (Agrupamento de Escolas Abade de Baçal), mais prevalentes perante a violência no namoro?

Quais as estratégias de resolução de conflitos no namoro, nos adolescentes desta instituição?

A partir destas questões de investigação e do objetivo principal do presente estudo, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

1. Analisar a violência no namoro nos adolescentes.
2. Analisar a violência no namoro em função do sexo.
3. Analisar a violência no namoro em função da idade.
4. Analisar a violência no namoro em função do ano de escolaridade.
5. Relacionar a violência no namoro com o consumo de tabaco, álcool e outras drogas.
6. Relacionar a violência no namoro com o envolvimento em comportamentos de risco, vitimização no namoro e violência no namoro no grupo de pares.
7. Analisar as atitudes acerca da violência no namoro nos adolescentes.
8. Analisar as atitudes acerca da violência no namoro em função do sexo.
9. Analisar as atitudes acerca da violência no namoro em função da idade.
10. Analisar as atitudes acerca da violência no namoro em função do ano de escolaridade.
11. Relacionar as atitudes acerca da violência no namoro com o consumo de tabaco, álcool e drogas.
12. Relacionar as atitudes acerca da violência no namoro com o envolvimento em comportamentos de risco, vitimização no namoro e violência no namoro no grupo de pares.
13. Identificar um modelo explicativo da violência no namoro (estratégias de resolução de conflitos abusivas e não abusivas), dos comportamentos de violência e das atitudes de violência no namoro (violência psicológica, física e sexual, masculina e feminina).

3.1. Tipo de estudo

Tendo em conta os objetivos definidos para o presente estudo, optou-se por desenvolver um estudo descritivo, analítico e transversal, com uma abordagem quantitativa (Pais-Ribeiro, 2010). Um estudo descritivo “consiste em descrever simplesmente um fenómeno ou um conceito relativo a uma população, de maneira a estabelecer as características dessa população” (p. 164). Um estudo analítico tem como objetivo analisar, explorar, determinar, descrever e interpretar os fatores determinantes que eventualmente possam encontrar-se associados ao fenómeno em estudo numa determinada população e num determinado período de tempo (Pais-Ribeiro, 2010).

O corte transversal assumido no presente estudo diz respeito ao facto de os dados terem sido coletados em apenas um momento (Pais-Ribeiro, 2010).

A abordagem quantitativa tem como intuito explicar, predizer e controlar os fenómenos procurando regularidades e leis, através da objetividade dos procedimentos e da quantificação das medidas. Tem como principais objetivos, descrever a distinção das entidades pelos diversos valores das variáveis e/ou descrever ou examinar relações entre variáveis (Almeida & Freire, 2010).

3.2. População e amostra

A população do presente estudo diz respeito a todos os alunos a frequentar o 10º, 11º e 12º ano de escolaridade, no ano letivo de 2016/2017, no Agrupamento de Escolas Abade de Baçal, em Bragança.

Todos os alunos que frequentam estes anos de escolaridade (N=224) tiveram a possibilidade de integrar o estudo, sendo que os critérios de inclusão foram os seguintes: (a) frequência do ensino secundário neste agrupamento; (b) o facto de já terem namorado ou namorarem atualmente e (c) terem autorização de participação por parte do seu Encarregado de Educação.

Responderam aos questionários **180** alunos que cumpriram os critérios anteriormente assinalados, refletindo cerca de 80% da população. As principais características sociodemográficas da amostra (n=180) encontram-se espelhadas na tabela 2.

Tabela 2

Caraterização sociodemográfica

Variáveis	Frequência (n)	Percentagem (%)
Sexo		
Feminino	100	55,6
Masculino	80	44,4
Idade		
15 anos	49	27,2
16 anos	70	38,9
17 anos	49	27,2
18 anos	12	6,7
Ano de escolaridade		
10º ano	77	42,8
11º ano	64	35,6
12º ano	39	21,6

Pela análise da tabela 2, verifica-se que a maioria dos adolescentes da presente amostra pertence ao sexo feminino (n=100; 55,6%), com uma média etária de 16,13 (DP=0,893), tendo o mais novo 15 anos e o mais velho 18 e, maioritariamente encontram-se a frequentar o 10º ano de escolaridade (n=77; 42,8%).

3.3. Variáveis

As variáveis podem ser quantitativas e qualitativas. As quantitativas apresentam valores numéricos e podem dividir-se em contínuas (quando assumem valores numa escala contínua, podendo existir valores fracionados) ou discretas (quando assumem um número finito ou infinito de valores inteiros). As variáveis qualitativas ou categóricas, não possuem valores quantitativos mas possuem várias categorias, ou seja, apresenta uma determinada classificação. Estas podem ser nominais (quando não existe uma ordenação entre as categorias) ou ordinais (quando existe uma ordenação entre as categorias).

Na presente investigação foram consideradas as seguintes variáveis dependentes assumidas como variáveis quantitativas contínuas:

- Comportamentos violentos - que integram a violência física, violência sexual, violência emocional ou verbal, comportamentos de ameaça e abuso relacional, do próprio e do/a parceiro/a.
- Estratégias de resolução de conflito no namoro - abusivas, não abusivas e comportamentos violentos do próprio e do/a parceiro/a;
- Atitudes acerca da violência psicológica - que integram atitudes de legitimação da violência psicológica masculina/feminina, da violência física masculina/feminina e da violência sexual masculina/feminina.

As variáveis independentes consideradas encontram-se na tabela 3:

Tabela 3

Mensuração das variáveis independentes

Variáveis	Mensuração	Tipo de variável
Sexo	1.Feminino	Variável categórica nominal
	2.Masculino	
Idade	15 anos	Variável quantitativa contínua
	16 anos	
	17 anos	
	18 anos	
Escolaridade	10º ano	Variável qualitativa ordinal
	11º ano	
	12º ano	
Consumo de tabaco	1.Sim	
	2.Não	
Consumo de álcool	1.Sim	
	2.Não	
Consumo de outras drogas	1.Sim	Variáveis categóricas nominais
	2.Não	
Envolvimento em comportamentos de risco	1.Sim	
	2.Não	
Vitimização no namoro	1.Sim	
	2.Não	
Violência no namoro no grupo de pares	1.Sim	
	2.Não	

3.4. Instrumentos de recolha de dados

O instrumento de recolha de dados (Anexo I) é constituído por três partes: Questionário sociodemográfico; o CADRI e a EAVN, que serão descritos em seguida.

O *Questionário Sociodemográfico* é constituído por nove questões. Três relativas ao sexo, idade e escolaridade e as restantes relativas ao estilo de vida do adolescente (consumo de tabaco, bebidas alcoólicas, outra drogas, envolvimento em comportamentos de risco, vítima de violência no namoro e violência no namoro no grupo de pares).

O *CADRI* é um instrumento que avalia a utilização de estratégias de resolução de conflitos não abusivas e abusivas nos relacionamentos de namoro entre adolescentes, diferenciando o comportamento do próprio e do parceiro (Saavedra, 2010) e foi desenvolvido em 2001 por uma equipa coordenada por David Wolfe e validado para a população portuguesa por Saavedra, Machado, Martins e Vieira (2011).

O questionário também mede a ocorrência de formas específicas de abuso, como o comportamento ameaçador, o abuso relacional, o abuso físico, o abuso sexual e o abuso emocional ou verbal, permitindo recolher dados acerca da prevalência do fenómeno de violência no namoro na população juvenil (Saavedra, 2010)

O inventário dirige-se a jovens com experiência atual ou passada de namoro, sendo focalizado para alunos do ano secundário com idade superior a 14 anos (Saavedra, 2010).

É composto por 70 itens que são divididos em duas dimensões: a primeira, composta por 35 itens, avalia as estratégias de resolução de conflitos utilizadas pelo sujeito e, a segunda, também com 35 itens, avalia as estratégias de resolução de conflitos dos quais o sujeito refere ser alvo por parte do parceiro(a). Podem ainda ser identificadas as seguintes formas de abuso (tabela 4):

Tabela 4

Formas de abuso do CADRI e respetivos itens

Formas de abuso	Itens
Violência Física	Itens 8, 25, 30 e 34
Violência Sexual	Itens 2, 13, 15 e 19
Violência Emocional ou Verbal	Itens 9, 12, 17, 24, 28 e 32
Comportamentos de Ameaça	Itens 5, 29, 31 e 32
Abuso Relacional	Itens 3, 20, 21 e 35

Os fatores *Violência Física* e *Violência Sexual* podem ser considerados como um fator de *violência severa* (Saavedra, 2010). São ainda considerados dois fatores associadas às estratégias de resolução de conflitos (abusivas e não abusivas), bem como o fator associado aos comportamentos violentos (tabela 5):

Tabela 5

Fatores do CADRI

Fatores	Itens
Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas	Itens 3, 4, 7, 9, 12, 17, 20, 21, 23, 24, 28, 32 e 35
Estratégias de Resolução de Conflitos não abusivas ou positivas	Itens 1, 6, 10, 11, 14, 16, 18, 22, 26 e 27.
Comportamentos violentos	Itens 2, 5, 8, 13, 15, 19, 25, 29, 30, 31, 33 e 34

Os itens devem ser respondidos numa escala de 4 posições, definidas de 0 (*nunca*) a 3 (*Frequentemente: isto aconteceu mais do que 6 vezes no teu relacionamento*). A pontuação é obtida através da soma de todos os itens para cada subescala, sendo que uma pontuação alta indica uma utilização de estratégias abusivas para a resolução de conflitos nos relacionamentos de namoro entre adolescentes (Saavedra, 2010).

A EAVN foi desenvolvida e validada em 1999, por Price, Byers e *The Dating Violence Research Team* e validado para a população Portuguesa por Saavedra e colaboradores (2011). É um instrumento de autorrelato, com um total de 76 itens que estão organizados em três subescalas de atitudes face à violência masculina no namoro e três subescalas de atitudes face à violência feminina no namoro (Saavedra, 2010). Os itens podem ser divididos em seis subescalas (cf. tabela 6):

Tabela 6

Subescalas da EAVN

Sigla	Subescala	Parte/Itens
VPM	Atitudes acerca da violência psicológica masculina	Parte A - 15 itens
VFM	Atitudes acerca da violência física masculina	Parte B - 12 itens
VSM	Atitudes acerca da violência sexual masculina	Parte C - 12 itens
VPF	Atitudes acerca da violência psicológica feminina	Parte D - 13 itens
VFF	Atitudes acerca da violência física feminina	Parte E - 12 itens
VSF	Atitudes acerca da violência sexual feminina	Parte F - 12 itens

Para cada item existem 5 opções de resposta em formato Likert: 1=Discordo Totalmente, 2=Discordo, 3=Não Concordo Nem Discordo, 4=Concordo e 5=Concordo Totalmente. Nos itens 1, 2, 5, 9, 10 e 13 da subescala VPM; 1, 3, 5 e 7 da subescala VFM; 2, 4, 5 e 12 da subescala VSM; 1 e 2 da subescala VPF; 7, 8, 10 e 12 da subescala VFF; e 1, 2, 3, 4, 7, 8, 9 e 10 da subescala VSF a cotação é invertida. O valor de cada subescala é calculado pela soma dos seus itens, sendo que uma pontuação elevada aponta para uma maior legitimação da utilização de comportamentos abusivos nos relacionamentos. A EAVN pode ser administrada a alunos a partir do 9º ano de escolaridade ou com idade superior a 13 anos de idade, sendo que a capacidade de resposta não implica a necessidade de experiência relacional de namoro (Saavedra, 2010).

3.5. Procedimento de recolha de dados e considerações éticas

Os procedimentos formais da presente investigação iniciaram-se com a solicitação de autorização ao Conselho Executivo do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal, bem como o parecer do Conselho Pedagógico do Agrupamento de Escola Abade Baçal, para realizar a investigação na instituição (Anexo II).

Após a autorização para prosseguir com o estudo, foram solicitadas autorizações aos Encarregados de Educação para a participação dos seus educandos na investigação (Anexo III), bem como solicitação à autora do instrumento (Saavedra, 2010), para a sua utilização (Anexo IV).

Concedidas as autorizações, foi definido o procedimento de administração e de recolha de dados, procurando não colidir com a atividade escolar. Aos participantes, foram apresentados os objetivos do estudo, pelo que todas as dúvidas que pudessem persistir foram elucidadas. Da uma mesma forma, o trabalho pautou-se pelos pressupostos presentes na Declaração de Helsínquia e Convenção de Oviedo. Assim, ao longo de todo o processo foram garantidos os procedimentos éticos e deontológicos que se referem à confidencialidade e ao anonimato das respostas (os questionários foram recolhidos pela investigadora e colocados num envelope por turma), bem como a natureza voluntária da participação, podendo os participantes desistir em qualquer momento da investigação.

3.6. Análise e tratamento de dados

Após a recolha de todos os questionários, os mesmos foram conferidos, no sentido de aferir sobre a sua elegibilidade para o estudo e os dados foram introduzidos no programa *Statistical Package for the Social Sciences*® (IBM® SPSS), versão 23.0 para *Windows*.

Em seguida procedeu-se à verificação dos pressupostos que nos permitiram optar pelo tipo de testes estatísticos a utilizar, nomeadamente uma análise exploratória da normalidade da distribuição dos dados (Marôco, 2011).

Neste sentido, através do teste de Kolmogorov-Smirnov (KS) e da análise dos coeficientes de assimetria e de curtose (que deverão apresentar-se entre 0 e 1), procurou-se verificar se a distribuição das variáveis dependentes seguia uma distribuição normal com as variáveis sexo, idade e ano de escolaridade. Atendendo à dimensão da amostra ($n > 30$) e aos valores de assimetria e de curtose, o teste KS mostrou-se significativo para $p \leq 0,05$, o que permite aceitar a hipótese de uma tendência para a não normalidade dos dados, logo a opção recaiu para as estatísticas não paramétricas (Marôco, 2011).

Após a verificação da normalidade dos dados, procedeu-se a uma análise exploratória através da estatística descritiva (com recurso a frequências absolutas e relativas), que permitiu caracterizar a amostra dos adolescentes em estudo.

A fidelidade dos instrumentos foi igualmente analisada através do estudo da consistência interna dos itens, com recurso ao *alpha* de Cronbach (α), que é uma das medidas mais usadas para verificação interna de um grupo de variáveis, podendo definir-se como a correlação que se espera obter entre a escala usada e outras escalas hipotéticas do mesmo universo, com igual número de itens, que meçam a mesma característica (Pestana & Gageiro, 2008).

Procuramos, no presente estudo, analisar a fidelidade (que se refere à consistência interna dos itens) do CADRI, cujo valor do instrumento total foi de **0,93**, ligeiramente superior ao obtido no estudo de Saavedra (2010), cujo valor foi de 0,90. Fizemos igualmente uma diferenciação do valor de alfa relativo a cada uma das dimensões avaliadas - comportamento do próprio e comportamento do(a) parceiro(a) - sendo que

esse valor foi, respetivamente de **0,85** e **0,88**, valores igualmente superiores aos obtidos por Saavedra (0,82 e 0,81, respetivamente).

Analisando a fidelidade da EAVN, o valor de alfa de Cronbach foi de **0,93**, ligeiramente inferior ao valor obtido no estudo de Saavedra (2010), que se cifrou em 0,94.

Importa referir que na análise dos limites de significância estatística (valores de alfa de Cronbach), adotaram-se os valores propostos por Pestana e Gageiro (2008), que referem que a partir de $p > 0,9$ a correlação é considerada “muito boa”, sendo que quer o CADRI, quer a EAVN se apresentam como instrumentos com elevada consistência interna entre os itens, mostrando-se, portanto, fiáveis.

Para a verificação das estatísticas inferenciais (diferenciais) recorreu-se aos testes não paramétricos *Mann Whitney (U)* para a variável sexo e *Kruskal Wallis (H)*, para as variáveis idade e ano de escolaridade. Tal como acontece no teste paramétrico *ANOVA One Way*, também no teste *H*, quando se apresenta significativo, realiza-se o teste *Post-Hoc Dunn* (Marôco, 2011), para se compararem as ordenações médias (OM) entre os grupos.

Por último, foi calculado o coeficiente de correlação ponto-biserial através do coeficiente de correlação de Pearson (r), que é uma medida que varia de -1 a $+1$. O coeficiente fornece informação do tipo de associação das variáveis através do sinal. Assim, se r for positivo, existe uma relação direta entre as variáveis (valores altos de uma variável correspondem a valores altos de outra variável e o inverso). Se r for negativo, existe uma relação inversa entre as variáveis (valores altos de uma variável correspondem a valores baixos de outra variável e o inverso). Se r for nulo ou aproximadamente nulo, significa que não existe correlação linear (Almeida & Freire, 2010).

Os resultados significativos dos testes utilizados correspondem a um intervalo de confiança de 95% e de 99%, o que corresponde a um nível de significância de $p \leq 0,05$ e $p \leq 0,01$, respetivamente: no primeiro caso está-se perante uma correlação significativa, enquanto no segundo diante de uma correlação altamente significativa (Marôco, 2011).

As correlações foram realizadas entre as medidas de violência no namoro e as atitudes de violência no namoro (variáveis quantitativas contínuas) e o consumo de tabaco,

consumo de álcool, consumo de outras drogas, comportamentos de risco, vitimização no namoro e violência no namoro no grupo de pares (variáveis categóricas nominais).

No sentido de se aprofundarem as correlações, foram ainda realizadas análises de regressão linear múltipla que consistem na verificação de uma relação funcional entre a variável dependente com uma ou mais variáveis independentes (Marôco, 2011). Este procedimento consiste na obtenção de uma equação (modelo) explicativo da variação da variável dependente (comportamentos de violência no namoro e atitudes de legitimação da violência), pela variação dos níveis das variáveis independentes (sexo, idade, escolaridade, consumo de tabaco, álcool e outras drogas, envolvimento em comportamentos de risco, vitimização no namoro e violência no namoro no grupo de pares).

Estabelecidos os fundamentos metodológicos que constituíram a base do estudo, em termos de objetivos, variáveis, população/amostra, instrumentos de recolha de dados, procedimento e análise e tratamento dos dados, em seguida apresentam-se os principais resultados encontrados.

4. Apresentação e análise dos resultados

Para uma melhor estruturação dos resultados obtidos, em seguida os mesmos serão apresentados em função dos objetivos que foram inicialmente formulados. Assim, o **Objetivo 1** procurou analisar a violência no namoro nos adolescentes em estudo. Para melhor compreensão das respostas, estas foram separadas em dois grupos, tal como Saavedra (2010) sugere: as respostas associadas à violência do próprio e as associadas à violência do(a) parceiro(a). A tabela 7 apresenta as médias e desvios padrões dos tipos de violência no namoro do próprio, sugerindo valores inferiores ao ponto médio em cada uma das subescalas analisadas. Assim, verifica-se uma média superior de violência emocional e verbal ($M=3,03$; $DP=3,003$), sendo que as estratégias de resolução de conflitos não abusivas atingem uma média ($M=14,93$; $DP=6,207$) próxima do ponto médio (15).

Tabela 7

Médias dos tipos de violência no namoro do próprio

Tipos de violência do próprio	Média	Desvio Padrão
Violência física do próprio	0,67	1,417
Violência sexual do próprio	0,69	1,289
Violência emocional e verbal do próprio	3,03	3,003
Comportamentos de ameaça do próprio	1,28	1,754
Abuso relacional do próprio	0,43	1,041
Estratégias de resolução de conflitos abusivas	5,84	5,053
Estratégias de resolução de conflitos não abusivas	14,93	6,207
Comportamentos violentos	2,37	3,582

No que diz respeito às médias relativas à violência no namoro do(a) parceiro(a) (cf. tabela 8) verifica-se que, em todas as escalas, as médias se encontram abaixo dos pontos médios, observando-se uma média superior na violência emocional e verbal ($M=3,08$; $DP=3,344$), sendo que as estratégias de resolução de conflitos não abusivas atingem uma média ($M=14,12$; $DP=5,878$) próxima do ponto médio (15).

Tabela 8

Médias dos tipos de violência no namoro do(a) parceiro(a)

Tipos de violência do(a) parceiro(a)	Média	Desvio Padrão
Violência física do (a) parceiro(a)	0,78	1,715
Violência sexual do (a) parceiro(a)	0,87	1,656
Violência emocional e verbal do (a) parceiro(a)	3,08	3,344
Comportamentos de ameaça do(a) parceiro(a)	1,21	1,923
Abuso relacional do(a) parceiro(a)	0,98	1,901
Estratégias de resolução de conflitos abusivas	6,39	6,453
Estratégias de resolução de conflitos não abusivas	14,12	5,878
Comportamentos violentos	2,66	4,552

O **Objetivo 2** pretendeu analisar a violência no namoro em função do sexo. A tabela 9 mostra as estatísticas realizadas através do teste *U*, observando-se que não há uma distribuição significativa nas dimensões consideradas do CADRI, com exceção da violência emocional e verbal do próprio, mais presente, de forma significativa, nas raparigas ($p \leq 0,01$).

Tabela 9

Diferenças na violência no namoro segundo o sexo

	Sexo	n	OM	<i>U</i>	<i>p</i>
Violência física do próprio	Feminino	100	90,12	3962,000	0,89
	Masculino	80	90,98		
Violência física do (a) parceiro(a)	Feminino	100	90,54	3996,500	0,99
	Masculino	80	90,46		
Total de violência física	Feminino	100	90,88	3962,000	0,90
	Masculino	80	90,03		
Violência sexual do próprio	Feminino	100	88,87	3837,000	0,57
	Masculino	80	92,54		
Violência sexual do (a) parceiro(a)	Feminino	100	89,53	3903,000	0,75
	Masculino	80	91,71		
Total de violência sexual	Feminino	100	89,81	3930,500	0,82
	Masculino	80	91,37		
Violência emocional e verbal do próprio	Feminino	100	98,79	3171,500	0,01**
	Masculino	80	80,14		
Violência emocional e verbal do (a) parceiro(a)	Feminino	100	93,19	3731,500	0,43
	Masculino	80	87,14		
Total de violência emocional e verbal	Feminino	100	95,95	3455,500	0,11
	Masculino	80	83,69		
Comportamentos de ameaça do próprio	Feminino	100	94,86	3564,000	0,18
	Masculino	80	85,05		
Comportamentos de ameaça do(a) parceiro(a)	Feminino	100	90,03	3953,000	0,88
	Masculino	80	91,09		
Total de comportamentos de ameaça	Feminino	100	92,85	3765,000	0,48
	Masculino	80	87,56		
Abuso relacional do próprio	Feminino	100	92,61	3789,000	0,39
	Masculino	80	87,86		
Abuso relacional do(a) parceiro(a)	Feminino	100	93,01	3749,500	0,40
	Masculino	80	87,37		
Total de abuso relacional	Feminino	100	94,30	3620,000	0,21
	Masculino	80	85,75		

** $p \leq 0,01$

Pese embora nas restantes dimensões não tenham sido encontradas diferenças com relevância estatística, denota-se uma ordenação média superior nas raparigas no total de violência física, violência emocional e verbal, comportamentos de ameaça e abuso relacional, por comparação aos rapazes que apresentam ordenações médias superiores no total da violência sexual.

No que diz respeito às estratégias de resolução de conflitos, observa-se na tabela 10, que são as raparigas que, mais significativamente recorrem a estratégias de resolução de conflitos abusivas ($p \leq 0,05$), quando comparadas com os rapazes.

Tabela 10

Diferenças nas estratégias de resolução de conflitos segundo o sexo

	Sexo	n	OM	U	p
Estratégias de resolução de conflitos abusivas do próprio	Feminino	100	99,28	3122,500	0,01**
	Masculino	80	79,53		
Estratégias de resolução de conflitos abusivas do(a) parceiro(a)	Feminino	100	95,25	3525,500	0,17
	Masculino	80	84,57		
Total de estratégias de resolução de conflitos abusivas	Feminino	100	97,33	3317,000	0,04*
	Masculino	80	81,96		
Estratégias de resolução de conflitos não abusivas do próprio	Feminino	100	91,50	3900,000	0,77
	Masculino	80	89,25		
Estratégias de resolução de conflitos não abusivas do(a) parceiro(a)	Feminino	100	96,97	3353,000	0,06
	Masculino	80	82,41		
Total de estratégias de resolução de conflitos não abusivas	Feminino	100	93,76	3674,000	0,34
	Masculino	80	86,43		
Comportamentos violentos do próprio	Feminino	100	93,43	3707,000	0,37
	Masculino	80	86,84		
Comportamentos violentos do(a) parceiro(a)	Feminino	100	92,08	3842,500	0,63
	Masculino	80	88,53		
Total de comportamentos violentos	Feminino	100	93,48	3702,500	0,38
	Masculino	80	86,78		

* $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$

Mesmo na ausência de relevância estatisticamente significativa observa-se que as raparigas apresentam, também, ordenações médias mais elevadas nas estratégias de resolução de conflitos não abusivas e nos comportamentos violentos.

Em seguida, analisou-se o **Objetivo 3** que pretendia identificar a violência no namoro em função da idade. A tabela 11 mostra os resultados obtidos através do teste *H*, sendo que a violência sexual do próprio assume relevância estatisticamente significativa ($p \leq 0,01$).

Tabela 11

Diferenças na violência no namoro segundo a idade

	Idade	n	OM	χ^2	p
Violência física do próprio	15 anos	49	79,24	7,033	0,07
	16 anos	70	93,19		
	17 anos	49	92,65		
	18 anos	12	112,00		
Violência física do (a) parceiro(a)	15 anos	49	84,73	4,161	0,24
	16 anos	70	87,16		
	17 anos	49	97,81		
	18 anos	12	103,71		
Total de violência física	15 anos	49	82,43	3,996	0,26
	16 anos	70	89,14		
	17 anos	49	96,66		
	18 anos	12	106,21		
Violência sexual do próprio	15 anos	49	78,88	9,328	0,00**
	16 anos	70	89,12		
	17 anos	49	97,67		
	18 anos	12	116,71		
Violência sexual do (a) parceiro(a)	15 anos	49	82,77	3,339	0,34
	16 anos	70	89,19		
	17 anos	49	97,17		
	18 anos	12	102,46		
Total de violência sexual	15 anos	49	80,60	5,989	0,11
	16 anos	70	88,01		
	17 anos	49	99,50		
	18 anos	12	108,71		
Violência emocional e verbal do próprio	15 anos	49	83,00	6,140	0,10
	16 anos	70	84,33		
	17 anos	49	102,44		
	18 anos	12	108,38		
Violência emocional e verbal do (a) parceiro(a)	15 anos	49	87,79	7,656	0,06
	16 anos	70	80,28		
	17 anos	49	102,67		
	18 anos	12	111,50		
Total de violência emocional e verbal	15 anos	49	85,27	7,537	0,06
	16 anos	70	81,56		
	17 anos	49	103,56		
	18 anos	12	110,71		
Comportamentos de ameaça do próprio	15 anos	49	86,44	1,531	0,67
	16 anos	70	90,91		
	17 anos	49	90,22		
	18 anos	12	105,83		
Comportamentos de ameaça do(a) parceiro(a)	15 anos	49	83,43	3,717	0,29
	16 anos	70	88,43		
	17 anos	49	95,82		
	18 anos	12	109,75		
Total de comportamentos de ameaça	15 anos	49	83,58	2,974	0,39
	16 anos	70	89,50		
	17 anos	49	94,20		
	18 anos	12	109,46		
Abuso relacional do próprio	15 anos	49	84,23	2,489	0,47
	16 anos	70	92,82		
	17 anos	49	91,09		
	18 anos	12	100,13		
Abuso relacional do(a) parceiro(a)	15 anos	49	87,36	1,957	0,58
	16 anos	70	87,21		
	17 anos	49	97,85		
	18 anos	12	92,54		
Total de abuso relacional	15 anos	49	85,36	1,439	0,69
	16 anos	70	89,66		
	17 anos	49	96,05		
	18 anos	12	93,75		

**p<0,01

Mesmo sem uma distribuição estatisticamente significativa nas restantes variáveis, observa-se que são os adolescentes com 18 anos de idade que tendem a apresentar ordenações médias superiores nas dimensões da violência física, violência sexual, violência emocional e verbal e comportamentos de ameaça, por comparação às outras faixas etárias. Os que possuem 17 anos de idade possuem ordenações médias mais elevadas no abuso relacional.

Seguidamente, procurou-se identificar entre que grupos as diferenças significativas se encontram assinaladas, através do teste *Post-Hoc Dunn*, sendo que a tabela 12 mostra que as diferenças na violência sexual do próprio se encontram entre os adolescentes de 15 e 18 anos, 15 e 17 anos e entre os que possuem 16 e 18 anos de idade, sendo menos expressiva nos adolescentes mais novos (i.e., com 15 e 16 anos).

Tabela 12

Teste *post-hoc* entre a violência no namoro e a idade

Dimensões	Grupos etários	H	p
	15 anos vs. 18 anos	-37,831	0,00**
Violência sexual do próprio	15 anos vs. 17 anos	-18,796	0,03*
	16 anos vs. 18 anos	-27,587	0,04*

* $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$

No que diz respeito às estratégias de resolução de conflitos, a tabela 13 mostra que existe uma distribuição estatisticamente significativa nas estratégias de resolução de conflitos não abusivas do próprio ($p \leq 0,01$), do(a) parceiro(a) ($p \leq 0,01$) e no seu total ($p \leq 0,01$), bem como nos comportamentos violentos do próprio ($p \leq 0,01$) e no seu total ($p \leq 0,01$).

Tabela 13

Diferenças nas estratégias de resolução de conflitos segundo a idade

	Idade	n	OM	x²	p
Estratégias de resolução de conflitos abusivas do próprio	15 anos	49	78,08	5,334	0,14
	16 anos	70	90,16		
	17 anos	49	101,83		
	18 anos	12	96,96		
Estratégias de resolução de conflitos abusivas do(a) parceiro(a)	15anos	49	85,50	4,464	0,21
	16 anos	70	84,10		
	17 anos	49	101,38		
	18 anos	12	103,83		
Total de estratégias de resolução de conflitos abusivas	15 anos	49	81,90	4,459	0,21
	16 anos	70	86,87		
	17 anos	49	101,90		
	18 anos	12	100,25		
Estratégias de resolução de conflitos não abusivas do próprio	15 anos	49	77,27	8,345	0,00**
	16 anos	70	88,25		
	17 anos	49	107,15		
	18 anos	12	89,67		
Estratégias de resolução de conflitos não abusivas do(a) parceiro(a)	15 anos	49	70,72	10,225	0,00**
	16 anos	70	95,07		
	17 anos	49	101,76		
	18 anos	12	98,63		
Total de estratégias de resolução de conflitos não abusivas	15 anos	49	73,43	8,978	0,00**
	16 anos	70	91,88		
	17 anos	49	104,54		
	18 anos	12	94,83		
Comportamentos violentos do próprio	15 anos	49	73,35	13,378	0,00**
	16 anos	70	92,32		
	17 anos	49	95,72		
	18 anos	12	128,58		
Comportamentos violentos do(a) parceiro(a)	15 anos	49	81,29	7,060	0,07
	16 anos	70	88,89		
	17 anos	49	94,02		
	18 anos	12	123,13		
Total de comportamentos violentos	15 anos	49	76,81	9,651	0,00**
	16 anos	70	90,09		
	17 anos	49	96,36		
	18 anos	12	124,92		

* p≤0,05; **p≤0,01

Mesmo perante a ausência de uma relevância estatística nas restantes dimensões, observa-se que os adolescentes com 17 anos de idade apresentam ordenações médias mais elevadas nas estratégias de resolução de conflitos abusivas do próprio e total de estratégias de resolução de conflitos abusivas, sendo que são os adolescentes com 18 anos que apresentam ordenações médias superiores nas estratégias de resolução de conflitos abusivas do(a) parceiro(a) e nos comportamentos violentos do(a) parceiro(a).

Ao procurar-se identificar entre que grupos as diferenças significativas se encontram assinaladas, a tabela 14 mostra uma presença de estratégias não abusivas do próprio nos

adolescentes com 17 anos por comparação aos de 15 anos, bem como estratégias de resolução de conflitos não abusivas do(a) parceiro(a) mais elevadas nos adolescentes com 16 e 17 anos, por comparação aos de 15 anos. O total de estratégias não abusivas na resolução de conflitos é significativamente mais elevado nos adolescentes com 17 anos, por comparação aos de 15 anos. Os comportamentos violentos do próprio são mais elevados no seio dos adolescentes com 16 anos, 17 anos e 18 anos, e o total de comportamentos violentos mais elevados nos adolescentes de 18 anos, por comparação aos que possuem 15 anos e 16 anos de idade.

Tabela 14

Teste post-hoc entre as estratégias de resolução de conflitos e a idade

Dimensões	Grupos etários	H	p
Estratégias de resolução de conflitos não abusivas do próprio	15 anos vs. 17 anos	-29,888	0,00**
Estratégias de resolução de conflitos não abusivas do(a) parceiro(a)	15 anos vs. 17 anos	-31,112	0,00**
	15 anos vs. 16 anos	-24,347	0,01**
Total de estratégias de resolução de conflitos não abusivas	15 anos vs. 17 anos	-31,112	0,00**
	15 anos vs. 16 anos	-18,974	0,04*
Comportamentos violentos do próprio	15 anos vs. 17 anos	-22,378	0,02*
	15 anos vs. 18 anos	-55,236	0,00**
	16 anos vs. 18 anos	-36,262	0,02*
	17 anos vs. 18 anos	-32,859	0,04*
Total de comportamentos violentos	15 anos vs. 18 anos	-48,111	0,00**
	16 anos vs. 18 anos	-34,831	0,02*

* $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$

No **Objetivo 4** analisou-se a violência no namoro em função do ano de escolaridade. A tabela 15 mostra que existe uma distribuição estatisticamente significativa nas ordenações médias da violência sexual do próprio ($p \leq 0,01$), violência sexual do(a) parceiro(a) ($p \leq 0,05$) e total de violência sexual ($p \leq 0,01$).

Tabela 15

Diferenças na violência no namoro segundo o ano de escolaridade

	Ano	n	OM	χ^2	p
Violência física do próprio	10º ano	77	84,57	2,908	0,23
	11º ano	64	96,53		
	12º ano	39	92,31		
Violência física do (a) parceiro(a)	10º ano	77	85,40	4,596	0,10
	11º ano	64	89,23		
	12º ano	39	102,65		
Total de violência física	10º ano	77	84,72	2,670	0,26
	11º ano	64	92,45		
	12º ano	39	98,71		
Violência sexual do próprio	10º ano	77	77,92	11,443	0,00**
	11º ano	64	98,88		
	12º ano	39	101,59		
Violência sexual do (a) parceiro(a)	10º ano	77	80,49	6,696	0,02*
	11º ano	64	96,33		
	12º ano	39	100,69		
Total de violência sexual	10º ano	77	79,36	8,117	0,01**
	11º ano	64	96,21		
	12º ano	39	103,13		
Violência emocional e verbal do próprio	10º ano	77	84,06	2,539	0,28
	11º ano	64	92,71		
	12º ano	39	99,58		
Violência emocional e verbal do (a) parceiro(a)	10º ano	77	88,43	2,535	0,28
	11º ano	64	86,03		
	12º ano	39	101,92		
Total de violência emocional e verbal	10º ano	77	85,77	2,807	0,24
	11º ano	64	88,88		
	12º ano	39	102,51		
Comportamentos de ameaça do próprio	10º ano	77	85,68	1,381	0,50
	11º ano	64	95,07		
	12º ano	39	92,53		
Comportamentos de ameaça do(a) parceiro(a)	10º ano	77	83,19	3,572	0,16
	11º ano	64	93,47		
	12º ano	39	100,06		
Total de comportamentos de ameaça	10º ano	77	83,11	3,008	0,22
	11º ano	64	95,13		
	12º ano	39	97,50		
Abuso relacional do próprio	10º ano	77	85,03	3,097	0,21
	11º ano	64	95,77		
	12º ano	39	92,65		
Abuso relacional do(a) parceiro(a)	10º ano	77	89,52	1,782	0,41
	11º ano	64	86,71		
	12º ano	39	98,65		
Total de abuso relacional	10º ano	77	87,50	1,263	0,53
	11º ano	64	89,86		
	12º ano	39	97,47		

*p≤0,05; **p≤0,01

Mesmo não existindo diferenças estatisticamente significativas nas restantes dimensões, observa-se que é nos adolescentes do 11º ano que existem ordenações médias superiores na violência física do próprio, nos comportamentos de ameaça do próprio e no abuso relacional do próprio, por comparação aos outros anos frequentados, bem como

ordenações médias superiores nos adolescentes que frequentam o 12º ano na violência física do(a) parceiro(a), total de violência física, violência emocional e verbal do próprio, violência emocional e verbal do(a) parceiro(a), total de violência emocional e verbal, comportamentos de ameaça do(a) parceiro(a), total de comportamentos de ameaça, abuso relacional do(a) parceiro(a) e total de abuso relacional, por comparação aos outros anos de frequência.

Através do teste de *Post-Hoc*, foi possível identificar entre que grupos as diferenças ocorrem, tal como espelhado na tabela 16. Assim, verifica-se uma OM significativamente mais elevada na violência sexual do próprio nos adolescentes do 12º ano e do 11º ano, por comparação aos alunos do 10º ano. A violência sexual do(a) parceiro(a) é maior no seio dos adolescentes do 12º ano e 11º ano, por comparação ao 10º ano e, por último, denota-se uma OM significativamente mais elevada do total de violência sexual no seio dos adolescentes com o 12º ano e 11º ano, comparativamente aos do 10º ano.

Tabela 16

Teste Post-Hoc entre a violência no namoro e o ano de escolaridade

Dimensões	Anos de escolaridade	H	p
Violência sexual do próprio	10º vs. 11º ano	-20,967	0,00**
	10º vs. 12º ano	-23,674	0,01**
Violência sexual do (a) parceiro(a)	10º vs. 11º ano	-15,835	0,04*
	10º vs. 12º ano	-20,199	0,02*
Total de violência sexual	10º vs. 11º ano	-16,854	0,03*
	10º vs. 12º ano	-23,771	0,01**

* $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$

Quanto às estratégias de resolução de conflitos, a tabela 17 mostra que existe uma distribuição estatisticamente significativa nas estratégias de resolução de conflitos abusivas do próprio ($p \leq 0,05$); nas estratégias de resolução de conflitos não abusivas do próprio ($p \leq 0,01$); estratégias de resolução de conflitos não abusivas do(a) parceiro(a) ($p \leq 0,01$); no total de estratégias de resolução de conflitos não abusivas ($p \leq 0,01$); nos comportamentos violentos do próprio ($p \leq 0,01$); nos comportamentos violentos do(a) parceiro(a) ($p \leq 0,01$) e, no total de comportamentos violentos ($p \leq 0,01$).

Tabela 17

Diferenças nas estratégias de resolução de conflitos segundo o ano de escolaridade

	Ano	n	OM	χ^2	p
Estratégias de resolução de conflitos abusivas do próprio	10º ano	77	79,31	6,284	0,03*
	11º ano	64	98,35		
	12º ano	39	99,72		
Estratégias de resolução de conflitos abusivas do(a) parceiro(a)	10º ano	77	85,59	2,295	0,31
	11º ano	64	90,00		
	12º ano	39	101,01		
Total de estratégias de resolução de conflitos abusivas	10º ano	77	82,46	3,623	0,16
	11º ano	64	93,96		
	12º ano	39	100,69		
Estratégias de resolução de conflitos não abusivas do próprio	10º ano	77	76,53	12,738	0,00**
	11º ano	64	94,02		
	12º ano	39	112,32		
Estratégias de resolução de conflitos não abusivas do(a) parceiro(a)	10º ano	77	73,19	14,954	0,00**
	11º ano	64	102,79		
	12º ano	39	104,51		
Total de estratégias de resolução de conflitos não abusivas	10º ano	77	74,25	14,057	0,00**
	11º ano	64	98,80		
	12º ano	39	108,96		
Comportamentos violentos do próprio	10º ano	77	77,39	9,287	0,00**
	11º ano	64	99,76		
	12º ano	39	101,19		
Comportamentos violentos do(a) parceiro(a)	10º ano	77	78,77	8,312	0,00**
	11º ano	64	95,55		
	12º ano	39	105,37		
Total de comportamentos violentos	10º ano	77	77,95	8,654	0,00**
	11º ano	64	97,11		
	12º ano	39	104,44		

**p≤0,01

Mesmo sem relevância estatística, observa-se que são os adolescentes que frequentam o 12º ano de escolaridade que apresentam ordenações médias mais elevadas nas Estratégias de resolução de conflitos abusivas do(a) parceiro(a) e no Total de estratégias de resolução de conflitos abusivas.

No sentido de identificar entre que grupos do ano de escolaridade essas diferenças se encontram, a tabela 18 mostra que as estratégias de resolução de conflitos abusivas do próprio são mais elevadas nos adolescentes do 11º ano e 12º ano, por comparação aos adolescentes do 10º ano.

Da mesma forma, as estratégias de resolução de conflitos não abusivas do próprio são mais elevadas no grupo dos adolescentes do 11º ano e 12º ano, por comparação aos do 10º ano, bem como as estratégias de resolução de conflitos não abusivas do(a) parceiro(a), são mais elevadas nos adolescentes do 11º ano e 12º ano de escolaridade.

Ainda a este nível, o total de estratégias de resolução de conflitos não abusivas, é mais elevado nos alunos do 11º ano e do 12º ano.

No que toca aos comportamentos violentos denota-se que são os alunos do 11º ano e 12º ano que apresentam mais comportamentos violentos do próprio. Relativamente aos comportamentos violentos do(a) parceiro(a), denota-se uma maior presença no seio dos alunos do 11º ano e 12º ano. Por último, observa-se um total de comportamentos violentos mais presente nos alunos do 11º ano e 12º ano, por comparação aos alunos do 10º ano de escolaridade.

Tabela 18

Teste post-hoc entre as estratégias de resolução de conflitos e o ano de escolaridade

Dimensões	Anos de escolaridade	H	p
Estratégias de resolução de conflitos abusivas do próprio	10º vs. 11º ano	-19,046	0,03*
	10º vs. 12º ano	-20,413	0,04*
Estratégias de resolução de conflitos não abusivas do próprio	10º vs. 11º ano	-17,490	0,04*
	10º vs. 12º ano	-35,795	0,00**
Estratégias de resolução de conflitos não abusivas do(a) parceiro(a)	10º vs. 11º ano	-29,601	0,00**
	10º vs. 12º ano	-31,325	0,00**
Total de estratégias de resolução de conflitos não abusivas	10º vs. 11º ano	-24,558	0,00**
	10º vs. 12º ano	-34,715	0,00**
Comportamentos violentos do próprio	10º vs. 11º ano	-22,386	0,00**
	10º vs. 12º ano	-23,803	0,01**
Comportamentos violentos do(a) parceiro(a)	10º vs. 11º ano	-16,788	0,04*
	10º vs. 12º ano	-26,606	0,00**
Total de comportamentos violentos	10º vs. 11º ano	-19,161	0,02*
	10º vs. 12º ano	-26,488	0,00**

* $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$

Atendendo ao **Objetivo 5** procurou-se relacionar a violência no namoro com o consumo de tabaco, álcool e outras drogas. A figura 3 apresenta os dados relativos ao consumo de tabaco, bebidas alcoólicas e outro tipo de drogas na amostra de adolescentes em estudo.

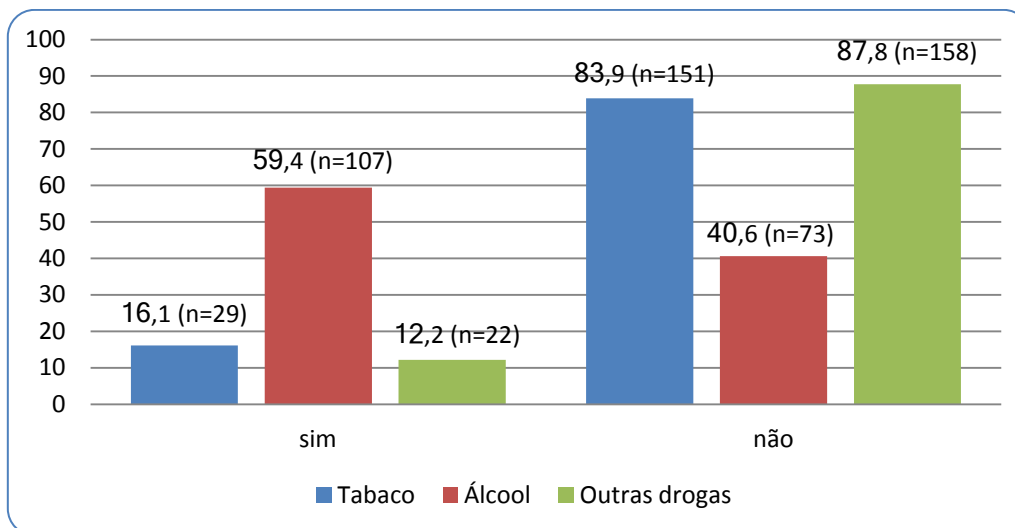


Figura 3. Consumo de tabaco, álcool e outras drogas

No que diz respeito ao tabaco, verifica-se que 16,1% (n=29) dos adolescentes são fumadores, 2,8 (n=5); 8,3% (n=15) sensivelmente entre 1 e 2 anos e 5% (n=9) refere fumar há mais de dois anos.

Relativamente ao consumo de bebidas alcoólicas denota-se o seu consumo por parte de 59,4% (n=107) dos adolescentes: 32,2% (n=58) destes consome ocasionalmente, 15% (n=27) refere consumir apenas quando sai ou vai a festas, 10% (n=18) refere consumir bebidas alcoólicas entre 1 a 2 vezes por semana e 2,2% (n=4) refere consumir diariamente.

O consumo de outras drogas foi referido por 12,2% (n=22) dos adolescentes, sendo elevado o consumo de “erva” (3,3%; n=6); o uso concomitante de drogas: “erva + cannabis”, “erva + pólen”, + “erva + haxixe” (3,3%; n=6) e o “pólen” (2,8%; n=5). Um adolescente referiu que consome de "tudo um pouco" (0,6%; n=1), enquanto outros referiram não saber o que consomem (2,2%; n=4).

Ao analisar-se o coeficiente de correlação entre a violência no namoro e os consumos de tabaco, álcool e outras drogas, a tabela 19 sugere que o consumo de tabaco se encontra associado positiva e estatisticamente com todos os tipos de violência, sugerindo que são os adolescentes não fumadores, que mais empreendem estes comportamentos violentos. Relativamente ao consumo de álcool, foram encontradas correlações inversas em todos os tipos de violência sugerindo ser os adolescentes consumidores que mais empreendem

este tipo de comportamentos. No que diz respeito ao consumo de outras drogas, também se observaram correlações significativas inversas na violência emocional e verbal, comportamentos de ameaça, abuso relacional, estratégias de resolução de conflitos abusivas e comportamentos violentos, sugerindo que são os adolescentes consumidores de drogas que mais empreendem estes comportamentos.

As estratégias de resolução de conflitos não abusivas não apresentaram correlações significativas com o consumo de tabaco, álcool e outras drogas e a violência física e sexual não apresentam correlações significativas com o consumo de outras drogas.

Tabela 19

Relação entre violência no namoro e consumo de tabaco, álcool e outras drogas

Violência no namoro	Consumo de tabaco	Consumo de álcool	Consumo de outras drogas
Total de violência física	0,816**	-0,222**	-0,132
Total de violência sexual	0,706**	-0,238**	-0,138
Total de violência emocional e verbal	0,566**	-0,278**	-0,247**
Total de comportamentos de ameaça	0,763**	-0,184*	-0,152*
Total de abuso relacional	0,739**	-0,290**	-0,170*
Total de Estratégias de resolução de conflitos abusivas	0,630**	-0,324**	-0,271**
Total de estratégias de resolução de conflitos não abusivas	0,085	0,077	-0,139
Total de comportamentos violentos	0,936**	-0,242**	-0,153*

*p≤0,05; **p≤0,01

O **Objetivo 6** procurou relacionar a violência no namoro com o envolvimento em comportamentos de risco, vitimização no namoro e violência no namoro no grupo de pares. A figura 4 apresenta os dados relativos aos comportamentos de risco, vitimização no namoro e conhecimento da violência no namoro no grupo de pares.

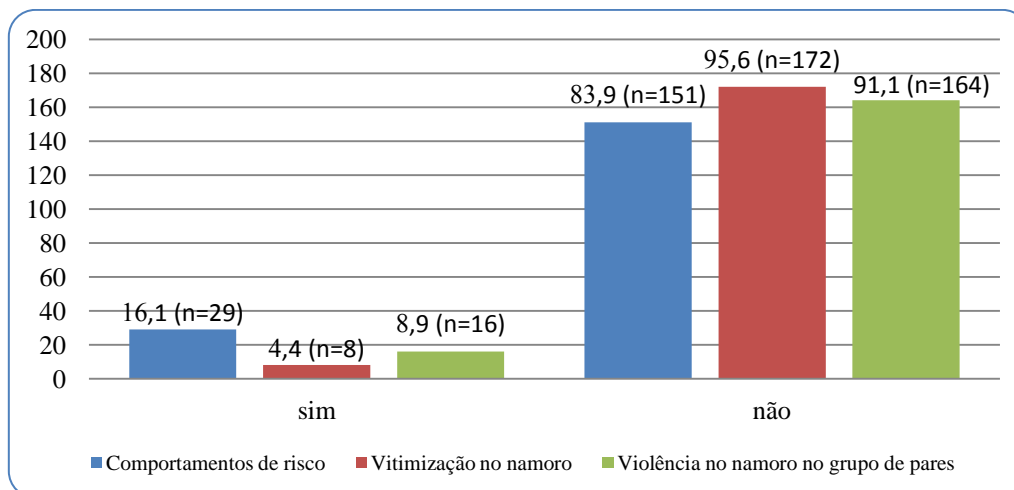


Figura 4. Comportamentos de risco, vitimização e violência no namoro no grupo de pares

No que diz respeito ao envolvimento dos adolescentes em comportamentos de risco, observa-se que 16,1% (n=29) refere que já esteve envolvido, contra 83,9% (n=151) que refere nunca ter estado envolvido.

Verifica-se, ainda, que 4,4% (n=8) da amostra refere que já foi vítima de violência no namoro, 95,6% (n=172) refere que não.

Também 8,9% (n=16) dos adolescentes referiu ter conhecimento de violência no namoro no seu grupo de pares, contra 91,1% (n=164), que refere não ter esse conhecimento.

Ao procurar-se relacionar a violência no namoro com os comportamentos de risco, vitimização no namoro e conhecimento de violência no namoro no grupo de pares, a tabela 20 mostra que os comportamentos de risco se associam inversamente e significativamente com a violência emocional e verbal, com os comportamentos de ameaça, o abuso relacional e as estratégias de resolução de conflitos abusivas, sugerindo que são os adolescentes que já se envolveram em situações de risco que mais empreendem estes comportamentos. A violência física, sexual, as estratégias de resolução de conflitos não abusivas e os comportamentos violentos não apresentaram correlações estatisticamente significativas com o envolvimento em comportamentos de risco. A vitimização no namoro encontra-se associada inversa e significativamente com a violência física, sexual, emocional e verbal, comportamentos de ameaça, abuso relacional, estratégias de resolução de conflitos abusivas e comportamentos violentos,

sugerindo que são os adolescentes que já sofreram vitimização no namoro que mais empreendem estes comportamentos. A violência no namoro no grupo de pares encontra-se associada inversamente com a violência sexual, abuso relacional e estratégias de resolução de conflitos abusivas, sugerindo que são os adolescentes que tiveram conhecimento de violência no namoro no grupo de pares, que mais empreendem estes comportamentos.

Tabela 20

Relação entre violência no namoro e comportamentos de risco, vitimização no namoro e violência no namoro no grupo de pares

Violência no namoro	Comportamentos de risco	Vitimização no namoro	Violência no namoro no grupo de pares
Total de violência física	-0,025	-0,297**	-0,087
Total de violência sexual	-0,141	-0,229**	-0,199**
Total de violência emocional e verbal	-0,260**	-0,276**	-0,131
Total de comportamentos de ameaça	-0,188*	-0,266**	-0,105
Total de abuso relacional	-0,188*	-0,362**	-0,201**
Total de Estratégias de resolução de conflitos abusivas	-0,283**	-0,340**	-0,193**
Total de estratégias de resolução de conflitos não abusivas	-0,110	-0,043	-0,044
Total de comportamentos violentos	-0,130	-0,340**	-0,125

*p<0,05; **p<0,01

Relativamente ao **Objetivo 7** procurou-se analisar as atitudes acerca da violência no namoro na amostra de adolescentes, sendo que a tabela 21 apresenta as médias obtidas nas dimensões de legitimação da violência masculina (psicológica, física e sexual), verificando-se uma média superior na legitimação da violência psicológica por comparação às restantes.

Tabela 21

Médias na legitimação da violência masculina

Legitimação da violência masculina	Média	Desvio Padrão
Legitimação da violência psicológica	28,81	8,222
Legitimação da violência física	19,88	7,157
Legitimação da violência sexual	20,49	7,428

*p<0,05; **p<0,01

Relativamente à legitimação da violência feminina (psicológica, física e sexual), a tabela 22 apresenta atitudes de legitimação mais elevadas na violência psicológica, por comparação às restantes.

Tabela 22

Médias na legitimação da violência feminina

Legitimação da violência feminina	Média	Desvio Padrão
Legitimação da violência psicológica	24,26	8,180
Legitimação da violência física	23,28	7,799
Legitimação da violência sexual	23,05	10,789

* $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$

No que diz respeito ao **Objetivo 8** pretendeu-se analisar as atitudes acerca da violência no namoro em função do sexo. Nesse sentido, a tabela 23 mostra que os rapazes legitimam mais atitudes de violência psicológica masculina ($p \leq 0,05$); violência sexual masculina ($p \leq 0,01$) e violência sexual feminina ($p \leq 0,01$).

Tabela 23

Diferenças nas atitudes face à violência no namoro segundo o sexo

Atitudes face à violência	Sexo	n	OM	U	p
Legitimação da violência psicológica masculina	Feminino	100	83,70	3320,000	0,05*
	Masculino	80	99,00		
Legitimação da violência física masculina	Feminino	100	86,45	3594,500	0,24
	Masculino	80	95,57		
Legitimação da violência sexual masculina	Feminino	100	80,14	2963,500	0,00**
	Masculino	80	103,46		
Legitimação da violência psicológica feminina	Feminino	100	85,10	3460,000	0,11
	Masculino	80	97,25		
Legitimação da violência física feminina	Feminino	100	87,20	3670,000	0,34
	Masculino	80	94,63		
Legitimação da violência sexual feminina	Feminino	100	80,66	3015,500	0,00**
	Masculino	80	102,81		

* $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$

Mesmo perante uma ausência de significância estatística nas restantes dimensões, verifica-se que são os rapazes que apresentam ordenações médias mais elevadas na

legitimação da violência física masculina, violência psicológica feminina e violência física feminina, por comparação às raparigas.

O **Objetivo 9** pretendeu analisar as atitudes acerca da violência no namoro em função da idade. A tabela 24 mostra as ordenações médias obtidas, sendo que em nenhuma das dimensões das atitudes face à violência no namoro apresentaram relevância estatisticamente significativa.

Tabela 24

Diferenças nas atitudes face à violência no namoro segundo a idade

Atitudes face à violência	Idade	n	OM	χ^2	p
Legitimação da violência psicológica masculina	15 anos	49	88,99	3,884	0,27
	16 anos	70	99,01		
	17 anos	49	80,08		
	18 anos	12	89,54		
Legitimação da violência física masculina	15anos	49	88,98	4,710	0,19
	16 anos	70	99,64		
	17 anos	49	83,67		
	18 anos	12	71,29		
Legitimação da violência sexual masculina	15 anos	49	92,82	2,510	0,47
	16 anos	70	95,44		
	17 anos	49	80,65		
	18 anos	12	92,42		
Legitimação da violência psicológica feminina	15 anos	49	96,98	1,812	0,61
	16 anos	70	90,21		
	17 anos	49	83,27		
	18 anos	12	95,25		
Legitimação da violência física feminina	15 anos	49	88,80	5,337	0,14
	16 anos	70	100,10		
	17 anos	49	83,80		
	18 anos	12	68,83		
Legitimação da violência sexual feminina	15 anos	49	86,60	2,724	0,43
	16 anos	70	98,02		
	17 anos	49	84,14		
	18 anos	12	80,33		

* $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$

Mesmo na ausência de diferenças estatisticamente significativas, é possível observar-se uma maior legitimação dos adolescentes de 16 anos relativamente a todas as formas de violência (psicológica, física e sexual), masculina e feminina, com exceção da violência psicológica feminina, que é mais legitimada por parte dos adolescentes com 15 anos de idade.

O **Objetivo 10** procurou analisar as atitudes acerca da violência no namoro em função do ano de escolaridade, não se tendo encontrado em nenhuma das dimensões das

atitudes face à violência no namoro, diferenças estatisticamente significativas (tabela 25).

Tabela 25

Diferenças nas atitudes face à violência no namoro segundo ano de escolaridade

Atitudes face à violência	Ano	n	OM	χ^2	p
Legitimação da violência psicológica masculina	10º ano	77	97,75	3,127	0,20
	11º ano	64	87,96		
	12º ano	39	80,36		
Legitimação da violência física masculina	10º ano	77	97,23	5,623	0,06
	11º ano	64	92,78		
	12º ano	39	73,47		
Legitimação da violência sexual masculina	10º ano	77	98,05	2,848	0,24
	11º ano	64	85,03		
	12º ano	39	84,56		
Legitimação da violência psicológica feminina	10º ano	77	100,60	5,750	0,06
	11º ano	64	86,22		
	12º ano	39	77,58		
Legitimação da violência física feminina	10º ano	77	94,27	3,187	0,20
	11º ano	64	93,98		
	12º ano	39	77,35		
Legitimação da violência sexual feminina	10º ano	77	96,27	2,067	0,35
	11º ano	64	88,73		
	12º ano	39	82,00		

* $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$

Pese embora se observe uma ausência de relevância estatisticamente significativa, é possível verificar que são os adolescentes que frequentam o 10º ano de escolaridade que apresentam uma maior legitimação de todos os tipos de violência (psicológica, física e sexual), masculina e feminina.

O **Objetivo 11** procurou relacionar as atitudes acerca da violência no namoro com o consumo de tabaco, álcool e drogas. A tabela 26 mostra que o consumo de tabaco se encontra inversamente correlacionado com a legitimação da violência física masculina e com a legitimação da violência psicológica feminina, sugerindo que são os adolescentes consumidores de tabaco que mais legitimam estas atitudes. O consumo de álcool não apresenta qualquer tipo de correlação significativa com as diversas atitudes face à violência e, por último, o consumo de drogas mostra-se correlacionado inversamente com a legitimação da violência psicológica masculina e com a legitimação da violência física masculina.

Tabela 26

Relação entre as atitudes face à violência e consumo de tabaco, álcool e outras drogas

Atitudes face à violência	Consumo de tabaco	Consumo de álcool	Consumo de outras drogas
Legitimação da violência psicológica masculina	-0,128	-0,101	-0,162*
Legitimação da violência física masculina	-0,154*	-0,105	-0,154*
Legitimação da violência sexual masculina	-0,120	-0,086	-0,044
Legitimação da violência psicológica feminina	-0,197**	-0,006	-0,129
Legitimação da violência física feminina	-0,062	-0,050	-0,133
Legitimação da violência sexual feminina	-0,010	-0,020	-0,050

*p<0,05; **p<0,01

O **Objetivo 12** procurou relacionar as atitudes acerca da violência no namoro com o envolvimento em comportamentos de risco, vitimização no namoro e violência no namoro no grupo de pares. A tabela 27 mostra que os comportamentos de risco se encontram inversamente correlacionados com as atitudes de legitimação da violência psicológica e sexual masculina, sugerindo ser os adolescentes que já se envolveram em comportamentos de risco que mais legitimam essas atitudes; a vitimização prévia no namoro mostra-se inversamente correlacionada com atitudes de legitimação da violência física e sexual masculina, sugerindo que são os adolescentes que já foram vítimas de violência no namoro que mais legitimam essas atitudes e, uma correlação inversa entre o conhecimento de violência no grupo de pares e atitudes de legitimação da violência psicológica e sexual masculina, mostrando serem os adolescentes com conhecimento de violência no namoro no grupo de pares que mais legitimam estas atitudes.

Tabela 27

Relação entre as atitudes face à violência e comportamentos de risco, vitimização no namoro e violência no namoro no grupo de pares

Atitudes face à violência	Comportamentos de risco	Vitimização no namoro	Violência no namoro no grupo de pares
Legitimação da violência psicológica masculina	-0,205**	-0,215**	-0,231**
Legitimação da violência física masculina	-0,035	-0,211**	-0,145
Legitimação da violência sexual masculina	-0,205**	-0,109	-0,169*
Legitimação da violência psicológica feminina	-0,034	-0,066	-0,081
Legitimação da violência física feminina	-0,023	-0,131	-0,107
Legitimação da violência sexual feminina	-0,079	-0,054	-0,057

*p<0,05; **p<0,01

O **Objetivo 13** procurou identificar um modelo explicativo da violência no namoro (estratégias de resolução de conflitos abusivas e não abusivas e comportamentos de violência) e das atitudes de violência no namoro (violência psicológica, física e sexual, masculina e feminina).

Assim, através do procedimento de análise de regressão linear múltipla, procurou-se compreender o peso das variáveis independentes (i.e., sexo, idade, ano de escolaridade, consumo de tabaco, consumo de álcool, consumo de outras drogas, comportamentos de risco, vitimização no namoro e conhecimento de violência no namoro no grupo de pares) nas variáveis dependentes (i.e., violência no namoro e atitudes de violência no namoro), com o método *stepwise*.

Nesse sentido, a tabela 28 mostra um modelo que integra a vitimização no namoro, o consumo de tabaco e os comportamentos de risco, explicativo de 22% da variância dos resultados das estratégias de resolução de conflitos abusivas. O modelo explicativo das estratégias de resolução de conflitos não abusivas integra apenas o ano de escolaridade, explicativo de cerca de 7% da variância dos resultados. O modelo explicativo dos comportamentos violentos integra a vitimização no namoro, o consumo de tabaco e o ano de escolaridade, sendo este explicativo de cerca de 20% da variância dos resultados.

Tabela 28

Preditores das estratégias de resolução de conflitos e comportamentos violentos

Preditores	R² ajustado	β	F	p
Preditores das estratégias de resolução de conflito abusivas				
Vitimização no namoro	0,111	0,293	23,325	0,00**
Consumo de tabaco	0,201	0,272	23,472	0,00**
Comportamentos de risco	0,222	0,166	17,999	0,00**
Preditores das estratégias de resolução de conflito não abusivas				
Ano de escolaridade	0,07	0,282	15,355	0,00**
Preditores dos comportamentos violentos				
Vitimização no namoro	0,110	0,331	23,204	0,00**
Consumo de tabaco	0,156	0,216	17,571	0,00**
Ano de escolaridade	0,198	0,215	15,752	0,00**

**p≤0,01

Por último, procurou-se analisar os modelos explicativos das atitudes de violência no namoro, sendo que a tabela 29 mostra que o modelo explicativo da legitimação da **violência psicológica masculina** integra a violência no namoro no grupo de pares, a vitimização no namoro e o sexo, explicativo de cerca de 10% da variância dos resultados. O modelo explicativo da legitimação da **violência física masculina** integra a vitimização no namoro, o ano de escolaridade e a violência no namoro no grupo de pares, explicativo de cerca de 7% da variância dos resultados. O modelo explicativo da legitimação da **violência sexual masculina** integra o sexo e a violência no namoro no grupo de pares, explicativo de cerca de 7% da variância dos resultados.

O consumo de tabaco e o ano de escolaridade fazem parte do modelo explicativo da legitimação das atitudes de **violência psicológica feminina**, explicando cerca de 5% da variância dos resultados. O sexo é a variável única explicativa da legitimação das atitudes de **violência sexual feminina**, explicando cerca de 5% da variância dos resultados. Não foi possível identificar os preditores explicativos da legitimação das atitudes de **violência física feminina**.

Tabela 29

Preditores das atitudes de violência no namoro

Preditores	R² ajustado	β	F	p
Preditores da violência psicológica masculina				
Violência no grupo de pares	0,048	0,209	10,035	0,00**
Vitimização no namoro	0,079	0,186	8,640	0,00**
Sexo	0,099	0,157	7,528	0,00**
Preditores da violência física masculina				
Vitimização no namoro	0,039	0,191	8,330	0,00**
Ano de escolaridade	0,056	0,178	6,349	0,00**
Violência no grupo de pares	0,074	0,155	5,779	0,00**
Preditores da violência sexual masculina				
Sexo	0,046	0,226	9,541	0,00**
Violência no grupo de pares	0,069	0,170	7,668	0,00**
Preditores da violência psicológica feminina				
Consumo de tabaco	0,033	0,204	7,198	0,00**
Ano de escolaridade	0,052	0,155	5,591	0,00**
Preditores da violência sexual feminina				
Sexo	0,049	0,234	10,293	0,00**

**p≤0,01

Por último, a figura 5 apresenta um resumo dos modelos explicativos encontrados para a violência no namoro, comportamentos violentos e legitimação da violência masculina e feminina, bem como as respetivas variâncias explicadas.

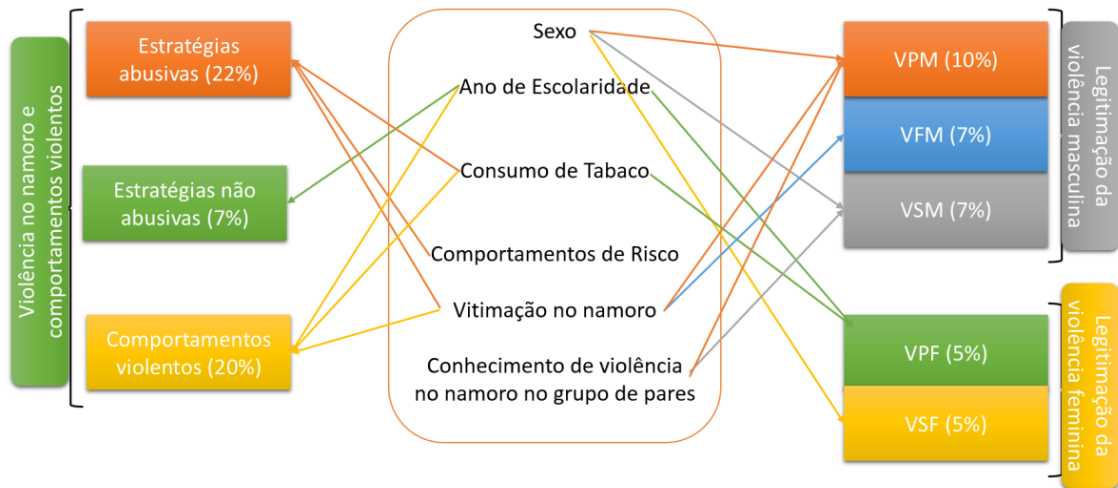


Figura 5. Modelos explicativos da violência no namoro, comportamentos violentos e legitimação da violência masculina e feminina

4.1. Discussão dos resultados

Os principais resultados serão agora discutidos à luz da revisão bibliográfica, pelo que iremos seguir os objetivos inicialmente definidos para uma melhor organização dos resultados.

Objetivo 1 – Analisar a violência no namoro nos adolescentes

Os principais resultados descritivos relativos às respostas associadas à violência do próprio e os relativos à violência do(a) parceiro(a), mostraram maior presença da violência emocional e verbal do próprio e do(a) parceiro(a), pese embora em todas as dimensões as médias tenham ficado abaixo dos pontos médios referenciados por Caridade (2011).

Observou-se, ainda, que as percentagens de resposta mais elevadas se encontram associadas aos itens "Eu forcei-o(a) a ter relações sexuais comigo quando ele(a) não queria" (96,7%); "Eu ameacei-o(a), para tentar ter relações sexuais com ele(a)"

(96,1%); "Eu tentei pôr os amigos dele(a) contra ele(a)" (95%); "Eu contei coisas aos amigos dele(a) para os pôr contra ele(a)" (94,4%) e "Eu destruí ou ameacei destruir alguma coisa de que ele(a) gostava" (92,8%).

Os resultados encontrados são consonantes com a ideia de que a violência emocional e verbal (psicológica) está presente no seio dos adolescentes, tal como foi assinalado por diversos autores (e.g., Caridade, 2011; Caridade & Machado, 2006; Caridade & Machado, 2008; Caridade & Machado, 2013; Costa *et al.*, 2013; Cristovão, 2012; Ferreira, 2011; Gonçalves, 2013; Haberyan & Kibler, 2008; Machado & Gonçalves, 2003; Melim & Pereira, 2013; Oliveira & Sani, 2005; Sousa *et al.*, 2010).

Verificou-se, também, que os adolescentes consideram fazer uso de estratégias de resolução de conflitos no namoro não abusivas, sendo que as médias associadas à violência do próprio são ligeiramente inferiores às encontradas na violência do(a) parceiro(a). Apesar disso, observa-se uma média superior na utilização de estratégias de resolução de conflitos no namoro não abusivas por parte dos adolescentes, seja em relação aos comportamentos do próprio (M=14,93) seja em relação ao(a) parceiro(a) (M=14,12) e médias mais baixas no uso de estratégias de resolução de conflitos abusivas para o próprio (5,84) e para o(a) parceiro(a) (6,39). Estes dados vão ao encontro de alguns estudos que verificaram que os adolescentes relatam o uso de estratégias de resolução de conflitos no namoro não abusivas (Caridade, 2011; Caridade & Machado, 2006; Caridade & Machado, 2008; Caridade & Machado, 2013; Cristovão, 2012; Ferreira, 2011; Gonçalves, 2013), pese embora a presença de atos violentos seja uma realidade nas relações de namoro.

Uma das justificações para estes resultados aponta para o efeito da desejabilidade social, tal como Caridade (2011) e Gonçalves (2013) referem. De facto, o instrumento enquanto medida de autorrelato possui a desvantagem de os adolescentes não assinalarem verdadeiramente os seus comportamentos, mas fazerem-no em função daquilo que seja o eticamente correto e aceite socialmente. Por conseguinte, o facto de os resultados apontarem para médias ligeiramente superiores na violência do(a) parceiro(a) acabam por reforçar a ideia da desejabilidade social anteriormente referida (Gonçalves, 2013).

Objetivo 2 - Analisar a violência no namoro em função do sexo

Os resultados diferenciais obtidos mostraram que são as raparigas que apresentam significativamente uma violência emocional e verbal mais elevada e, são elas, que tendem a utilizar mais significativamente estratégias de resolução abusivas, por comparação aos rapazes.

Estes resultados mostraram que as diferenças no uso de violência no namoro diferem em função do sexo, sendo que sob o ponto de vista da relevância estatística, as diferenças apontam para o uso de violência emocional e verbal por parte das raparigas, por comparação aos rapazes. Os dados apontam para uma tendência de serem as raparigas do presente estudo a recorrerem à violência física, comportamentos de ameaça e de abuso relacional, enquanto os rapazes tendem a recorrer à violência sexual. Tal como seria de esperar, são igualmente as raparigas que recorrem, mais significativamente, a estratégias de resolução de conflitos abusivas, por comparação aos rapazes.

Apesar de a maioria dos estudos (Cruz *et al.*, 2011; Espinheira & Jólúksin, 2010; Ferreira, 2011; Ribeiro, 2013; Sears & Byers, 2010; Sousa *et al.*, 2010) assinalar para o facto de serem os rapazes os principais envolvidos nas situações de violência, no presente estudo verifica-se que são as raparigas que surgem como perpetradoras da violência, tal como é assinalado já em diversas investigações, sugerindo que a participação destas nas situações de violência é muito idêntica à dos rapazes (Costa *et al.*, 2013; Melim & Pereira, 2013).

Estes dados podem ser analisados à luz das abordagens explicativas da violência, tal como propõem diversos autores (Caridade & Machado, 2013; Hines & Saudino, 2002; Ismail *et al.*, 2007; Mahlstedt & Welsh, 2005; Matos, 2002; Nayak *et al.*, 2003). Assim, uma das explicações possíveis para os comportamentos de violência exibidos pelas adolescentes do presente estudo radicaria nas suas características intraindividuais, que se centram nos aspetos biológicos, psicológicos, personalísticos e experiências individuais de violência (Ismail *et al.*, 2007). No entanto, no presente estudo, essas características não foram aferidas, pelo que não poderemos avançar com nenhuma conclusão a este respeito. Apesar de se ter observado uma percentagem de 4,4% de adolescentes que refere já ter sido vítima de violência no namoro, esta percentagem não se afigura expressiva na justificação dos seus comportamentos violentos.

Por conseguinte, uma das hipóteses que poderíamos assumir como possível na explicação da violência observada no seio das raparigas do presente estudo, seria que esta percentagem não espelha a realidade das vivências de violência no namoro (e/ou outro tipo de exposição à violência) a que os adolescentes inquiridos se encontram expostos.

Esta hipótese abre portas para a consideração de outras abordagens explicativas do comportamento violento observado nas raparigas. Por um lado, as abordagens didático-familiares que defendem a ideia de que os comportamentos violentos decorrem da aprendizagem social, sendo determinado pelo ambiente familiar, através de mecanismos de observação, reforço e modelagem ou coação (Hines & Saudino, 2002) e, por outro lado, as abordagens socioculturais que consideram que os comportamentos violentos decorrem de um conjunto de valores institucionalizados a vários níveis socioculturais (Nayak *et al.*, 2003).

No entanto e tal como Caridade e Machado (2013) asseguram, radicar as explicações dos comportamentos violentos em apenas um destes modelos justificativos, poder ser uma visão reducionista da verdadeira dinâmica da problemática, uma vez que neste tipo de comportamentos nascem de uma confluência de fatores complexos e multidimensionais.

Os resultados encontrados são igualmente congruentes com a ideia de que a violência é transversal nos adolescentes (Caridade, 2011; Caridade & Machado, 2006; Caridade & Machado, 2008; Caridade & Machado, 2013; Cristovão, 2012; Ferreira, 2011; Gonçalves, 2013; Haberyan & Kibler, 2008; Machado & Gonçalves, 2003; Oliveira & Sani, 2005; Sousa *et al.*, 2010), sendo que a violência sexual se encontra mais presente no seio dos rapazes (Caridade & Machado, 2008; Sears & Byers, 2010; Sousa *et al.*, 2010), tal como foi observado no presente estudo.

A violência sexual consiste num conjunto de atos de natureza sexual que não são consentidos pelo(a) parceiro(a), caracterizando-se pelo uso de pressão para que a vítima tenha relações sexuais ou para que tenha relações sexuais mais vezes do que aquilo que deseja (Sears & Byers, 2010). Neste sentido, o comportamento sexual agressivo é muitas vezes decorrente de normas culturais que o legitimam, estando associado a

diversos fatores como características da própria vítima, dos perpetradores e circunstâncias situacionais (Caridade & Machado, 2008).

Objetivo 3 - Analisar a violência no namoro em função da idade

Os principais resultados diferenciais mostraram que os adolescentes com 17 e 18 anos apresentam significativamente mais indicadores de violência sexual, sendo que o recurso às estratégias de resolução não abusivas são mais elevadas nos que possuem 17 anos e os comportamentos violentos estão mais patentes nos adolescentes com idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos.

Estes dados mostram-se alinhados com o estudo realizado por Machado *et al.* (2010) que espelha serem os adolescentes de grupos etários mais velhos que mais relatam violência global e emocional. Todavia, são incongruentes com os estudos que referem que os comportamentos violentos não se encontram tão presentes no seio dos adolescentes mais velhos pelo facto de estes exibirem uma maior maturidade, pensamento crítico e mais experiências amorosas (Matos *et al.*, 2006) e os que não encontraram um impacto da variável idade nos comportamentos violentos (Cruz *et al.*, 2011; Ferreira, 2011).

Uma das justificações que poderíamos avançar para estes resultados seria o facto de estes adolescentes não terem uma grande experiência ao nível das relações amorosas, o que os torna mais imaturos e com menor pensamento crítico no que diz respeito às relações amorosas e, conseqüentemente justificaria uma maior prevalência de comportamentos sexuais violentos (Caridade, 2008; Matos *et al.*, 2006).

A presença de estratégias de resolução de conflitos não abusivas no seio dos adolescentes com 17 anos de idade poderá ser justificada pelo facto de estes legitimarem os comportamentos abusivos, devido à vulnerabilidade do seu pensamento crítico e de maturidade suficientes para os considerar como sendo violentos. De referir ainda que a adolescência, como se viu anteriormente, caracteriza-se por elevados níveis de impulsividade, pelo que esta, segundo McMurrin *et al.* (2002) leva ao uso de estratégias de resolução de conflitos precárias associadas à violência. Por outro lado, a constatação da violência sexual no seio dos adolescentes mais velhos contraria a ideia

do uso de estratégias de resolução de conflitos não abusivas, podendo esta discrepância ser analisada a partir do efeito de desajustabilidade social anteriormente referido.

Objetivo 4 - Analisar a violência no namoro em função do ano de escolaridade

Os resultados diferenciais mostraram que a violência sexual é significativamente mais elevada no seio dos adolescentes que frequentam o 11º e o 12º ano de escolaridade, sendo que são estes que recorrem mais frequentemente a estratégias de resolução de conflitos abusivas e exibem mais comportamentos violentos.

Os dados relativos à escolaridade seguem uma linha de análise idêntica àquela que foi tecida relativamente à variável idade, pressupondo uma relação direta positiva entre estas variáveis. Assim, os resultados mostram-se congruentes com os estudos que sugerem comportamentos violentos em escolaridades mais elevadas (Caridade, 2008; Gonçalves, 2013; Haberyan & Kibler, 2008; Lehrer *et al.*, 2009; Machado *et al.*, 2010), sendo igualmente prevalente nestes níveis de escolaridade, o recurso a estratégias de resolução de conflitos abusivas (Caridade, 2008; Gonçalves, 2013). Caridade (2008) sugere que a presença de estratégias abusivas por parte dos adolescentes com escolaridade superior, presumivelmente se deve ao facto de estes apresentarem uma maior tendência para se assumirem como perpetradores de atos violentos.

Todavia estes resultados mostram-se incongruentes com os estudos que referem que os comportamentos violentos se encontram mais presentes em adolescentes com escolaridade mais baixa (Matos *et al.*, 2006) ou aqueles em que a variável escolaridade não se mostrou influenciadora dos comportamentos violentos (Cruz *et al.*, 2011).

Objetivo 5 - Relacionar a violência no namoro com o consumo de tabaco, álcool e outras drogas

Atendendo a este objetivo, os resultados descritivos mostraram que 16,1% dos adolescentes são fumadores, 59,4% consumidores de bebidas alcoólicas e 12,2% consome outras drogas. As análises correlacionais sugerem que o consumo de tabaco se encontrou associado positivamente com todos os tipos de violência analisados (física, sexual, emocional e verbal, comportamentos de ameaça e abuso relacional), o consumo

de álcool encontrou-se positivamente relacionado com a violência emocional e verbal, comportamentos de ameaça e abuso relacional e, o consumo de outras drogas mostrou-se positivamente associado com todos os comportamentos violentos analisados, com a exceção da violência sexual.

Estes resultados são congruentes com os estudos que sugerem o impacto do consumo de drogas e de álcool nos comportamentos de violência (Caridade & Machado, 2013; Cristovão, 2012; Jaycox *et al.*, 2006; McMurrin *et al.*, 2002).

O consumo de tabaco, álcool e outras drogas marcam o período de desenvolvimento dos adolescentes, assumindo-se como comportamentos de risco que são empreendidos na procura de novas emoções, sensações e aventura (Alves, 2016; Capanema & Vorcaro, 2012; Einstein, 2005; UNICEF, 2011). Paralelamente, a influência do grupo de pares neste período é igualmente de considerar, sendo que os adolescentes quando se encontram em grupo tendem a ter comportamentos diferentes daqueles que teriam se estivessem sozinhos (Vilelas, 2009).

Na verdade, estes resultados podem ser justificados com base nas abordagens intraindividuais que sublinham que a violência se encontra intimamente associada a fatores precipitadores como o consumo de tabaco, álcool e outras drogas (Caridade & Machado, 2013; Hines & Saudino, 2002; Ismail *et al.*, 2007; Mahlstedt & Welsh, 2005; Matos, 2002; Nayak *et al.*, 2003).

Objetivo 6 - Relacionar a violência no namoro com o envolvimento em comportamentos de risco, vitimização no namoro e violência no namoro no grupo de pares

Os principais resultados mostraram que 16,1% dos adolescentes refere já ter-se envolvido em comportamentos de risco, 4,4% já foi vítima de violência no namoro e 8,9% referiram ter conhecimento de violência no namoro no seu grupo de pares. As análises correlacionais mostraram que o envolvimento em comportamentos de risco se encontrou associado positivamente com a violência emocional e verbal, comportamentos de ameaça e abuso relacional; a vitimização no namoro encontra-se positivamente associada com todos os comportamentos violentos analisados, com

exceção da violência física e o conhecimento de violência no namoro no grupo de pares positivamente associado com a violência sexual e o abuso relacional.

Estes resultados sublinham a relação entre a violência no namoro e outras situações de violência, tal como é referenciado em alguns estudos (Caridade & Machado, 2006; Horta *et al.*, 2010; Machado, 2010; Sousa *et al.*, 2010). Estudos têm mostrado que há uma maior vulnerabilidade dos indivíduos para se envolverem em situações de violência, quando a sua experiência anterior aponta nesse sentido (Kimberg, 2008; Oliveira & Sani, 2005; WHO/OMS, 2009), ou quando estes se encontram envolvidos em comportamentos de risco (Machado, 2010; Matos *et al.*, 2009).

Objetivo 7 - Analisar as atitudes acerca da violência no namoro nos adolescentes

Relativamente às atitudes acerca da violência no namoro, os principais resultados mostraram que a legitimação da violência psicológica masculina e feminina é a mais acentuada no seio destes adolescentes. Estes dados são congruentes com os decorrentes de estudos que têm sugerido que as pessoas envolvidas num relacionamento amoroso não legitimam os atos violentos como tal, aceitando-os como normativos do relacionamento (Aldrighi, 2004; Guerreiro *et al.*, 2015; Sears & Byers, 2010). No presente estudo, foram várias as atitudes legitimadas para o sexo masculino e, inclusivamente, em percentagens relativamente consideráveis, nomeadamente:

- ◆ *Um rapaz deve insultar a namorada (82,9%);*
- ◆ *Um rapaz deve dizer à namorada o que fazer (38,9%);*
- ◆ *Existe uma razão para um rapaz ameaçar a namorada (58,9%);*
- ◆ *Um rapaz precisa de saber tudo o que namorada faz (31,1%);*
- ◆ *Existe uma razão para um rapaz insultar a namorada (51,7%);*
- ◆ *Existe uma razão para um rapaz gritar e berrar com a namorada (41,7%).*
- ◆ *Uma rapariga não deve acabar o namoro se o namorado lhe bater (80%);*
- ◆ *É correto um rapaz bater na namorada (71,7%);*
- ◆ *Existe uma razão para um rapaz empurrar a namorada (66,1%);*
- ◆ *Existe uma razão para um rapaz dar uma bofetada à namorada (67,2%);*

- ◆ *Normalmente, um rapaz bate na namorada porque esta merece (56,1%).*
- ◆ *Os rapazes são donos do corpo das namoradas (66,7%);*
- ◆ *Os rapazes devem embriagar as namoradas para conseguirem ter relações sexuais com elas (73,9%);*
- ◆ *Um rapaz deve tocar na namorada mesmo que ela não queira (68,3%);*
- ◆ *Depois de um casal assumir um compromisso, o rapaz tem o direito de forçar a namorada para ter relações sexuais (68,9%).*

Bem como para o sexo feminino, nomeadamente:

- ◆ *Existe uma desculpa para uma rapariga ameaçar o namorado (60,6%);*
- ◆ *Existe uma razão para uma rapariga insultar o namorado (51,1%);*
- ◆ *Uma rapariga deve bater no namorado, independentemente do que ele tenha feito (47,2%);*
- ◆ *Existe uma razão para um rapaz levar uma bofetada da namorada (43,9%);*
- ◆ *Está sempre correto uma rapariga dar uma bofetada ao namorado (41,1%);*
- ◆ *Um rapaz não deve terminar o namoro com uma rapariga se esta o esbofetear (53,9%).*
- ◆ *Uma rapariga deve tocar no namorado mesmo que ele não queira (59,4%);*
- ◆ *Tem algo de mal se um rapaz mudar a sua opinião sobre ter relações sexuais (52,2%);*
- ◆ *Um rapaz não deve terminar o namoro com a namorada se ela o obrigar a ter relações sexuais (48,9%);*
- ◆ *Uma rapariga deve tocar no namorado mesmo em sítios onde ele não quer (52,8%);*
- ◆ *As raparigas devem embriagar os namorados para conseguirem ter relações sexuais com eles (58,3%);*
- ◆ *Mesmo se um rapaz tiver dito "sim" sobre ter relações sexuais, não tem o direito de mudar de ideias (61,7%);*
- ◆ *Depois de um casal assumir um compromisso, a rapariga tem o direito de forçar o namorado a ter relações sexuais (62,2%);*
- ◆ *As raparigas devem mentir aos namorados para eles terem relações sexuais com elas (60,6%).*

Estes resultados não deixam de ser preocupantes, na medida em que mostram que determinadas atitudes violentas, ao serem legitimadas numa relação de namoro, tenderão a reforçar comportamentos violentos com consequências cada vez mais severas, pois tal como Toscano (2007) refere, as situações de violência (psicológica e sexual) evoluem para situações de violência física. A violência física ocorrendo apenas uma vez na relação de namoro, por norma afigura-se recorrente e tenderá a agravar-se com o tempo (Danis & Anderson, 2008). De facto, muitas vezes, a não legitimação de determinadas atitudes como violentas, poderá desencadear e agravar comportamentos violentos e até outras formas de violência mais gravosas (Sears & Byers, 2010).

Objetivo 8 - Analisar as atitudes acerca da violência no namoro em função do sexo

Os resultados sugerem que são os rapazes que legitimam significativamente mais atitudes de violência psicológica e sexual masculina, bem como violência sexual feminina, por comparação às raparigas. Estes resultados são congruentes com os apresentados no estudo de Moura (2012) que sugerem que são os rapazes que mais legitimam e toleram a violência no namoro, independentemente de se percecionarem como vítimas ou como perpetradores dessa violência. Segundo este autor, as atitudes de legitimação da violência encontram-se associadas aos estilos educativos parentais. Assim, o autor encontrou uma relação positiva entre os pais percecionados como mais autoritários e permissivos e os níveis elevados de legitimação e tolerância face à violência no namoro.

Assim, uma das explicações para que sejam os adolescentes do sexo masculino a legitimarem mais as atitudes de violência, remete para os estereótipos de género que ainda persistem na nossa sociedade em termos de prática de socialização, que associa o sexo masculino como sendo o mais forte, emocionalmente pouco expressivo, mais competitivo e dominador face ao sexo feminino (Caridade, 2008; Caridade & Machado, 2006; Patrão, 2005).

No entanto, é importante referir que a violência não faz parte da natureza humana nem possui uma origem biológica; ela decorre da interseção de predisposições familiares, culturais, comunitárias e/ou sociais, entre outros (Dahlberg & Krug, 2007). Pelo que a

compreensão da violência no namoro exige um modelo explicativo mais amplo, que integre os aspetos individuais, interpessoais, estruturais e sociais, tal como sugerem Caridade e Machado (2013).

Objetivo 9 - Analisar as atitudes acerca da violência no namoro em função da idade

Relativamente a este objetivo observou-se que a idade não se mostrou significativamente influenciadora da legitimação de atitudes violentas, apesar de se ter verificado uma tendência que aponta para os adolescentes com 16 apresentarem pontuações médias de maior legitimação de todas as formas de violência (psicológica, física e sexual), masculina e feminina, com exceção da violência psicológica feminina, que foi mais legitimada por parte dos adolescentes com 15 anos de idade.

Estes dados são congruentes com os estudos que mostram que a violência é mais aceite por parte dos adolescentes mais novos, por comparação aos mais velhos, sendo que estes, apesar de poderem ser perpetradores da violência, apresentam menos legitimação das atitudes violentas (Costa *et al.*, 2013; Melim & Pereira, 2013). São igualmente congruentes com o estudo de Gonçalves (2013) onde não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas com esta variável.

Uma das justificações que poderá ser dada é o facto de a vitimização decair com o tempo, ou seja, os indivíduos mais velhos tendem a estar menos envolvidos em situações de violência, nomeadamente enquanto vítimas e, aqueles que o continuam a fazer enquanto perpetradores tendem a não assumir o seu envolvimento, respondendo os questionários de autorrelato através da deseabilidade social (Gonçalves, 2013).

Estes aspetos sugerem que os adolescentes possuem alguma consciência relativamente aos atos violentos que praticam, sendo que os mais novos recorrem a comportamentos mais diretos de violência e, portanto, mais visíveis, enquanto os mais velhos recorrem a comportamentos mais indiretos de violência, ou seja, mais dissimulados (Costa *et al.*, 2013; Melim & Pereira, 2013).

Objetivo 10 - Analisar as atitudes acerca da violência no namoro em função do ano de escolaridade

Os principais resultados mostraram que também a escolaridade não se apresentou estatisticamente influenciadora das atitudes dos adolescentes, embora se tenha observado uma tendência para serem os adolescentes do 10º ano a apresentarem atitudes de maior legitimação de todos os tipos de violência (psicológica, física e sexual), masculina e feminina. A justificação para a ocorrência destes resultados é análoga àquela que foi apresentada para a idade, corroborando os dados de diversas investigações (Costa *et al.*, 2013; Gonçalves, 2013; Melim & Pereira, 2013).

Objetivo 11 - Relacionar as atitudes acerca da violência no namoro com o consumo de tabaco, álcool e drogas

Os principais resultados mostraram que o consumo de tabaco se encontrou positivamente associado à legitimação da violência física masculina e à legitimação da violência psicológica feminina; o consumo de álcool não apresentou correlações significativas com as atitudes analisadas e, o consumo de drogas mostrou-se positivamente correlacionado com a legitimação da violência psicológica masculina e da violência física masculina.

Estes dados mostram que a legitimação da violência se encontra associada ao consumo de tabaco e ao consumo de outras drogas. De facto, diversos estudos têm apontado que o consumo de tabaco e de outras drogas caracteriza o período de adolescência, predispondo os jovens para o envolvimento em situações de violência (Caridade & Machado, 2013; Cristovão, 2012; Jaycox *et al.*, 2006; McMurrin *et al.*, 2002). Muitas vezes, os comportamentos de violência decorrem do uso de substâncias, pese embora a procura de sensações novas, aventura e as características de agressividade estejam presentes já nos adolescentes, podendo estas ser potenciadas com os consumos (Alves, 2016; Capanema & Vorcaro, 2012; Einstein, 2005; UNICEF, 2011).

Todavia, os resultados agora encontrados não permitem associar o consumo de álcool com as atitudes de legitimação da violência no namoro, sugerindo que esta variável não possui impacto nas atitudes legitimadas de violência na presente amostra.

Objetivo 12 - Relacionar as atitudes acerca da violência no namoro com o envolvimento em comportamentos de risco, vitimização no namoro e violência no namoro no grupo de pares

Os principais resultados correlacionais mostraram que o envolvimento em comportamentos de risco se associou positiva e significativamente à legitimação da violência psicológica masculina e legitimação da violência sexual masculina; a vitimização no namoro apresenta correlações positivas significativas com a legitimação da violência psicológica e física masculina e, o conhecimento da violência no namoro no grupo de pares mostra-se positiva e significativamente correlacionada com a legitimação da violência psicológica e sexual masculina.

Estes resultados corroboram a ideia de que o envolvimento em comportamentos de risco e a vitimização (direta ou indireta) se encontram associadas a uma maior vulnerabilidade para os indivíduos se envolverem em situações de violência, sendo que a experiência anterior aponta nesse mesmo sentido (Kimberg, 2008; Machado, 2010; Matos *et al.*, 2009; Oliveira & Sani, 2005; WHO/OMS, 2009).

Por outro lado, estes resultados mostram igualmente a influência do grupo de pares no envolvimento de comportamentos de violência. O facto de os adolescentes terem conhecimento que os seus pares se envolvem em situações de violência, poderá ser uma referência para si na hora de resolverem os seus problemas associados ao relacionamento amoroso (Costa *et al.*, 2013; Gonçalves, 2013; Matos *et al.*, 2006; Melim & Pereira, 2013).

Objetivo 13 - Identificar um modelo explicativo da violência no namoro, dos comportamentos de violência e das atitudes de violência no namoro

Os principais resultados da análise de regressão linear múltipla encontrados para os comportamentos de violência mostraram que as estratégias de resolução de conflitos abusivas são explicadas pelo modelo que integra a vitimização no namoro, o consumo de tabaco e os comportamentos de risco, sendo este responsável por 22% da variância dos resultados. O modelo explicativo das estratégias de resolução de conflitos não abusivas integra o ano de escolaridade, explicativo de cerca de 7% da variância encontrada. O modelo explicativo dos comportamentos violentos integra a vitimização

no namoro, o consumo de tabaco e o ano de escolaridade, sendo este explicativo de cerca de 20% da variância dos resultados.

Relativamente às atitudes de violência no namoro, foi identificado um modelo explicativo da legitimação da violência psicológica masculina que integrou o conhecimento de violência no namoro no grupo de pares, a vitimização no namoro e o sexo, explicativo de cerca de 10% da variância dos resultados. A legitimação da violência física masculina foi explicada em cerca de 7% pelo modelo constituído pela vitimização no namoro, o ano de escolaridade e o conhecimento de violência no namoro no grupo de pares. A violência sexual masculina foi explicada em cerca de 7% por um modelo constituído pelo sexo e o conhecimento de violência no namoro no grupo de pares.

Relativamente à violência psicológica feminina, esta foi explicada em cerca de 5% pelo modelo constituído pelo consumo de tabaco e o ano de escolaridades. O sexo é a variável que explica cerca de 5% da violência sexual feminina e, não foi possível identificar os preditores explicativos da violência física feminina.

Os modelos encontrados no presente estudo, como explicativos da violência no namoro, dos comportamentos violentos e da legitimação das atitudes de violência masculinas e femininas, vão ao encontro dos diversos estudos encontrados que têm vindo a sublinhar a importância da variável sexo (Caridade, 2011; Caridade & Machado, 2013; Costa *et al.*, 2013; Cruz *et al.*, 2011; Espinheira & Jólluksin, 2010; Ferreira, 2011; Hines & Saudino, 2002; Ismail *et al.*, 2007; Mahlstedt & Welsh, 2005; Matos, 2002; Melim & Nayak *et al.*, 2003; Pereira, 2013; Ribeiro, 2013; Sears & Byers, 2010; Sousa *et al.*, 2010), ano de escolaridade (Caridade, 2008; Cruz *et al.*, 2011; Ferreira, 2011; Gonçalves, 2013; Haberyan & Kibler, 2008; Lehrer *et al.*, 2009; Matos *et al.*, 2006; Machado *et al.*, 2010; McMurrin *et al.*, 2002), consumo de tabaco (Alves, 2016; Caridade & Machado, 2013; Cristovão, 2012; Hines & Saudino, 2002; Ismail *et al.*, 2007; Jaycox *et al.*, 2006; Mahlstedt & Welsh, 2005; Matos, 2002; McMurrin *et al.*, 2002; Nayak *et al.*, 2003), comportamentos de risco, vitimização anterior e conhecimento de violência no namoro no grupo de pares (Caridade & Machado, 2006; Horta *et al.*, 2010; Kimberg, 2008; Machado, 2010; Matos *et al.*, 2009; Oliveira & Sani, 2005; Sousa *et al.*, 2010; WHO/OMS, 2009).

Os modelos explicativos que emergiram na explicação dos comportamentos e atitudes violentas colocam a ênfase nas características intraindividuais, que sublinham a dimensão biológica, psicológica e da personalidade dos indivíduos (Ismail *et al.*, 2007; Matos, 2002) bem como nas características socioculturais, com especial enfoque para a influência do grupo de pares, como referência para os comportamentos violentos dos adolescentes (Dahlberg & Krug, 2007; Nayak *et al.*, 2003).

Conclusões

O presente trabalho teve como principal objetivo analisar a violência no namoro, comportamentos e atitudes que legitimam essa violência em adolescentes do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal, em Bragança.

Os principais resultados encontrados (descritivos e inferenciais), podem ser resumidos da seguinte forma:

- Maior violência emocional e verbal, muito embora os adolescentes consideram fazer uso de estratégias de resolução de conflitos no namoro não abusivas;
- As raparigas apresentam mais comportamentos de violência emocional e verbal e são elas que tendem a utilizar estratégias de resolução abusivas;
- Os adolescentes mais velhos (17/18 anos) apresentam mais indicadores de violência sexual embora os adolescentes de 17 anos considerem fazer uso de estratégias de resolução de conflitos no namoro não abusivas. Os comportamentos violentos são mais expressivos nos adolescentes com idades entre os 16 e os 18 anos;
- A violência sexual tem mais expressão nos adolescentes que frequentam o 11º e 12º ano de escolaridade, sendo que são estes que referem fazer mais uso de estratégias de resolução de conflitos abusivas e exibirem mais comportamentos violentos;
- Cerca de 16% dos adolescentes são fumadores, 59,4% consumidores de bebidas alcoólicas e 12,2% consumidores de outras drogas. As análises correlacionais mostraram que os adolescentes não fumadores, consumidores de álcool e de outras drogas empreendem mais comportamentos de violência.
- Cerca de 16% dos adolescentes já se envolveu em comportamentos de risco; 4,4% já foi vítima de violência no namoro e 8,9% teve já conhecimento de violência no namoro no seu grupo de pares. Foram encontradas correlações inversas que mostram que são os adolescentes que já se envolveram com comportamentos de risco, que já foram vítimas de violência no namoro e que têm conhecimento de violência no namoro no grupo de pares que mais exibem comportamentos violentos.
- Há mais atitudes de legitimação da violência psicológica masculina e feminina nos adolescentes;

- Os rapazes legitimam mais atitudes de violência psicológica e sexual masculina, bem como violência sexual feminina;
- A idade e a escolaridade não se mostraram influenciadoras da legitimação das atitudes violentas;
- Os resultados correlacionais mostraram que são os adolescentes consumidores de tabaco que legitimam mais atitudes de violência masculina e feminina e os consumidores de outras drogas legitimam mais atitudes de violência masculina. Os adolescentes que já se envolveram em comportamentos de risco, com vitimização prévia no namoro e com conhecimento de violência no grupo de pares são os que mais legitimam atitudes de violência no namoro.
- Foram encontrados modelos explicativos das estratégias de resolução de conflitos abusivas, não abusivas e comportamentos violentos, bem como modelos explicativos da legitimação das atitudes de violência física, psicológica e sexual masculina e das atitudes de violência psicológica e sexual feminina.

Os resultados agora encontrados não deixam de ser preocupantes pois sugerem que os comportamentos violentos parecem fazer parte do portfólio dos comportamentos dos adolescentes, sendo que estes não se mostram legitimados como tal, ou seja, apesar de os adolescentes empreenderem comportamentos violentos nas relações de namoro, não consideram que estes comportamentos sejam efetivamente violentos, legitimando-os como comportamentos "normais" nas relações amorosas.

Neste sentido, qualquer projeto de intervenção com os adolescentes deverá não apenas ter como intuito a mudança de comportamentos violentos nas relações de namoro, mas acima de tudo, uma mudança ao nível das atitudes. Embora estas sejam tidas como predisposições/avaliações mentais de natureza cognitiva, emocional e conativa, sustentadas por crenças e valores, elas encontram-se intimamente associadas com os comportamentos (ou seja ações). Se, há autores que defendem que as atitudes são construções relativamente estáveis, outros defendem que elas são uma construção temporária, portanto, suscetíveis de sofrerem alterações. A viabilidade de modificação das atitudes torna-se importante neste contexto específico, uma vez que o adolescente se encontra numa fase de construção da sua própria personalidade e identidade, o que acaba por reforçar a necessidade de um projeto de intervenção.

Apesar de considerarmos que os resultados obtidos permitiram um conhecimento da realidade dos adolescentes do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal, em Bragança, não poderíamos deixar de sublinhar a necessidade de existir alguma parcimónia na sua interpretação. Na verdade, sabemos que os adolescentes quando participam em processos de investigação com recurso ao inquérito por questionário para a recolha de dados, poderão nem sempre assumir a sua participação de forma séria, levando ao enviesamento dos resultados. Da mesma forma, a temática da violência no namoro poderá suscitar algumas apreensões por parte dos adolescentes, levando-os a responder às questões de forma irresponsável, não se preocupando em responder com sinceridade, podendo desta aceção extraírem-se dois pontos de análise: (i) os dados refletem a realidade dos adolescentes inquiridos ou (ii) os dados foram influenciados por receios, medos e inseguranças, mascarados pelo processo de desejabilidade social anteriormente referido.

Todavia e independentemente do maior ou menor enviesamento dos resultados, a ideia de que os comportamentos violentos fazem parte das dinâmicas amorosas dos adolescentes, não havendo uma legitimação desses comportamentos como violentos é uma constatação corroborada em outras investigações realizadas (Caridade, 2011; Caridade & Machado, 2006; Caridade & Machado, 2008; Caridade & Machado, 2013; Gonçalves, 2013), o que poderá sugerir alguma veracidade nos resultados agora encontrados.

Neste sentido consideramos que o enfermeiro especialista em enfermagem comunitária poderá ter aqui um papel crucial, intervindo na mudança de comportamentos e das atitudes legitimadas de violência no namoro, através de uma sensibilização que possa potenciar uma mudança ao nível da tomada de consciência, apresentamos um Projeto de Intervenção Comunitária na Violência no Namoro (cf. Anexo V).

Apesar do balanço positivo aportado pela realização desta investigação, sublinhamos igualmente alguns constrangimentos sentidos na sua concretização, nomeadamente na dificuldade em se conseguir o preenchimento dos questionários atempadamente, uma vez que a administração e a recolha de dados esteve sujeita a variáveis extrínsecas à investigação, exigindo uma flexibilidade por parte do investigador para levar a bom porto a conclusão do estudo. Por outro lado, consideramos que teria sido útil, para além

da utilização do inquérito por questionário na recolha dos dados, ter-se recorrido a uma abordagem mista através da realização de um conjunto de entrevistas aos adolescentes que pudessem completar alguns dos dados encontrados.

Por conseguinte, consideramos pertinente que a violência no namoro nos adolescentes possa ser alvo de futuras investigações, nomeadamente no distrito de Bragança, permitindo conhecer melhor a realidade desta área geográfica. Essas investigações deverão não apenas analisar os comportamentos violentos mais expressivos nos adolescentes, como também identificar a legitimação das atitudes de violência, com amostras mais amplas e que permitam a generalização dos resultados. Paralelamente, seria importante serem realizadas investigações-ações, que analisassem os comportamentos e atitudes de violência no namoro nos adolescentes de Bragança, antes e após a implementação de projetos de intervenção comunitários, no sentido de se poder aferir sobre a sua real eficácia na mudança dos comportamentos e atitudes dos adolescentes, bem como a sua consciência para estas questões.

Muito embora os resultados desta investigação tenham sido enriquecedores, consideramos que se constituem apenas como um ponto de partida e não de chegada, motivando e suscitando a nossa intervenção, enquanto enfermeiros especialistas em enfermagem comunitária, no desenvolvimento de competências que visam a promoção de estratégias e de respostas às reais necessidades dos adolescentes com intuito de potenciar a sua saúde física, mental, emocional, psicológica e relacional. É nesta perspetiva que consideramos que esta investigação apresenta um contributo importante na educação para a saúde dos adolescentes.

Referências Bibliográficas

- Aldrighi, T. (2004). Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo – Brasil. *Psicologia: Teoria e Prática*, 6(1), 105-120.
- Almeida, L., & Freire, T. (2010). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. Braga: Psiquilíbrios.
- Alves, R. (2016). *Adolescência, os anos da mudança*. Lisboa: Vogais.
- Amado, J., & Freire, I. (2005). *Definições, incidência e causas de violência em Portugal*. Lisboa: Centre for Educational Research.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2012). *O ciclo da violência doméstica*. Consultado em 14 de maio de 2016 em: <http://www.apav.pt/vd/index.php/vd/o-ciclo-da-violencia-domestica>
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2015). *Estatísticas APAV: Relatório anual 2014*. Consultado em 14 de maio de 2016 em: http://www.apav.pt/apav_v2/images/pdf/Estatisticas_APAV_Relatorio_Anual_2014.pdf
- Barreiros, S. (2009). *Diferenças de género nas perceções dos jovens acerca do uso da violência no namoro*. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Barroso, Z. (2008). *Violência nas relações amorosas. Atas do VI Congresso Português de Sociologia*. Consultado em <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/597.pdf>
- Bernardino, C. (2016). *APAV contra a violência no namoro*. Consultado em 14 de maio de 2016 em <http://www.delas.pt/apav-contra-a-violencia-no-namoro/>
- Brás, F. (2012). *Sexualidade na adolescência: Análise da perspetiva do adolescente face à sexualidade*. Dissertação de Mestrado. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança.
- Brás, M. (2008). *A sexualidade do adolescente: A perspetiva do profissional de enfermagem dos cuidados de saúde primários*. Tese de Doutoramento. Porto: Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar.

- Calligaris, C. (2000). *Adolescência*. São Paulo: Publifolha.
- Camargo, E., & Ferrari, R. (2009). Adolescentes: Conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(3), 937-946.
- Capanema, C., & Vorcaro, A. (2012). Modalidades do ato na particularidade da adolescência. *Ágora*, 15(1) 151-163.
- Caridade, S. (2011). *Vivências íntimas violentas: Uma abordagem científica*. Coimbra: Edições Almedina.
- Caridade, S., & Machado C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimização à perpetração. *Análise Psicológica*, 4(24), 485-493.
- Caridade, S., & Machado, C. (2008). Violência sexual no namoro: Relevância da prevenção. *Psicologia*, 22(1), 77-104.
- Caridade, S., & Machado, C. (2013). Violência nas relações juvenis de intimidade: Uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia*, 27(1), 91-113.
- Castro, M., Abramovay, M., & Silva, L. (2004). *Juventude e sexualidade*. Brasil: UNESCO.
- CIETafrica (2002). *Sexual violence and HIV/Aids: Executive report on the 2002 survey*. Consultado em 14 de maio de 2016 em: http://www.ciet.org/_documents/2006316174822.pdf
- Coelho, C., & Machado, C. (2010). *Violência entre jovens: Prevenção através da educação por pares*. Atas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia (pp. 3368-3383). Braga: Universidade do Minho.
- Coimbra de Matos, A. (2011). *Adolescência*. Lisboa: Climpesi Editores.
- Costa, P., Faranzena, R., Simões, H., & Pereira, B. (2013). Adolescentes portugueses e o bullying escolar: Estereótipos e diferenças de género. *Interações*, 9(25), 180-201.
- Cristovão, C. (2012). *Quanto mais me bates, mais gosto de ti: Um estudo exploratório sobre a violência no namoro*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: ISPA.

- Cruz, C., Almeida, M., Pinto, R., & Aleluia, S. (2011). Comportamento violento em adolescentes. Uma evidência numa escola secundária. *Millenium*, 40, 133-147.
- Dahlberg, L., & Krug, E. (2007). Violência: Um problema global de saúde pública. *Ciência e Saúde Coletiva*, 11, 1163-1178.
- Danis, F., & Anderson, K. (2008). An underserved population and untapped resource: A Preliminary study of collegiate sorority response to dating violence. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 17(3), 336-351
- Davies, S. (2010). Meleis's Theory of nursing transitions and relatives' experiences of nursing home. In A. Meleis (Ed.), *Transitions theory. Middle-range and Situation. Specific theories in nursing research and practice* (Part III - Chapter 4). New York. Springer Publishing Company.
- Delaroche, P. (2006). *A adolescência*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Dias, A. (2012). *Repertórios interpretativos sobre o amor: Das narrativas culturais às conjugualidades violentas*. Tese de Doutoramento. Braga: Universidade do Minho.
- Dias, I. (2004). *Violência na Família – Uma abordagem sociológica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Direção Geral de Saúde (2003). *Estratégias de combate à violência doméstica. Manual de recursos*. Lisboa: Ministério da Saúde.
- Direção Geral de Saúde (2006). *Circular normativa n.º 7/DSE de 29/06/2006: Programa nacional de saúde escolar*. Consultado em: <http://www.dgs.pt/upload/membro.id/ficheiros/i008093.pdf>
- Duarte, V. (2002). Violência conjugal: O pacto do silêncio. *Sociedade e Cultura*, 18(1-2), 229-244.
- Eisenstein, E. (2005). Adolescência: Definições, conceitos e critérios. *Adolescência e Saúde*, 2(2), 6-7.
- Espinheira, F., & Jóllyksin, G. (2009). Violência e bullying na escola. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 6, 106-115.

- Ferreira, M. J. (2011). *A violência no namoro: Estudo exploratório de caracterização das reações dos adolescentes face à violência*. Dissertação de Mestrado. Braga: Universidade do Minho.
- Fonseca, H. (2005). *Compreender os adolescentes: Um desafio para pais e educadores* (4ª ed.). Barcarena: Editorial Presença.
- Galvão, J. (2008). *Os jovens e o sexo*. Lisboa: Deplano.
- Glass, N., Fredland, N., Campbell, J., Yonas, M., Sharps, P., & Kub, J. (2003). Adolescent dating violence: Prevalence, risk factors, health outcomes, and implications for clinical practice. *Journal of Obstetric, Gynecologic, & Neonatal Nursing*, 32(2), 227-238.
- Gonçalves, M. (2013). *Namoro na adolescência: Atitudes de legitimação de violência e estratégias de resolução de conflitos em adolescentes nos Açores*. Dissertação de Mestrado. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Guerreiro, A., Pontedeira, C., Sousa, R., Magalhães, M., Oliveira, E., & Ribeiro, P. (2015). *Intimidade e violência no namoro: Refletir a problemática nos/as jovens*. Consultado em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/78885/2/115603.pdf>
- Haberyan, A., & Kibler, J. (2008). Physical violence in rural and urban midwestern adolescent dating relationships. *Psychology Journal*, 5(3), 158-164.
- Hines, D., & Saudino, K. (2002). Intergenerational transmission of intimate partner violence. A behavioural genetic perspective. *Trauma, Violence & Abuse*, 3, 210-225.
- Horta, R., Horta, B., Pinheiro, R., & Krindges, M. (2010). Comportamentos violentos de adolescentes e coabitação parento-filial. *Revista de Saúde Pública*, 44(6). Consultado em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102010000600001
- Ismail, F., Berman, H., & Ward-Griffin, C. (2007). Dating violence and the health of young women: A feminist narrative study. *Health Care for Women International*, 28, 453-477.

- Jardim, J., & Pereira, A. (2006). *Competências pessoais e sociais: Guia prático para a mudança positiva*. Porto: Edições ASA.
- Jaycox, L., Mccaffrey, D., Eiseman, B., Shelley, G., Collins, R., & Marshall, G. (2006). Impact of a school-based dating violence prevention program among Latino teens: Randomized controlled effectiveness trial. *Journal of Adolescent Health, 39*(5), 694-704.
- Johnson, S., Blum, R., & Giedd, J. (2009). Adolescent Maturity and the Brain: The promise and pitfalls of neuroscience research in adolescent health policy. *Journal of Adolescent Health, 45*, 3, 216-221.
- Kaura, S., & Lohman, B. (2007). Dating violence victimization, relationship satisfaction, mental health problems, and acceptability of violence: A comparison of men and women. *Journal of Family Violence, 22*, 367-381.
- Kimberg, L. S. (2008). Addressing intimate partner violence with male patients: A review and introduction of pilot guidelines. *Journal of General Internal Medicine, 23*(12), 2071-2078.
- Lehrer, J., Lehrer, E., & Zhao, Z. (2009). Physical and psychological dating violence in young men and women in Chile: Results from a 2005 survey of university students. *International Journal of Injury Control and Safety Promotion, 16*(4), 205-214.
- Leitão, M. (2013). Violência nas relações de intimidade. *Fazer diferente para fazer a diferença, 5*, 23-42.
- Li, Q. (2006). Cyberbullying in schools. A research of gender differences. *School Psychology International, 27*(2), 157-170.
- Lichter, E., & McCloskey, L. (2004). The effects of childhood exposure to marital violence on adolescent gender-roles beliefs and dating violence. *Psychology of Women Quarterly, 28*, 344-357.
- Lourenço, N., & Carvalho, M. (2001). Violência doméstica: Conceito e âmbito. Tipos e espaços de violência. *Themis, 3*, 95-121.

- Lucas, S. (2002). *A agressividade no namoro de adolescentes*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Machado, C., & Gonçalves, C. (2003). *Violência e vítima de crimes*. Coimbra: Quarteto Editores.
- Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. (2010). Violence in juvenile dating relationships: Self-reported prevalence and attitudes in a Portuguese sample. *Journal of Family Violence, 25*, 43-52.
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. I. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica, 33*, 69-83.
- Machado, L. (2010). *Crenças e representações sociais dos adolescentes sobre a violência interpessoal*. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Mahlstedt, D., & Welsh, L. (2005). Perceived causes of physical assault in heterosexual dating relationships. *Violence Against Women, 11*, 447-472.
- Marôco, J. (2011). *Análise estatística com o SPSS statistics* (6ª ed.). Pêro Pinheiro: Report Number.
- Matos, M. (2002). Violência conjugal. In C. Machado, & R. Gonçalves (Coords.), *Violência e vítimas de crimes* (pp. 81-130). Coimbra: Quarteto Editores.
- Matos, M., & Equipa do Projeto Aventura Social e Saúde (2011). *Health behavior in school-aged children - Problemas emergentes e contextos sociais*. Consultado em http://aventurasocial.com/arquivo/1302897373_2b-HBSC%20Adolescentes%202010-11.pdf
- Matos, M., & Sampaio, D. (2009). *Jovens com saúde: Diálogo com uma geração* (1ª ed.). Lisboa: Texto Editores.
- Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: Intervenção com jovens em contexto escolar. *Revista Psicologia: Teoria e Prática, 8*, 55-76.
- Matos, M., Negreiros, J., Simões, C., & Gaspar, T. (2009). *Violência, bullying e delinquência* (1ªed). Lisboa: Coisas de Ler Edições.

- McEwens, M., & Wills, E. (2009). *Bases teóricas para enfermagem* (2ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- McMurrin, M., Blair, M., & Egan, V. (2002). An investigation of the correlations between aggression, impulsiveness, social problem-solving, and alcohol use. *Aggressive Behavior*, 28, 439-445.
- Meleis, A. (2010). Role insufficiency and role supplementation: A conceptual framework. In A. Meleis (Ed.), *Transitions theory. Middle-range and Situation. Specific theories in nursing research and practice* (Part II - Chapter 1). New York. Springer Publishing Company.
- Melim, M., & Pereira, B. (2013). Bullying, género e idade. In P. Silva, S. Souza, & I. Neto (Eds.), *O desenvolvimento humano: Perspetivas para o século XXI – Memória, lazer e atuação profissional* (pp. 292-316). São Luís: EDUFMA.
- Mendes, E., & Cláudio V. (2010). *Crenças e atitudes dos estudantes de enfermagem, engenharia e psicologia acerca da violência doméstica*. Atas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia (pp. 3219-3230). Braga: Universidade do Minho.
- Moura, G. (2012). *Violência no namoro e estilos parentais na adolescência: Compreensão das atitudes face à violência nas relações de namoro em adolescentes e a relação com a sua perceção dos estilos parentais*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: ISPA.
- Nayak, M., Byrne, C., Martin, M., & Abraham, A. (2003). Attitudes toward violence against women: a cross-nation study. *Sex Roles*, 49, 333-342.
- Offenhaure, P., & Buchalter, A. (2011). *Teen dating violence: A literature review and annotated bibliography*. USA: U.S. Department of Justice.
- Oliveira, A., & Manita, C. (2003). Prostituição, violência e vitimação. In C. Machado, & R. Gonçalves (Coord.), *Violência e vítimas de crime* (pp. 213-239). Coimbra: Quarteto Editora.
- Oliveira, M., & Sani, A. (2005). *Comportamentos dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas*. Atas do VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia (pp. 1061-1074). Braga: Centro de Investigação em Educação.

- Organização Mundial de Saúde (2012). *Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: Ação e produção de evidência*. Consultado em 14 de maio de 2016 em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/44350/3/9789275716359_por.pdf
- Pais-Ribeiro, J. L. (2010). *Investigação e avaliação em psicologia e saúde*. Lisboa: Placebo Editora.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2003). Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: Definição, prevalência, causas e efeitos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 4(2), 165-184.
- Patrão, I. (2005). Bem me quer, mal me quer... Bem nos quer, mal nos quer. *Análise Psicológica*, 3(23), 289-294.
- Peralta, C., & Rodrigues, A. (2006). *Juízo moral na adolescência: A Psicologia social na senda da psicologia do desenvolvimento através da análise de poemas de canções rock*. Consultado em <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0338.pdf>
- Pestana, M., & Gageiro, J. (2008). *Análise de dados para ciências sociais - A complementaridade do SPSS*. Lisboa. Edições Sílabo.
- Raimondo, M., Fegadol, D., Meier, M., Wall, M., Labronici, L., & Raimondo-Ferraz, M. (2012). Produção científica Brasileira fundamentada na Teoria de Enfermagem de Orem: Revisão integrativa. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 65(3), 529-534.
- Regulamento n.º 128/2011 de 18 de fevereiro, *Regulamento das Competências Específicas do Enfermeiro Especialista em Enfermagem Comunitária e de Saúde Pública*. *Diário da República*, 2ª Série, nr. 35
- Ribeiro, P. (2013). *A dimensão juspsicológica da violência no namoro: Um estudo*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Roehrs, H., Maftum, M., & Zagonel, I. (2010). Adolescência na percepção de professores do ensino fundamental. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 44(22), 421-428.

- Sá, I. (2002). O desenvolvimento da compreensão e da regulação das emoções. *Cadernos de Criatividade*, 4, 7-16.
- Saavedra, R. (2010). *Prevenir antes de remediar: Prevenção da violência nos relacionamentos íntimos jovens*. Tese de Doutoramento. Braga: Universidade do Minho.
- Saavedra, R., Machado, C., Martins, C., & Vieira, D. (2011). Inventário de conflitos nas relações de namoro entre adolescentes. In C. Machado, M. Gonçalves, L. Almeida, & M. Simões (Coords.), *Instrumentos e contextos de avaliação psicológica* (vol. I). Coimbra: Almedina.
- Sampaio, D. (2002). *Ninguém morre sozinho: O adolescente e o suicídio*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Sears, H., & Byers, E. (2010). Adolescent girls' and boys' experiences of psychologically, physically, and sexually aggressive behaviors in their dating relationships: Co-occurrence and emotional reaction. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 19(5), 517-539.
- Sebastião J., Alexandre, A., & Ferreira, J. (2010). *Adolescência, violência e género no concelho de Cascais*. Cascais: Centro de Investigação e Estudos de Sociologia.
- Shulman, S., Davila, J., & Shachar-Shapira, L. (2011). Assessing romantic competence among older adolescents. *Journal of Adolescence*, 34(3), 397-406.
- Simões, C. (2007). *Comportamentos de risco na adolescência*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Slap, G., Lot, L., Huang, B., Daniyam, C., Zink, T., & Succop, P. (2003). Sexual behaviour of adolescents in Nigeria: Cross sectional survey of secondary school students. *British Medical Journal*, 326(7379),15.
- Sousa, S., Correia, T., Ramos, E., Fraga, S., & Barros, H. (2010). Violence in adolescents: Social and behavior factors. *Gaceta Sanitaria*, 24(1), 47-52.
- Stretch, P. (2002). *Interiores: Uma ajuda aos pais sobre a vida emocional dos filhos* (2ª ed.). Lisboa: Assírio & Alvim.

- Teixeira, J. (2000). *Comportamento criminal: perspectiva biopsicológica*. Linda-a-Velha: Vale & Vale Editores.
- Tomey, A., & Alligood, M. (2002). *Teóricas de enfermagem e sua obra. Modelos e teorias em enfermagem*. Loures: Lusociência.
- Toscano, S. (2007). A grounded theory of female adolescents' dating experiences and factors influencing safety: The dynamics of the Circle. *BMC Nursing*, 6(7).
- United Nations Children's Fund (2011). *Adolescence: An age of opportunity*. USA: UNICEF.
- Ventura, C. (2014). *Violência no namoro: Crenças e autoconceito nas relações sociais de género. Modelo de intervenção em enfermagem*. Tese de Doutoramento: Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar.
- Ventura, M. C. (2014). *Violência no namoro: Crenças e autoconceito nas relações sociais de género. Modelo de intervenção em enfermagem*. Tese de Doutoramento. Porto: Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar.
- Vilelas, J. (2009). *A influência da família e da escola na sexualidade do adolescente*. Coimbra: Formasau.
- World Health Organization (2009). *Violence prevention: The evidence*. Consultado em: http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/4th_milestones_meeting/evidence_briefings_all.pdf
- World Health Organization, Joint United Nations Program on HIV/AIDS, & United Nations Population Fund (2004). *Seen but not heard: Very young adolescents aged 10–14 years*. Switzerland: WHO.
- Yano, K., & Ribeiro, M. (2011). O desenvolvimento da sexualidade de crianças em situação de risco. *Revista da Escola de Enfermagem USP*, 45(6), 1315-1322.

ANEXOS

ANEXO I - INSTRUMENTO

O meu nome é Maria Céu Silva, enfermeira da ULSNE a trabalhar no Serviço de Urgência, estou a realizar um estudo que se insere no âmbito do Mestrado em Enfermagem Comunitária, sob orientação da Prof. Doutora Adília Fernandes e Prof. Doutor Manuel Brás. Gostaríamos de saber a sua opinião relativamente a alguns aspetos sobre a Violência no Namoro.

A tua opinião é muito importante e por isso, pedimos-te que respondas com o máximo de sinceridade, pois não existem respostas certas nem erradas.

Os dados que forneceres serão confidenciais e anónimos.

Agradecemos a tua participação!

Questionário Sociodemográfico

Assinala com uma cruz (x) a resposta que for adequada ao teu caso (ou completa-a, se for caso disso), em relação às seguintes questões:

1. Idade: _____ anos

2. Sexo: Feminino Masculino

3. Ano que estás a frequentar: 10º ano 11º ano 12º ano

Questões sobre o teu **estilo de vida**:

4. Fumas? Sim Não

Se sim, há quanto tempo? _____

5. Ingeres bebidas alcoólicas? Sim Não

Se sim, com que frequência? _____

6. Já consumiste drogas? Sim Não

Se sim, quais: _____

7. Já estiveste envolvido em algum comportamento de risco (por exemplo, ter relações sexuais sem métodos contraceptivos; ter relações sexuais com diferentes parceiros, etc.). Sim Não

8. Já foste vítima de violência no namoro (violência psicológica/física)?

Sim Não

Se sim, o relacionamento durou quanto tempo?_____.

9. Tens conhecimento de alguma situação de violência no namoro no teu grupo de pares? Sim Não

Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (CADRI)

(Autores: Wolfe, Scott, Straatman, Grasley, & Reitzel-Jaffe, 2001; Adaptação Portuguesa: R. Saavedra, C. Machado, C. Martins, & D. Vieira, 2008)

Versão para Investigação

INSTRUÇÕES

Vais encontrar, de seguida, um conjunto de afirmações em relação a situações de violência no namoro. Pede-se que leias atentamente essas frases e exprimas a tua opinião em relação a cada uma delas. Não existem respostas certas ou erradas. A tua opinião é o mais importante. Por favor, tenta responder de acordo com a tua forma de pensar e sentir e não como achas que deveria ser.

Avalia cada afirmação, colocando um (X) na opção que melhor traduza o teu modo de pensar. Assegura-te de que respondeste a todas as questões, devendo optar apenas por uma das hipóteses apresentadas.

As respostas a este questionário são absolutamente confidenciais.

Obrigado pela tua colaboração.

PARTE I

A) Assinala com uma cruz (X) a opção que melhor se aplica à tua situação.

- Namoro ou já namorei
- Nunca namorei (**Se escolheste esta opção não precisas responder a este questionário**)
- Saio ou saí com alguém apesar de não existir um compromisso de namoro (**Se escolheste esta opção, não precisas responder a este questionário**)

B) Se já estiveste envolvido numa relação de namoro, por favor, responde à seguinte questão: Com que idade começaste a namorar? _____

C) Nas páginas que se seguem são feitas algumas questões sobre os teus relacionamentos atuais ou sobre relações que tenhas tido. Por favor assinala a pessoa em que estás a pensar quando respondes a estas questões:

- Estou a pensar na pessoa que é o meu (minha) namorado(a) atualmente.
- Estou a pensar num(a) ex-namorado(a) do último ano.
- Estou a pensar num(a) ex-namorado(a) há mais de um ano.

PARTE II

As perguntas que se seguem questionam-te acerca de coisas que poderão ter acontecido contigo e com o teu namorado ou namorada durante uma discussão.

Assinala o quadrado que melhor identifica o número de vezes que essas coisas aconteceram com o teu/tua atual ou ex-namorado(a), no último ano. Por favor, lembra-te que todas as respostas são confidenciais. Como guia de resposta, utiliza a seguinte escala:

- 0. Nunca:** isto nunca aconteceu no teu relacionamento
1. Raramente: isto aconteceu apenas 1-2 vezes no teu relacionamento
2. Às vezes: isto aconteceu cerca de 3-5 vezes no teu relacionamento
3. Frequentemente: isto aconteceu mais do que 6 vezes no teu relacionamento

Durante uma discussão ou conflito com o meu(minha) namorado(a):					
1.	Eu apresentei os meus motivos	0	1	2	3
1.1.	Ele(a) apresentou os motivos dele(a).	0	1	2	3
2	Eu toquei-o(a), sexualmente, contra a vontade dele(a).	0	1	2	3
2.1.	Ele(a) tocou-me, sexualmente, contra a minha vontade.	0	1	2	3
3.	Eu tentei pôr os amigos dele(a) contra ele(a).	0	1	2	3
3.1.	Ele(a) tentou pôr os meus amigos contra mim.	0	1	2	3
4	Eu fiz alguma coisa para lhe provocar ciúmes.	0	1	2	3
4.1	Ele(a) fez alguma coisa para me provocar ciúmes.	0	1	2	3
5	Eu destruí ou ameacei destruir alguma coisa de que ele(a) gostava.	0	1	2	3
5.1.	Ele(a) destruiu ou ameaçou destruir alguma coisa de que eu gostava.	0	1	2	3
6	Eu admiti que tinha alguma culpa.	0	1	2	3
6.1	Ele(a) admitiu que tinha alguma culpa.	0	1	2	3
7	Eu lembrei uma coisa má que ele(a) tinha feito no passado.	0	1	2	3
7.1.	Ele(a) lembrou uma coisa má que eu tinha feito no passado.	0	1	2	3
8	8. Eu atirei-lhe alguma coisa.	0	1	2	3
8.1.	8.1. Ele(a) atirou-me alguma coisa.	0	1	2	3
9	9. Eu disse coisas só para o(a) deixar furioso(a).	0	1	2	3
9.1.	9.1. Ele(a) disse coisas só para me deixar furiosa(o).	0	1	2	3
10	10. Eu dei razões para achar que ele(a) estava errado(a).	0	1	2	3
10.1	10.1. Ele(a) deu razões para achar que eu estava errada(o).	0	1	2	3
11	Eu concordei que ele(a) estava, em parte, certo(a).	0	1	2	3
11.1.	Ele(a) concordou que eu estava, em parte, certa(o).	0	1	2	3
12	Eu falei com ele(a) num tom de voz agressivo e mau.	0	1	2	3
12.1.	Ele(a) falou comigo num tom de voz agressivo e mau.	0	1	2	3
13	Eu forcei-o(a) a ter relações sexuais comigo quando ele(a) não queria.	0	1	2	3
13.1	Ele(a) forçou-me a ter relações sexuais com ele(a) quando eu não queria.	0	1	2	3
14	Eu apresentei uma solução que achei boa para os dois.	0	1	2	3
14.1	Ele(a) apresentou uma solução que achou boa para os dois.	0	1	2	3

Durante uma discussão ou conflito com o meu(minha) namorado(a):					
15	Eu ameacei-o(a), para tentar ter relações sexuais com ele(a).	0	1	2	3
15.1	Ele(a) ameaçou-me, para tentar ter relações sexuais comigo.	0	1	2	3
16	Eu deixei de falar até ele(a) se acalmar.	0	1	2	3
16.1	Ele(a) deixou de falar até eu me acalmar.	0	1	2	3
17	Eu insultei-o(a) com coisas humilhantes.	0	1	2	3
17.1	Ele(a) insultou-me com coisas humilhantes.	0	1	2	3
18	Eu discuti o assunto calmamente.	0	1	2	3
18.1	Ele(a) discutiu o assunto calmamente.	0	1	2	3
19	Eu beijei-o(a) quando ele(a) não queria	0	1	2	3
19.1	Ele(a) beijou-me quando eu não queria.	0	1	2	3
20	Eu contei coisas aos amigos dele(a) para os pôr contra ele(a).	0	1	2	3
20.1	Ele(a) contou coisas aos meus amigos para os pôr contra mim.	0	1	2	3
21	Eu gozei-o(a) ou fiz pouco dele(a) em frente de outros.	0	1	2	3
21.1	Ele(a) gozou-me ou fez pouco de mim em frente de outros.	0	1	2	3
22	Eu disse-lhe o quanto aborrecida(o) estava.	0	1	2	3
22.1	Ele(a) disse-me o quanto aborrecido(a) estava.	0	1	2	3
23	Eu controlo com quem ele(a) está e onde está.	0	1	2	3
23.1	Ele(a) controla com quem eu estou e onde estou.	0	1	2	3
24	Eu culpei-o(a) pelo problema.	0	1	2	3
24.1	Ele(a) culpou-me pelo problema.	0	1	2	3
25	Eu dei-lhe pontapés, bati-lhe ou dei-lhe murros.	0	1	2	3
25.1	Ele(a) deu-me pontapés, bateu-me ou deu-me murros.	0	1	2	3
26	Eu abandonei a sala para me acalmar.	0	1	2	3
26.1	Ele(a) abandonou a sala para se acalmar.	0	1	2	3
27	Eu desisti só para evitar um conflito.	0	1	2	3
27.1	Ele(a) desistiu só para evitar um conflito.	0	1	2	3
28	Eu acusei-o(a) de se meter com outras(os) raparigas/rapazes.	0	1	2	3
28.1	Ele(a) acusou-me de me meter com outros(as) rapazes/raparigas.	0	1	2	3
29	Eu tentei assustá-lo(a) de propósito.	0	1	2	3
29.1	Ele(a) tentou assustar-me de propósito.	0	1	2	3
30	Eu dei-lhe uma bofetada ou puxei-lhe o cabelo.	0	1	2	3
30.1	Ele(a) deu-me uma bofetada ou puxou-me o cabelo.	0	1	2	3
31	Eu ameacei magoá-lo(a).	0	1	2	3
31.1	Ele(a) ameaçou magoar-me.	0	1	2	3
32	Eu ameacei terminar o namoro.	0	1	2	3
32.1	Ele(a) ameaçou terminar o namoro.	0	1	2	3
33	Eu ameacei bater-lhe ou atirar-lhe com qualquer coisa.	0	1	2	3
33.1	Ele(a) ameaçou bater-me ou atirar-me com qualquer coisa.	0	1	2	3
34	Eu empurrei-o(a), dei-lhe encontrões ou abanei-o(a).	0	1	2	3
34.1	Ele(a) empurrou-me, deu-me encontrões ou abanou-me.	0	1	2	3
35	Eu espalhei boatos contra ele(a).	0	1	2	3
35.1	Ele(a) espalhou boatos contra mim.	0	1	2	3

Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN)

(Autores: Price, Byers, & The Dating Violence Research Team, 1999; Tradução Portuguesa: Saavedra, Machado, & Martins, 2008)

Versão para Investigação

INSTRUÇÕES

Vais encontrar de seguida um conjunto de afirmações em relação a situações de violência no namoro. Pede-se que leias atentamente essas frases e exprimas a tua opinião em relação a cada uma delas. Não existem respostas certas ou erradas. A tua opinião é o mais importante. Por favor, tenta responder de acordo com a tua forma de pensar e sentir e não como achas que deveria ser.

Avalia cada afirmação, colocando um (X) na opção que melhor traduza o teu modo de pensar. Assegura-te de que respondeste a todas as questões, devendo optar apenas por uma das hipóteses apresentadas.

As respostas a este questionário são absolutamente confidenciais.

Obrigado pela tua colaboração!

Por favor, lê atentamente cada afirmação e responde de acordo com as seguintes opções:

1. **Discordo Totalmente**
2. **Discordo**
3. **Não Concordo nem Discordo**
4. **Concordo**
5. **Concordo Totalmente**

PARTE A

1	Um rapaz não deve insultar a namorada.	①	②	③	④	⑤
2	Um rapaz não deve dizer à namorada o que fazer.	①	②	③	④	⑤
3	Uma rapariga deve pedir autorização ao namorado para sair com os amigos.	①	②	③	④	⑤
4	Os relacionamentos resultam melhor quando as raparigas procuram agradar os namorados.	①	②	③	④	⑤
5	Não existe nenhuma razão para um rapaz ameaçar a namorada.	①	②	③	④	⑤
6	Por vezes, os rapazes não conseguem evitar insultar as namoradas.	①	②	③	④	⑤
7	Uma rapariga deve mudar a sua forma de ser para agradar ao namorado.	①	②	③	④	⑤
8	Uma rapariga deve fazer sempre o que o namorado lhe diz para fazer.	①	②	③	④	⑤
9	Um rapaz não precisa de saber tudo o que a namorada faz.	①	②	③	④	⑤
10	Não existe nenhuma razão para um rapaz insultar a namorada.	①	②	③	④	⑤
11	É normal um rapaz gritar com a namorada quando está furioso.	①	②	③	④	⑤
12	Um rapaz pode dizer mal da namorada	①	②	③	④	⑤
13	Não existe nenhuma razão para um rapaz gritar e berrar com a namorada.	①	②	③	④	⑤
14	Uma rapariga não deve estar com os amigos se isso aborrecer o namorado	①	②	③	④	⑤
15	É importante que uma rapariga se vista sempre da forma que o namorado quer.	①	②	③	④	⑤

PARTE B

1	Uma rapariga deve acabar o namoro se o namorado lhe bater.	①	②	③	④	⑤
2	Algumas raparigas merecem levar uma bofetada dos namorados.	①	②	③	④	⑤
3	Não é correto um rapaz bater na namorada.	①	②	③	④	⑤
4	Por vezes os rapazes não conseguem evitar dar murros na namorada.	①	②	③	④	⑤
5	Não existe nenhuma razão para um rapaz empurrar a namorada.	①	②	③	④	⑤
6	Por vezes um rapaz não consegue evitar bater na namorada quando ela o irrita.	①	②	③	④	⑤
7	Não existe nenhuma razão para um rapaz dar uma bofetada à namorada.	①	②	③	④	⑤
8	Por vezes o ciúme põe um rapaz tão louco que ele bate na namorada.	①	②	③	④	⑤
9	As raparigas que traem os namorados merecem ser esbofeteadas.	①	②	③	④	⑤
10	Por vezes, o amor faz com que um rapaz fique tão louco que ele bate na namorada.	①	②	③	④	⑤
11	Normalmente um rapaz não bate na namorada a não ser que esta mereça.	①	②	③	④	⑤
12	Um rapaz pode bater na namorada se ela merecer.	①	②	③	④	⑤

PARTE C

1	Quando um rapaz paga a conta num encontro pode pressionar a namorada para ter relações sexuais com ele.	①	②	③	④	⑤
2	Os rapazes não são donos do corpo das namoradas.	①	②	③	④	⑤
3	Quando os rapazes ficam muito excitados sexualmente, não conseguem evitar ter relações sexuais.	①	②	③	④	⑤
4	Os rapazes nunca devem embriagar as namoradas para conseguirem ter relações sexuais com elas.	①	②	③	④	⑤
5	Um rapaz não deve tocar na namorada a não ser que ela queira.	①	②	③	④	⑤
6	Um rapaz pode forçar a namorada a beijá-lo.	①	②	③	④	⑤
7	Às vezes os rapazes têm de ser brutos com as namoradas para as excitarem.	①	②	③	④	⑤
8	Para provar o seu amor uma rapariga deve ter relações sexuais com o namorado.	①	②	③	④	⑤
9	Uma rapariga que entra no quarto de um rapaz está a concordar ter relações sexuais com ele.	①	②	③	④	⑤
10	Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais.	①	②	③	④	⑤
11	Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais se ela já teve relações no passado.	①	②	③	④	⑤
12	Depois de um casal assumir um compromisso, o rapaz não tem o direito de forçar a namorada para ter relações sexuais.	①	②	③	④	⑤

PARTE D

1	Não existe nenhuma desculpa para uma rapariga ameaçar o namorado.	①	②	③	④	⑤
2	Não existe nenhuma razão para uma rapariga insultar o namorado.	①	②	③	④	⑤
3	As raparigas têm o direito de dizer aos namorados como se devem vestir.	①	②	③	④	⑤
4	Um rapaz deve fazer sempre o que a namorada lhe diz para fazer.	①	②	③	④	⑤
5	Se uma rapariga berrar e gritar com o namorado, não o magoa a sério.	①	②	③	④	⑤
6	As raparigas têm o direito de dizer aos namorados o que fazer.	①	②	③	④	⑤
7	É importante que um rapaz se vista sempre da forma que a namorada quer.	①	②	③	④	⑤
8	Por vezes as raparigas não conseguem evitar insultar os namorados.	①	②	③	④	⑤
9	Um rapaz deve pedir sempre autorização à namorada para sair com os amigos.	①	②	③	④	⑤
10	Uma rapariga pode dizer mal do namorado.	①	②	③	④	⑤
11	É normal uma rapariga gritar com o namorado quando fica furiosa.	①	②	③	④	⑤
12	Por vezes as raparigas têm de ameaçar os namorados para eles as ouvirem.	①	②	③	④	⑤
13	Uma rapariga não deve controlar o que o namorado veste.	①	②	③	④	⑤

PARTE E

1	Uma rapariga pode bater no namorado se ele merecer.	①	②	③	④	⑤
2	Não tem mal se uma rapariga empurrar o namorado.	①	②	③	④	⑤
3	Por vezes, as raparigas não conseguem evitar dar murros nos namorados.	①	②	③	④	⑤
4	Alguns rapazes merecem levar uma bofetada da namorada.	①	②	③	④	⑤
5	Por vezes, uma rapariga tem de bater no namorado para ele a respeitar.	①	②	③	④	⑤
6	Normalmente uma rapariga só bate no namorado quando ele merece.	①	②	③	④	⑤
7	Uma rapariga não deve bater no namorado, independentemente do que ele tenha feito.	①	②	③	④	⑤
8	Não existe nenhuma razão para um rapaz levar uma bofetada da namorada.	①	②	③	④	⑤
9	Puxar o cabelo é uma boa forma de uma rapariga se vingar do namorado.	①	②	③	④	⑤
10	Nunca está correto uma rapariga dar uma bofetada ao namorado.	①	②	③	④	⑤
11	Algumas raparigas têm que bater nos namorados para serem ouvidas.	①	②	③	④	⑤
12	Um rapaz deve terminar o namoro com uma rapariga se esta o esbofetear.	①	②	③	④	⑤

PARTE F

1	Uma rapariga não deve tocar no namorado a não ser que ele queira.	①	②	③	④	⑤
2	Não tem nada de mal um rapaz mudar a sua opinião sobre ter relações sexuais.	①	②	③	④	⑤
3	Um rapaz deve terminar o namoro com a namorada se ela o obrigar a ter relações sexuais.	①	②	③	④	⑤
4	Uma rapariga só deve tocar o namorado nos sitios onde ele quer.	①	②	③	④	⑤
5	Um rapaz que entra no quarto de uma rapariga está a concordar em ter relações sexuais.	①	②	③	④	⑤
6	Não tem nada de mal uma rapariga forçar o namorado a beijá-la.	①	②	③	④	⑤
7	As raparigas nunca devem embriagar os namorados para conseguirem ter relações sexuais com eles.	①	②	③	④	⑤
8	Mesmo se um rapaz tiver dito “sim” sobre ter relações sexuais, tem sempre o direito de mudar de ideias.	①	②	③	④	⑤
9	Depois de um casal assumir um compromisso, a rapariga não tem o direito de forçar o namorado a ter relações sexuais.	①	②	③	④	⑤
10	As raparigas nunca devem mentir aos namorados para eles terem relações sexuais com elas.	①	②	③	④	⑤
11	Para provar o seu amor, um rapaz deve ter relações sexuais com a namorada.	①	②	③	④	⑤
12	Uma rapariga pode dizer a um rapaz que gosta dele só para conseguir ter relações sexuais com ele.	①	②	③	④	⑤

Obrigada pela tua colaboração!

ANEXO II - PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO À INSTITUIÇÃO

Ao **Conselho Executivo** do
Agrupamento de Escolas Abade de
Avenida Humberto Delgado
5300 – 167 Bragança

Bragança, outubro de 2016

Assunto: Pedido para administração de questionário

No âmbito da Dissertação de Mestrado em Enfermagem Comunitária, da Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Bragança, vimos por este meio solicitar a autorização para administração de um questionário sobre a violência no namoro, integrado no tema da Dissertação: "**Violência no namoro: Estudo com Adolescentes de uma Escola Secundária de Bragança**".

Pretende-se que a população da presente investigação seja constituída por estudantes do 10º, 11º e 12º ano de escolaridade, já que o estudo procura analisar a violência no namoro nesta população, bem como as crenças associadas a esta temática.

Mais se informa que os instrumentos de recolha de dados que irão ser administrados, são inteiramente inócuos e os dados serão confidenciais e anónimos.

Na expectativa de um bom acolhimento para o presente projeto, apresentamos os nossos melhores cumprimentos,

Enfermeira Maria do Céu Vaqueiro



Ex.^a Senhora
Professora Doutora Helena Pimentel
Escola Superior de Saúde
Avenida D. Afonso V
5300 - 121 Bragança

Sua referência:

Sua comunicação de:

Mostra referência:
Of.º nº 870

Data:
30-11-2016

ASSUNTO: Autorização de aplicação de questionário
Proc. 7. 81. 06

Vimos informar V.Ex.^a da autorização da aplicação de questionário que servirá de base a um trabalho de investigação subordinado ao tema:

Violência no Namoro : Estudo com Adolescentes de uma Escola Secundária de Bragança, da aluna Maria do Céu Voqueiro da Silva do Curso de Mestrado em Enfermagem Comunitária.

Com os melhores cumprimentos,

A Diretora,

(Maria Teresa Martins Rodrigues Sá Pires)

.../CC

**ANEXO III - PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO AOS ENCARREGADOS DE
EDUCAÇÃO**

Solicitação de Autorização aos Encarregados de Educação

No âmbito do estudo de Dissertação de Mestrado em Enfermagem Comunitária, realizada pela mestranda Enfermeira Maria do Céu Vaqueiro, na Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Bragança, vimos por este meio pedir autorização do Encarregado de Educação do(a) aluno(a) _____, para a realização da recolha dos dados essenciais para a realização do estudo de investigação intitulado **“Violência no namoro: Estudo com Adolescentes de uma Escola Secundária de Bragança”**.

Informa-se que os Instrumentos a serem administrados são inteiramente inócuos e os dados serão confidenciais e anónimos.

Por favor coloque uma cruz na opção que se refere ao seu educando:

Autorizo

Não autorizo

(Assinatura do Encarregado de Educação)

Obrigada pela colaboração.

(Enfermeira Maria do Céu)

Bragança, outubro de 2016

ANEXO IV - PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO DO INSTRUMENTO

-----Mensagem original-----

De: Maria do Ceu Vaqueiro Silva

Enviada: terça-feira, 27 de setembro de 2016 11:50

Para: Prof. Doutora Rosa Saavedra

Assunto: autorização questionário

Exma. Sra. Prof. Doutora Rosa Saavedra

O meu nome é Maria do Céu Vaqueiro Silva, enfermeira no Serviço de Urgência da Unidade Local de Saúde do Nordeste e encontro-me a frequentar o Mestrado em Enfermagem Comunitária na Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Bragança. O meu trabalho de dissertação tem como tema "Violência no Namoro: Estudo com Adolescentes de uma Escola Secundária de Bragança", sob a orientação da Prof. Doutora Adília Fernandes e Prof. Doutor Manuel Brás.

Durante o processo de pesquisa bibliográfica inicial constatei que a Prof. Doutora Rosa Saavedra adaptou para a população portuguesa o Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (CADRI) e traduziu a Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN), que se enquadram perfeitamente no âmbito do meu projeto de tese, enquanto instrumentos privilegiados de recolha de informação. Por conseguinte, venho por este meio solicitar autorização para a utilização dos referidos instrumentos na dissertação que estou a realizar.

Caso tenha interesse, comprometo-me a enviar-lhe os principais resultados a que chegarmos com o uso destes instrumentos na população-alvo (adolescentes que frequentam o ensino secundário no ano letivo de 2016/2017 na Escola Secundária Abade de Baçal).

Certa de um bom acolhimento da sua parte, subscrevo-me com elevada estima e consideração

Maria do Céu Silva

De: Polo de Formação do Porto | APAV

Enviado: 4 de outubro de 2016 12:40

Para: 'Maria do Ceu Vaqueiro Silva'

Assunto: RE: autorização questionário

Cara colega,

Agradeço o interesse demonstrado nos instrumentos validados e autorizo a sua utilização para fins de investigação.

E sim, tenho todo o interesse na partilha dos resultados.

Com os melhores cumprimentos,

Rosa Saavedra

Coordenadora do Polo de Formação do Porto

ANEXO V - PROJETO DE INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA

Projeto de Intervenção Comunitária na Violência no Namoro

Muda de Curso - Violência no namoro não é para ti!



1. Âmbito

O Projeto - *Muda de Curso - Violência no Namoro não é para ti!* - insere-se no âmbito da violência no namoro e tem como principal objetivo, intervir na violência no namoro, mercê dos resultados do estudo realizado no âmbito da conclusão do Mestrado em Enfermagem Comunitária, relativamente aos comportamentos e atitudes que legitimam essa violência em adolescentes, no sentido de intervir ao nível da prevenção de atitudes de legitimação da violência e comportamentos violentos e, procurando fazer do namoro entre jovens, um momento de felicidade com os consequentes ganhos em saúde.

Refletindo sobre o impacto económico, social, humano e ambiental, a violência é um problema de saúde pública prioritário, que requer uma intervenção multidisciplinar e transversal, i.e., a todos os níveis. Neste sentido, este projeto de intervenção, visa ações específicas no âmbito da prevenção e promoção de atitudes que conduzam a comportamentos não violentos no namoro entre adolescentes, pretendendo que seja útil e que produza resultados positivos ao nível da consciencialização sobre a violência e do seu impacto a curto, médio e longo prazo nos sujeitos envolvidos. Ambiciona ainda, promover um ponto de partida para a mudança de atitudes, associadas à consciência perante os comportamentos de violência no namoro considerados normativos nas relações amorosas, promovendo, a modificação consciente dos comportamentos de violência.

Atendendo ao facto de os relacionamentos amorosos fazerem parte do curso normal do desenvolvimento dos adolescentes, espera-se poder contribuir para o estabelecimento de relações mais positivas e saudáveis, promovendo uma maior saúde física, psicológica, mental, emocional e relacional.

O Projeto - *Muda de Curso - Violência no Namoro não é para ti!* - foi assim designado em consonância com a Campanha Nacional Contra a Violência no Namoro, promovida pela Secretaria de Estado para a Cidadania e a Igualdade, em parceria com as associações e federações académicas, tendo-se iniciado em outubro de 2016 e que se enquadra perfeitamente no âmbito das competências específicas do enfermeiro especialista em enfermagem comunitária e, no objetivo deste projeto de intervenção.

2. Enquadramento

A violência no namoro assume-se como um fenómeno evidente e preocupante, com sérias repercussões ao nível da saúde física, psicológica e emocional. Trata-se de um tema pertinente a ser investigado, não apenas para incrementar o conhecimento do mesmo, como também para identificar as estratégias de intervenção mais adequadas a este tipo de violência e que possam promover a manutenção de relações de namoro saudáveis (Caridade & Machado, 2013).

A adolescência é um período natural do desenvolvimento humano, no qual ocorrem inúmeras alterações físicas, emocionais, psicológicas e sociais de grande relevância na construção da personalidade (Caridade & Machado, 2006). Neste sentido, é na adolescência que surgem os primeiros relacionamentos amorosos, pelo que será nesta fase que a deteção da violência deve ser realizada (Caridade, 2011).

Os resultados dos diversos estudos que têm sido conduzidos são preocupantes e exigem uma intervenção eficaz na prevenção da violência no namoro. Os diversos especialistas sublinham que a educação é a melhor forma de prevenção, nomeadamente através de programas de intervenção direcionados para a prevenção, uma vez que estes permitem a intervenção num grande número de jovens e disseminar estratégias adequadas de resolução de problemas, sem recurso à violência (Matos, Machado, Caridade, & Silva, 2006).

Nesta linha de pensamento, esta estratégia de prevenção apresenta o problema da violência no namoro como parte integrante de um espaço público e não privado, sublinhando a sua posição como um problema de âmbito social (Direção Geral de Saúde, 2003).

Assim, os programas de educação focalizados nos estudantes do ensino secundário assumem-se como estratégia crucial na prevenção da violência em diversificados contextos, podendo abranger temas diferentes, como é o caso dos direitos humanos, estereótipos de género, princípios de igualdade, capacidades de comunicação e manutenção de relações fundamentadas no respeito mútuo (Jaycox *et al.*, 2006).

A intervenção em jovens é fundamental, pois é na adolescência que surgem as primeiras relações reforçando a importância da desconstrução de crenças que legitima os comportamentos violentos, sensibilizando os jovens para a utilização de comportamentos não violentos nas suas relações de intimidade (Direção Geral de Saúde, 2003; Mendes & Cláudio, 2010).

Por outro lado, a escola apresenta-se como um espaço importante de socialização dos jovens, bem como o local privilegiado para o aparecimento e sinalização dos comportamentos violentos. Neste sentido, existem diferentes formas de intervenção que podem ser utilizadas para prevenção da violência nas relações de intimidade. A inclusão no currículo das escolas de programas de prevenção da violência, favorece o impacto no conhecimento e, por conseguinte, na procura de ajuda pelos jovens, contribuindo para a intervenção precoce na diminuição de condutas violentas (Coelho & Machado, 2010).

As intervenções em contexto escolar e na comunidade podem contribuir para a redução da violência e do impacto a longo prazo que esta tem na saúde física e mental, na aprendizagem escolar e na capacidade de trabalho das pessoas, assim como na segurança das comunidades e no desenvolvimento social e económico dos países (World Health Organization, 2009).

A escola, enquanto espaço de aprendizagem é o local de importância no desenvolvimento de atividades educativas que contribuam para a promoção e educação para a saúde, reforçando os fatores que favorecem formas de vida saudáveis. Tal como consta no Programa Nacional de Saúde Escolar (Direção Geral de Saúde, 2006):

Na escola, o trabalho de promoção da saúde com os alunos tem como ponto de partida o que eles sabem e o que eles podem fazer para se proteger, desenvolvendo, em cada um, a capacidade de interpretar o real e atuar de modo a induzir atitudes e/ou comportamentos adequados. Neste processo, os alicerces são as forças de cada um, no desenvolvimento da autonomia e de competências para o exercício pleno da cidadania (p. 16).

Nesta linha de pensamento, o planejamento e a aplicação de programas de intervenção, emergem da necessidade de agir através de estratégias eficazes na sensibilização acerca da importância da utilização de comportamentos saudáveis nas relações de intimidade e que ajudem no esclarecimento e desconstrução de mitos, crenças e estereótipos de gênero (Jardim & Pereira, 2006).

Estudos têm mostrado a importância destas intervenções na mudança de atitudes e na alteração de crenças que legitimam a violência (Caridade & Machado, 2008). Assim, os programas de intervenção que se encontram baseados na divulgação de informação aos adolescentes relativamente às consequências da violência no namoro mostram que estas intervenções conduzem a uma maior reflexão, por parte dos adolescentes, sobre os comportamentos violentos (Sebastião, Alexandre, & Ferreira, 2010).

A violência no namoro não é um problema recente, sendo que já foram desenvolvidas investigações que procuraram caracterizar a sua prevalência no seio de adolescentes (Caridade, 2011; Caridade & Machado, 2006; Machado, Matos, & Moreira, 2003), sendo igualmente uma preocupação da Organização Mundial de Saúde (OMS, 2012).

Apesar de a literatura identificar um conjunto de variáveis que poderão predispor os adolescentes para a violência (Jaycox *et al.*, 2006), com especial focalização para a vitimização prévia na infância, seja por violência direta ou indireta, aspetos como o consumo de álcool e drogas e outros fatores pessoais (e.g., baixa autoestima, depressão, competências comunicacionais e relacionais reduzidas), parecem estar presentes neste tipo de comportamento (Caridade & Machado, 2013).

Internacionalmente, diversos estudos têm mostrado altas prevalências de vários tipos de violência no namoro em adolescentes, nomeadamente sexual (CIETafrica, 2002; Slap *et al.*, 2003), física (Glass *et al.*, 2003) e psicológica/emocional (Li, 2006; McMurrin, Blair, & Egan, 2002).

Também em Portugal, os dados do estudo de Caridade e Machado (2006) revelaram que poucos são os jovens envolvidos em situações de abuso que procuram ajuda (estimativas rondam os 9%). Também Paiva e Figueiredo (2003) reportaram que a maioria das vítimas não procura assistência médica para o tratamento das sequelas decorrentes da violência, o que acaba por encobrir a real percentagem de violência neste âmbito. De facto, no Relatório Anual 2014 realizado pela Associação Portuguesa de Apoio à vítima é possível observar-se 151 casos de vítimas de violência no namoro e 239 vítimas de ex-namorado/as (APAV, 2015). Todavia, o Instituto de Medicina Legal tornou público que a violência no namoro e no ex-namoro disparou 44% entre 2014 e 2015 de 484 para 699 (Bernardino, 2016). Segundo o estudo, que integrou jovens com 14 anos e mais, quase metade dos inquiridos que fez exames neste instituto, tinha até 25 anos de idade.

O estudo desenvolvido por Ventura (2014) junto de 688 estudantes de duas escolas secundárias da região de Coimbra mostrou que uma grande parte dos estudantes (23%) percecionou ter sido vítima de violência nas suas relações de namoro. Também Ribeiro (2013) realizou um estudo com 110 raparigas, com idades entre os 12 e os 19 anos, residentes na zona geográfica de Lisboa e Vale do Tejo, tendo identificado uma prevalência de violência no namoro de 10,8%. No estudo de Lucas (2002) a prevalência de violência no namoro foi de 9,8% e no estudo de Oliveira e Sani (2005) de 41%.

No entanto, Gonçalves (2013), no seu estudo com 267 alunos que frequentam entre o 9º e o 12º ano em instituições escolares dos Açores, mostrou que a maioria dos participantes parece não legitimar o uso da violência nas relações amorosas.

Estes dados permitem concluir que a prevenção da violência no namoro deve ser uma preocupação central de todos os intervenientes da sociedade e ser encarada como uma atividade de cidadania organizada, em que se verifique a participação ativa dos cidadãos e do poder local. Não obstante esta necessidade de participação coletiva, o papel dos profissionais de saúde, muito particular o dos enfermeiros especialistas em enfermagem comunitária como educadores e modelos sociais assume particular relevância.

2.1. Resultados do Estudo

Os resultados obtidos no nosso estudo, com uma amostra de 180 adolescentes do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal, em Bragança, podem ser resumidos da seguinte forma:

- Maior violência emocional e verbal, muito embora os adolescentes consideram fazer uso de estratégias de resolução de conflitos no namoro não abusivas;
- As raparigas apresentam mais comportamentos de violência emocional e verbal e são elas que tendem a utilizar estratégias de resolução abusivas;
- Os adolescentes mais velhos (17/18 anos) apresentam mais indicadores de violência sexual embora os adolescentes de 17 anos considerem fazer uso de estratégias de resolução de conflitos no namoro não abusivas. Os comportamentos violentos têm mais expressão nos adolescentes com idades entre os 16 e os 18 anos;
- A violência sexual tem mais expressão nos adolescentes que frequentam o 11º e 12º ano de escolaridade, sendo que são estes que referem fazer mais uso de estratégias de resolução de conflitos abusivas e exibirem mais comportamentos violentos;
- Cerca de 16% dos adolescentes são fumadores, 59,4% consumidores de bebidas alcoólicas e 12,2% consumidores de outras drogas. As análises correlacionais mostraram que os adolescentes não fumadores, consumidores de álcool e de outras drogas empreendem mais comportamentos de violência.
- Cerca de 16% dos adolescentes já se envolveu em comportamentos de risco; 4,4% já foi vítima de violência no namoro e 8,9% teve já conhecimento de violência no namoro no seu grupo de pares. Foram encontradas correlações inversas que mostram que são os adolescentes que já se envolveram com comportamentos de risco, que já foram vítimas de violência no namoro e que têm conhecimento de violência no namoro no grupo de pares que mais exibem comportamentos violentos.
- Há mais atitudes de legitimação da violência psicológica masculina e feminina nos adolescentes;
- Os rapazes legitimam mais atitudes de violência psicológica e sexual masculina, bem como violência sexual feminina;

- A idade e a escolaridade não se mostraram influenciadoras da legitimação das atitudes violentas;
- Os resultados correlacionais mostraram que são os adolescentes consumidores de tabaco que legitimam mais atitudes de violência masculina e feminina e os consumidores de outras drogas legitimam mais atitudes de violência masculina. Os adolescentes que já se envolveram em comportamentos de risco, com vitimização prévia no namoro e com conhecimento de violência no grupo de pares são o os que mais legitimam atitudes de violência no namoro.
- Foram encontrados modelos explicativos das estratégias de resolução de conflitos abusivas, não abusivas e comportamentos violentos, bem como modelos explicativos da legitimação das atitudes de violência física, psicológica e sexual masculina e das atitudes de violência psicológica e sexual feminina.

Estes resultados não deixam de ser preocupantes pois sugerem que os comportamentos violentos parecem fazer parte do portfólio dos comportamentos dos adolescentes, sendo que estes não se mostram legitimados como tal, ou seja, apesar de os adolescentes empreenderem comportamentos violentos nas relações de namoro, não consideram que estes comportamentos sejam efetivamente violentos, legitimando-os como comportamentos “normais” nas relações amorosas.

Neste sentido, qualquer projeto de intervenção com os adolescentes deverá não apenas ter como intuito a mudança de comportamentos violentos nas relações de namoro, mas acima de tudo, uma mudança ao nível das atitudes.

3. Integração

Este projeto é transversal aos cuidados de saúde, com especial enfoque na intervenção comunitária, sendo a sua área de intervenção focalizada no contexto escolar, uma vez que este se assume como o espaço fundamental para se educar sobre a violência e, especificamente, sobre a violência no namoro. Será integrado nos projetos de atividades da Unidade de Cuidados na Comunidade (UCC) e Unidade de Saúde Pública (USP), com vista a operacionalizar os programas nacionais de saúde e saúde escolar e as competências do enfermeiro especialista em enfermagem comunitária.

É no contexto escolar que os adolescentes expressam comportamentos e atitudes de violência no relacionamento interpessoal que estabelecem com o seu grupo de pares, bem como se iniciam as primeiras relações amorosas, pelo que faz todo o sentido que seja, neste contexto, que um programa de intervenção possa ser implementado.

Este programa de intervenção encontra-se articulado com outros programas já foram implementados, como é o caso do *Programa STAR* e o *The Youth Relationships Project* (Caridade, 2011), com intuito de modificar atitudes e comportamentos relativos à violência no namoro.

4. Organização e Parcerias

Gestor/Coordenador do projeto: Enfermeira Maria do Céu Silva, do curso de Mestrado em Enfermagem Comunitária.

Cliente/Utilizador: Estudantes do 10º, 11º e 12º ano de escolaridade do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal (Bragança), matriculados no ano letivo de 2016/2017.

Intervenientes:

- Alunos do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal
- Responsável pelo Projeto: Enfermeira Maria do Céu Silva
- Equipa multidisciplinar do Centro de Saúde de Santa Maria (UCC) e (USP) da ULSNE: Enfermeiros, Médicos e Psicólogos e outros profissionais.
- Parcerias:
 - ✓ Instituto Politécnico de Bragança (IPB) – Escola Superior de Saúde (ESSa) – Mestrado em Enfermagem Comunitária;
 - ✓ Agrupamento de Escolas Abade de Baçal
 - ✓ Associação de Estudantes do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal
 - ✓ Equipa de Saúde Escolar integrada no CS de Santa Maria (UCC)
 - ✓ Unidade de Saúde Pública (USP) integrada nos CS
 - ✓ Associação de Apoio à Vítima (APAV)

- ✓ Instituto Português da Juventude (IPJ)
- ✓ Câmara Municipal de Bragança
- ✓ Juntas de Freguesia
- ✓ Polícia de Segurança Pública (PSP) de Bragança
- ✓ Departamento de Formação Contínua da Unidade Local de Saúde do Nordeste (ULSNE)
- ✓ Departamento de Psicologia da Saúde do IPB (ESSa) e da ULSNE.

Sujeitos das ações: Estudantes do 10º, 11º e 12º ano de escolaridade, (o indivíduo, sua família e a comunidade educativa).

Níveis de intervenção: promoção da saúde (atitudes) e prevenção de comportamentos de violência no namoro.

Caráter das ações: expositivas e interativas (dinâmicas de grupo) trabalhadas com os adolescentes, (famílias) e comunidade educativa em estudo.

5. Período de Intervenção

Início: setembro de 2017

Fim: julho de 2019

6. Plano de Ação

Projeto Muda de Curso - Violência no namoro não é para ti!				
Objetivo Geral: Diminuir os comportamentos de violência e das atitudes de legitimação, reduzir os comportamentos de violência e comportamentos de risco nos adolescentes e promover relações amorosas saudáveis entre os adolescentes.				
População-alvo: Adolescentes do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal (Bragança)				
Objetivos específicos	Atividades	Local	Ações previstas	Data
Sensibilizar os profissionais de saúde para a violência no namoro em adolescentes.	Realização de reuniões de esclarecimento e sensibilização com (todos os parceiros), profissionais de saúde (médicos, enfermeiros e técnicos superiores de saúde) do CS de Santa Maria, motivando a intervenção na violência no namoro e no controlo da exposição a comportamentos de risco no contexto da sua prática clínica quotidiana	CS-SM	2	Set a Dez 2017
Sensibilizar a comunidade educativa para a violência no namoro em adolescentes.	Execução de ações de sensibilização para docentes e pais/encarregados de educação das crianças e jovens do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal, abordando os comportamentos de violência no namoro, legitimação de atitudes e comportamentos de risco.	Agrupamento de Escolas Abade de Baçal	4	Set a Dez 2017
Sensibilizar os adolescentes para a violência no namoro em adolescentes.	Implementação de intervenções/formações/dinâmicas no âmbito da violência no namoro (sessões de educação para a saúde e atividades), com adolescentes, procurando prevenir a violência, promovendo a cessação de comportamentos de risco e motivando uma consciencialização crescente para a redução da violência no namoro.	Agrupamento de Escolas Abade de Baçal	10	Ao longo do projeto
Sensibilizar a comunidade geral para a violência no namoro em adolescentes.	Realização de sessões de educação para a saúde sobre a temática da violência no namoro e seu impacto na comunidade (todas as freguesias do concelho), visando a prevenção, a não exposição a comportamentos de risco e a redução da violência no namoro.	Juntas de freguesia	8	Ao longo do projeto
Divulgar o projeto nos meios de comunicação locais (rádio, jornais, boletins informativos e <i>outdoors</i>).	Divulgação do projeto e sensibilização sobre a temática nos meios comunicação locais (rádio, jornais e boletins) e através de <i>outdoors</i> , podendo envolver os adolescentes das nossas escolas na realização do material de divulgação.	Distrito de Bragança	-	Ao longo do projeto

6.1. Planeamento das Sessões de Intervenção

Sessão	Área de intervenção	Conteúdos	Formadores	Data	Duração	Local
1	Adolescência	<ol style="list-style-type: none"> Definição de puberdade e adolescência Principais mudanças associadas Adolescência e namoro Importância da família, da escola e do grupo de pares 	Céu Silva (Enfermeira) e Equipa Multidisciplinar do CS Santa Maria da UCC	Setembro de 2017 a julho de 2019	2H	Agrupamento de Escolas Abade de Baçal
2	Violência e violência no namoro	<ol style="list-style-type: none"> Definição de violência Tipos de violência Violência nos adolescentes (Estudos) Definição de violência no namoro e tipos de violência no namoro 	Associação de Apoio à Vítima (APAV) e Instituto Português da Juventude (IPJ)	Setembro de 2017 a julho de 2019	2H	
3	Comportamentos e atitudes legitimadas na violência no namoro	<ol style="list-style-type: none"> Diferença entre atitudes e comportamentos Comportamentos violentos no namoro Atitudes de legitimação da violência no namoro Apresentação de estudos portugueses 	Departamento de Psicologia da Saúde do IPB (ESSa) e da ULSNE	Setembro de 2017 a julho de 2019	2H	
4	Mudança de comportamentos e atitudes	<ol style="list-style-type: none"> Consequências da violência no namoro Abordagens explicativas da violência no namoro Comportamentos de risco, prevenção e Apresentação de resultados de projetos portugueses sobre violência no namoro 	Equipa de Saúde Escolar integrada no CS de Santa Maria (UCC)	Setembro de 2017 a julho de 2019	2H	

7. Avaliação

A avaliação será realizada pela Gestora/coordenadora do projeto, tendo como base os indicadores de estrutura, de processo, de resultado e de desempenho.

Os **indicadores de estrutura** dizem respeito aos recursos materiais e humanos, sendo que serão avaliados ao longo do decurso do projeto de intervenção (tabela 1).

Tabela 1. Indicadores de Estrutura

Recursos Humanos	Recursos Materiais
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Equipa do projeto ▪ Diretores de Turma ▪ Professores ▪ Formadores externos ▪ Encarregados de educação ▪ Serviço de Psicologia e Orientação ▪ Técnicos de saúde 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Material para o desenvolvimento das ações de sensibilização ▪ Sala de formação/reunião ▪ Computador portátil ▪ Vídeo projetor ▪ Tela de projeção

Os **indicadores de processo** referem-se àquilo que é realmente realizado durante o planeamento e execução/implementação de cada atividade e serão avaliados ao longo do projeto para controlo da eficácia do mesmo.

Indicadores de processo
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Tempo para planeamento de cada atividade ▪ Tempo para realização de cada atividade ▪ Avaliação de cada atividade ▪ Percentagem de ações desenvolvidas ▪ Índice de participação da população-alvo nas atividades

Os **indicadores de resultado** serão avaliados em julho de 2019, através da realização de uma investigação com características idênticas às do presente trabalho, verificando se o projeto teve impacto quer ao nível das atitudes e particularmente no comportamento dos jovens.

Indicadores de resultados
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Violência no namoro <ul style="list-style-type: none"> Estratégias abusivas Estratégias não abusivas Comportamentos de violência ▪ Comportamentos de risco: <ul style="list-style-type: none"> Consumo de tabaco Consumo de álcool Consumo de outras drogas Outros comportamentos de risco Vitimização no namoro Conhecimento de violência no grupo de pares ▪ Atitudes « de legitimação da violência no namoro <ul style="list-style-type: none"> Violência masculina Violência feminina

Os **indicadores de desempenho** serão avaliados ao longo do projeto, nomeadamente o cumprimento das atividades previstas e a participação da população-alvo para cada atividade.

Indicadores de desempenho
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Percentagem de ações desenvolvidas ▪ Índice de participação da população-alvo nas atividades ▪ Avaliação das ações (apreciação global da intervenção, objetivos conteúdos, atividades, participação, recursos e desenvolvimento das ações/programa)

Referências Bibliográficas

- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2015). *Estatísticas APAV: Relatório anual 2014*. Consultado em: http://www.apav.pt/apav_v2/images/pdf/Estatisticas_APAV_Relatorio_Anual_2014.pdf
- Bernardino, C. (2016). *APAV contra a violência no namoro*. Consultado em 14 de maio de 2016 em <http://www.delas.pt/apav-contra-a-violencia-no-namoro/>
- Caridade S. (2011). *Vivências íntimas violentas: Uma abordagem científica*. Coimbra: Edições Almedina.
- Caridade S., & Machado C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 4(24), 485-493.
- Caridade, S., & Machado, C. (2008). Violência sexual no namoro: Relevância da prevenção. *Psicologia*, 22(1), 77-104.
- Caridade, S., & Machado, C. (2013). Violência nas relações juvenis de intimidade: Uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia*, 27(1), 91-113.
- CIETafrica (2002). *Sexual violence and HIV/Aids: Executive report on the 2002 survey*. Consultado em: http://www.ciet.org/_documents/2006316174822.pdf
- Coelho, C., & Machado, C. (2010). *Violência entre jovens: Prevenção através da educação por pares*. Atas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia (pp. 3368-3383). Braga: Universidade do Minho.
- Direção Geral de Saúde (2003). *Estratégias de combate à violência doméstica. Manual de recursos*. Lisboa: Ministério da Saúde.
- Direção Geral de Saúde (2006). *Circular normativa n.º 7/DSE de 29/06/2006: Programa nacional de saúde escolar*. Consultado em: <http://www.dgs.pt/upload/membro.id/ficheiros/i008093.pdf>
- Glass, N., Fredland, N., Campbell, J., Yonas, M., Sharps, P., & Kub, J. (2003). Adolescent dating violence: Prevalence, risk factors, health outcomes, and implications for clinical practice. *Journal of Obstetric, Gynecologic, & Neonatal Nursing*, 32(2), 227-238.

- Gonçalves, M. (2013). *Namoro na adolescência: Atitudes de legitimação de violência e estratégias de resolução de conflitos em adolescentes nos Açores*. Dissertação de Mestrado. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Jardim, J., & Pereira, A. (2006). *Competências pessoais e sociais: Guia prático para a mudança positiva*. Porto: Edições ASA.
- Jaycox, L., Mccaffrey, D., Eiseman, B., Shelley, G., Collins, R., & Marshall, G. (2006). Impact of a school-based dating violence prevention program among Latino teens: Randomized controlled effectiveness trial. *Journal of Adolescent Health, 39*(5), 694-704.
- Li, Q. (2006). Cyberbullying in schools. A research of gender differences. *School Psychology International, 27*(2), 157-170.
- Lucas, S. (2002). *A agressividade no namoro de adolescentes*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. I. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psicologica, 33*, 69-83.
- Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: Intervenção com jovens em contexto escolar. *Revista Psicologia: Teoria e Prática, 8*, 55-76.
- McMurrin, M., Blair, M., & Egan, V. (2002). An investigation of the correlations between aggression, impulsiveness, social problem-solving, and alcohol use. *Aggressive Behavior, 28*, 439-445.
- Mendes, E., & Cláudio V. (2010). *Crenças e atitudes dos estudantes de enfermagem, engenharia e psicologia acerca da violência doméstica*. Atas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia (pp. 3219-3230). Braga: Universidade do Minho.
- Oliveira, M., & Sani, A. (2005). *Comportamentos dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas*. Atas do VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia (pp. 1061-1074). Braga: Centro de Investigação em Educação.

- Organização Mundial de Saúde (2012). *Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: Ação e produção de evidência*. Consultado em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/44350/3/9789275716359_por.pdf
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2003). Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: Definição, prevalência, causas e efeitos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 4(2), 165-184.
- Ribeiro, P. (2013). *A dimensão juspsicológica da violência no namoro: Um estudo*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Sebastião J., Alexandre, A., & Ferreira, J. (2010). *Adolescência, violência e género no concelho de Cascais*. Cascais: Centro de Investigação e Estudos de Sociologia.
- Slap, G., Lot, L., Huang, B., Daniyam, C., Zink, T., & Succop, P. (2003). Sexual behaviour of adolescents in Nigeria: Cross sectional survey of secondary school students. *British Medical Journal*, 326(7379),15.
- Ventura, C. (2014). *Violência no namoro: Crenças e autoconceito nas relações sociais de género. Modelo de intervenção em enfermagem*. Tese de Doutoramento: Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar.
- World Health Organization (2009). *Violence prevention: The evidence*. Consultado em: http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/4th_milestones_meeting/evidence_briefings_all.pdf

ANEXO VI - RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Mestrado em Enfermagem Comunitária

Relatório de Estágio realizado na Unidade de Cuidados da Comunidade

Centro de Saúde de Bragança – ULSNE

Maria do Céu Vaqueiro da Silva

Bragança, maio 2017

Mestrado em Enfermagem Comunitária

Relatório de Estágio realizado na Unidade de Cuidados da Comunidade

Centro de Saúde de Bragança – ULSNE

Maria do Céu Vaqueiro da Silva

Orientadores:

Professor Doutor Manuel Brás

Professora Doutora Adília Fernandes

Bragança, maio de 2017

*A violência, seja qual for a maneira como
ela se manifesta, é sempre uma derrota.*

Jean-Paul Sartre

Lista de siglas

ACES (Agrupamento de Centros de Saúde)

CDP (Consulta de Diagnóstico Pneumológico)

CLAS (Concelhos Locais de Ação Social)

CPCJ (Comissão de Criança e Jovens em Risco)

DPOC (Doença Pulmonar Obstrutiva Crónica)

ECCI (Equipa de Cuidados Integrados)

IPDJ (Instituto Português de Desporto e Juventude)

PIEF (Programa Integrado de Educação e Formação)

RSI (Rendimento Social de Inserção)

UCC (Unidade de Cuidados na Comunidade)

UCSP (Unidade de Cuidados de Saúde Personalizados)

ULSNE (Unidade Local de Saúde do Nordeste)

USP (Unidade de Saúde Pública)

Índice

Introdução	131
1. Contextualização do local de estágio	134
1.1. Área de influência	135
1.2. Constituição da equipa	135
1.3. Carteira de serviços	136
1.4. Instalações e equipamentos	137
2. Descrição das atividades desenvolvidas no estágio	138
3. Análise crítica e considerações finais	145
Referências Bibliográficas	147

Introdução

Os cuidados de saúde primários representam o primeiro contacto dos indivíduos, da família e da comunidade com o serviço nacional de saúde, que os disponibiliza nos locais onde as pessoas vivem e trabalham, constituindo-se no primeiro elemento de um processo contínuo de assistência à saúde.

É consensual a importância que os cuidados de saúde primários têm por todo o mundo, uma vez que qualquer país que oriente o seu sistema de saúde para uma boa rede de cuidados de saúde primários, obtém certamente, melhores resultados ao nível da saúde para as suas populações, a baixos custos e com maior equidade.

Os enfermeiros constituem o grupo de profissionais de saúde que mais tem contribuído para o desenvolvimento dos cuidados de saúde primários, prestando cuidados em vários contextos.

No âmbito da Unidade Curricular do Estágio I - Trabalho de Projeto, desenvolvido nas Unidades funcionais Unidade de Cuidados na Comunidade (UCC) e Unidade de Saúde Pública (USP), foi elaborado o projeto de investigação que, conduziria ao Diagnóstico de situação de saúde sobre a temática “violência no namoro” integrado na Unidade Curricular do Estágio II - Trabalho de Projeto no 2.º ano do Curso de Mestrado em Enfermagem Comunitária da Escola de Saúde de Bragança, que dá corpo ao Relatório de Estágio para a obtenção do grau de Mestre em Enfermagem Comunitária.

O objetivo do estágio é adquirir e operacionalizar as competências específicas dos Enfermeiros Especialistas em Enfermagem Comunitária, pelo que ao longo desse período foram desenvolvidas várias atividades em diversos domínios da Enfermagem Comunitária, com especial enfoque nas Escolas, nomeadamente ao nível da prevenção da violência no namoro, que, inseridas no plano de atividades da UCC e USP, terão continuidade no tempo, para o desenvolvimento das atividades previstas no projeto.

A violência, no seu sentido amplo e a violência no namoro em específico, suscitam uma grande preocupação nas sociedades atuais nomeadamente pelo facto de colocarem em causa os princípios fundamentais da democracia e a própria violação dos direitos humanos (Amado & Freire, 2005). Os comportamentos de violência estão presentes nas relações que os adolescentes estabelecem entre si, independentemente do tipo de violência que é perpetrada (Machado & Gonçalves, 2003). É neste contexto que o

fenómeno da violência no namoro se assume como evidente e preocupante, com sérias consequências ao nível da saúde física, psicológica e emocional (Caridade & Machado, 2013), podendo configurar-se de formas diferentes, nomeadamente violência física, sexual, psicológica e emocional (Caridade & Machado, 2006).

O que se afigura ainda mais preocupante neste contexto é o facto de muitos comportamentos violentos perpetrados pelos adolescentes, não serem considerados como tal, não se encontrando, portanto, legitimados como violentos (Caridade & Machado, 2006, 2013).

Neste contexto, os estágios suprarreferidos, encontram-se inseridos no plano curricular do curso de Mestrado em Enfermagem Comunitária da Escola Superior de Saúde de Bragança e, preconizam operacionalizar as competências específicas do Enfermeiro Especialista em Enfermagem Comunitária. A intervenção comunitária que se encontra contemplada na política de saúde nacional como diretriz, pelo que no disposto da alínea h) do número 1, Base II do artigo 3.º da Lei de Bases da Saúde n.º 48/90, pode ler-se o seguinte: “É incentivada a educação das populações para a saúde, estimulando nos indivíduos e nos grupos sociais a modificação dos comportamentos nocivos à saúde pública ou individual” (p. 3).

Nesta linha de pensamento, a avaliação do estado de saúde da comunidade e a coordenação de Programas de Saúde de âmbito comunitário e consecução dos objetivos do Plano Nacional de Saúde, fazem parte das competências do Enfermeiro especialista em Enfermagem Comunitária (art.º 4 do Regulamento n.º 128/2011 de 18 de fevereiro, p. 8667).

O primeiro estágio decorreu entre o dia 07 de março de 2016 a 08 de julho de 2016, num total de 160 horas e o segundo decorreu entre o dia 23 de setembro de 2016 e o dia 10 de fevereiro de 2017, no Centro de Saúde de Santa Maria, em Bragança, tendo sido realizado durante os dias úteis - de segunda a sexta-feira - em horário pós-laboral, até perfazer a carga horária total de 420 horas, conforme previsto no plano curricular.

Este relatório descreve, de uma forma objetiva e sequencial, as atividades desenvolvidas durante os períodos de estágios, com o intuito de, por um lado cumprir as exigências curriculares e, por outro, servir de instrumento de avaliação do estado de saúde da comunidade.

A estruturação do presente relatório integra os aspetos caracterizadores dos locais de estágio, nomeadamente a sua área de influência, constituição da equipa multidisciplinar, os serviços desenvolvidos para a comunidade e principais representações, bem como a caracterização das instalações e dos equipamentos. São ainda descritas as atividades realizadas nos períodos de estágio, bem como se realiza uma análise crítica.

1. Contextualização do local de estágio

Os estágios decorreram em três Unidades funcionais do Centro de Saúde de Bragança - UCC Domus, UCSP e USP da Unidade Local de Saúde do Nordeste (ULSNE):

- A Unidade da Sé, que se localiza na Rua Engenheiro Amaro da Costa e se constituiu de uma Unidade de Cuidados de Saúde Personalizados (UCSP) e uma USP;
- A Unidade de Santa Maria, localizada na Avenida Cidade de Leon, que integra, igualmente, uma UCSP e a UCC.

A UCSP realiza consultas programadas, consultas de vigilância de grupos vulneráveis (saúde da mulher, planeamento familiar, pré-concepcional, saúde materna, revisão puerpério e saúde infantil e juvenil), consulta de vigilância de grupos de risco (hipertensos, diabéticos, dislipidémicos, idosos, asma e doença pulmonar obstrutiva crónica - DPOC); consultas de rastreio (cancro da mama, cancro do colo do útero, cancro colo-retal e retinopatia diabética), consultas abertas, administração de terapêutica, tratamentos e vacinação.

Com o processo de reforma dos cuidados de saúde primários, a criação das UCC encontra-se espelhada no Decreto-Lei n.º 28/2008 de 22 de fevereiro, às quais compete:

Prestar cuidados de saúde e apoio psicológico e social, de âmbito domiciliário e comunitário, às pessoas, famílias e grupos mais vulneráveis em situação de maior risco ou dependência física e funcional, atuando na educação para a saúde, na integração em redes de apoio à família e na implementação de unidades móveis de intervenção (p. 15438).

Assim, as UCC devem assegurar um conjunto de respostas integradas, articuladas, diferenciadas e de grande proximidade às necessidades em cuidados de saúde da população onde se encontra inserida e reger-se pelos seguintes princípios (art.º 4º, ponto 3, Despacho n.º 10143/2009 de 16 de abril do Decreto-Regulamentar n.º 74/2009 de 16 de abril, p. 15438):

- a) Cooperação, exigida a todos os elementos da equipa para a concretização dos objetivos da acessibilidade, da globalidade e da continuidade dos cuidados de saúde;

- b) Solidariedade e trabalho de equipa;
- c) Autonomia, assente na auto-organização funcional e técnica, visando o cumprimento do plano de ação;
- d) Articulação com as outras unidades funcionais do Agrupamento de Centros de Saúde (ACES);
- e) Parceria com estruturas da comunidade local (autarquias, segurança social, instituições privadas de solidariedade social, associações e outras);
- f) Avaliação contínua que, sendo objetiva e permanente, visa a adoção de medidas corretivas dos desvios suscetíveis de pôr em causa os objetivos do plano de ação e da qualidade dos cuidados;
- g) Gestão participativa assente num sistema de comunicação e de relações entre todos os seus profissionais, promotores de ganhos de motivação e satisfação profissional.

1.1. Área de influência

A área de influência da UCC onde o estágio foi realizado circunscreve-se ao distrito de Bragança, um dos de maior dimensão do país, situado a Nordeste de Portugal, nomeadamente na província de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Este distrito possui uma superfície territorial de 1.174 km², encontrando-se dividido em 39 freguesias com 34.511 habitantes, sendo 3.245 a população de 2015, com idades entre os 15 e os 24 anos (PORDATA, 2017). Assim a população abrangida por esta unidade funcional corresponde à população residente, estudante e trabalhadora da área de influência do Centro de Saúde.

1.2. Constituição da equipa

A equipa da UCC Domus desenvolve a sua atividade de intervenção na comunidade de forma articulada e alinhada com as necessidades da comunidade, pelo que os profissionais de saúde que ela integra desenvolvem atividades de intervenção

comunitária em articulação e cooperação com os vários setores existentes na comunidade.

A composição da equipa multidisciplinar encontra-se espelhada na tabela 1, havendo profissionais que prestam a sua atividade a tempo inteiro enquanto outros a tempo parcial, em função das necessidades do serviço e das respostas que devem ser dadas às necessidades da comunidade.

Tabela 1

Constituição da equipa multidisciplinar

Equipa a tempo inteiro	Equipa a tempo parcial
<ul style="list-style-type: none">▪ 5 Enfermeiras especialistas em Enfermagem Comunitária▪ 2 Enfermeiras especialistas em Enfermagem de Reabilitação (uma das quais é Coordenadora da UCC)▪ 1 Enfermeira Especialista em Saúde Materna e Obstetra▪ 1 Enfermeira de Cuidados Gerais▪ 1 Assistente Técnico	<ul style="list-style-type: none">▪ 1 Médico▪ 2 Técnicos de Serviço Social▪ 1 Psicóloga▪ 1 Nutricionista▪ 1 Dentista

1.3. Carteira de serviços

A UCC Domus tem como principal função assegurar as suas funções a partir de uma carteira de serviços disponibilizados à comunidade, em parceria com outras instituições e organismos, promovendo ações para todas as idades.

Assim, os projetos desenvolvidos pela UCC Domus dependem das áreas de intervenção e da população-alvo, sendo as principais áreas de ação ao nível da Saúde Escolar, Intervenção Precoce na Infância, preparação para a parentalidade, projetos comunitários para idosos, todos elas em estreita ligação e articulação com o Núcleo de Apoio a Crianças e Jovens em Risco; a Comissão de Crianças e Jovens em risco (CPCJ); os Concelhos Locais de Ação Social (CLAS), a Equipa de Cuidados Contínuos Integrados (ECCI), o Rendimento Social de Inserção (RSI), Consulta de Diagnóstico Pneumológico (CDP) e a Unidade Móvel de Saúde.

1.4. Instalações e equipamentos

A UCC Domus encontra-se localizada no rés-do-chão da Unidade de Santa Maria e possui um gabinete de enfermagem, sala de armazenamento dos materiais necessários às atividades desenvolvidas, sala de preparação para o parto e casa de banho. Existe ainda uma unidade móvel destinada à realização das visitas domiciliárias. Nesta unidade utiliza-se o programa informático SClínico.

2. Descrição das atividades desenvolvidas em estágio

As atividades que foram desenvolvidas durante o estágio (enquadram-se nos planos de atividades destas unidades e competências específicas do Enfermeiro Especialista em Enfermagem Comunitária) e serão descritas de acordo com o guia orientador, colocando-se ênfase nas áreas associadas à prevenção e educação na Violência no Namoro nas Escolas, inseridas na área de intervenção em Saúde Escolar.

Atendendo a esta problemática, que é a principal área da nossa investigação, procurou-se, durante o estágio dar resposta às questões que estiveram na base do diagnóstico realizado:

Analisar a prevalência de violência no namoro nos adolescentes do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal?

Quais os comportamentos e as atitudes dos adolescentes do (Agrupamento de Escolas Abade de Baçal), mais expressivos perante a violência no namoro?

Quais as estratégias de resolução de conflitos no namoro, nos adolescentes desta instituição?

A partir destas questões de investigação e do objetivo principal do presente estudo, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

1. Analisar a violência no namoro nos adolescentes.
2. Analisar a violência no namoro em função do sexo.
3. Analisar a violência no namoro em função da idade.
4. Analisar a violência no namoro em função do ano de escolaridade.
5. Relacionar a violência no namoro com o consumo de tabaco, álcool e outras drogas.
6. Relacionar a violência no namoro com o envolvimento em comportamentos de risco, vitimização no namoro e violência no namoro no grupo de pares.
7. Analisar as atitudes acerca da violência no namoro nos adolescentes.
8. Analisar as atitudes acerca da violência no namoro em função do sexo.
9. Analisar as atitudes acerca da violência no namoro em função da idade.

10. Analisar as atitudes acerca da violência no namoro em função do ano de escolaridade.
11. Relacionar as atitudes acerca da violência no namoro com o consumo de tabaco, álcool e drogas.
12. Relacionar as atitudes acerca da violência no namoro com o envolvimento em comportamentos de risco, vitimização no namoro e violência no namoro no grupo de pares.
13. Identificar um modelo explicativo da violência no namoro (estratégias de resolução de conflitos abusivas e não abusivas), dos comportamentos de violência e das atitudes de violência no namoro (violência psicológica, física e sexual, masculina e feminina).

Durante o último estágio sempre foi defendido que a prevenção da violência no namoro deve ser uma preocupação central de todos os intervenientes da sociedade, sendo que as escolas assumem uma posição privilegiada para a promoção de uma cidadania organizada em colaboração com a comunidade educativa e os encarregados de educação dos alunos, o poder local e os profissionais de saúde (especificamente os enfermeiros especialistas em enfermagem comunitária), na promoção da saúde e prevenção da doença (Raimondo et al., 2012).

Tendo em conta os objetivos definidos, optou-se por desenvolver um estudo descritivo, analítico e transversal, com uma abordagem quantitativa. Segundo Pais-Ribeiro (2010), um estudo descritivo “consiste em descrever simplesmente um fenómeno ou um conceito relativo a uma população, de maneira a estabelecer as características dessa população” (p. 164). Um estudo analítico tem como objetivo analisar, explorar, determinar, descrever e interpretar os fatores determinantes que eventualmente possam encontrar-se associados ao fenómeno em estudo numa determinada população e num determinado período de tempo. O corte transversal assumido no presente estudo diz respeito ao facto de os dados terem sido coletados em apenas um momento.

A abordagem quantitativa tem como intuito explicar, predizer e controlar os fenómenos procurando regularidades e leis, através da objetividade dos procedimentos e da quantificação das medidas. Tem como principais objetivos, descrever a distinção das

entidades pelos diversos valores das variáveis e/ou descrever ou examinar relações entre variáveis (Almeida & Freire, 2010).

A população do estudo diz respeito a todos os alunos a frequentar o 10º, 11º e 12º ano de escolaridade, no ano letivo de 2016/2017, no Agrupamento de Escolas Abade de Baçal, em Bragança. Todos os alunos que frequentam estes anos de escolaridade (N=224) tiveram a possibilidade de integrar o estudo, sendo que os critérios de inclusão foram os seguintes: (a) frequência do ensino secundário neste agrupamento; (b) o facto de já terem namorado ou namorarem atualmente e (c) terem autorização de participação por parte do seu Encarregado de Educação.

Participaram no presente estudo **180** alunos que cumpriram os critérios anteriormente assinalados, refletindo cerca de 80% da população. Os principais resultados encontrados (descritivos e inferenciais) podem ser resumidos da seguinte forma:

- Maior violência emocional e verbal, muito embora os adolescentes consideram fazer uso de estratégias de resolução de conflitos no namoro não abusivas;
- As raparigas apresentam mais comportamentos de violência emocional e verbal e são elas que tendem a utilizar estratégias de resolução abusivas;
- Os adolescentes mais velhos (17/18 anos) apresentam mais indicadores de violência sexual embora os adolescentes de 17 anos considerem fazer uso de estratégias de resolução de conflitos no namoro não abusivas. Os comportamentos violentos são mais expressivos nos adolescentes com idades entre os 16 e os 18 anos;
- A violência sexual tem mais expressão nos adolescentes que frequentam o 11º e 12º ano de escolaridade, sendo que são estes que referem fazer mais uso de estratégias de resolução de conflitos abusivas e exibirem mais comportamentos violentos;
- Cerca de 16% dos adolescentes são fumadores, 59,4% consumidores de bebidas alcoólicas e 12,2% consumidores de outras drogas. As análises correlacionais mostraram que os adolescentes não fumadores, consumidores de álcool e de outras drogas empreendem mais comportamentos de violência.
- Cerca de 16% dos adolescentes já se envolveu em comportamentos de risco; 4,4% já foi vítima de violência no namoro e 8,9% teve já conhecimento de

violência no namoro no seu grupo de pares. Foram encontradas correlações inversas que mostram que são os adolescentes que já se envolveram com comportamentos de risco, que já foram vítimas de violência no namoro e que têm conhecimento de violência no namoro no grupo de pares que mais exibem comportamentos violentos.

- Há mais atitudes de legitimação da violência psicológica masculina e feminina nos adolescentes;
- Os rapazes legitimam mais atitudes de violência psicológica e sexual masculina, bem como violência sexual feminina;
- A idade e a escolaridade não se mostraram influenciadoras da legitimação das atitudes violentas;
- Os resultados correlacionais mostraram que são os adolescentes consumidores de tabaco que legitimam mais atitudes de violência masculina e feminina e os consumidores de outras drogas legitimam mais atitudes de violência masculina. Os adolescentes que já se envolveram em comportamentos de risco, com vitimização prévia no namoro e com conhecimento de violência no grupo de pares são os que mais legitimam atitudes de violência no namoro.
- Foram encontrados modelos explicativos das estratégias de resolução de conflitos abusivas, não abusivas e comportamentos violentos, bem como modelos explicativos da legitimação das atitudes de violência física, psicológica e sexual masculina e das atitudes de violência psicológica e sexual feminina.

Os resultados agora encontrados não deixam de ser preocupantes pois sugerem que os comportamentos violentos parecem fazer parte do portefólio dos comportamentos dos adolescentes, sendo que estes não se mostram legitimados como tal, ou seja, apesar de os adolescentes empreenderem comportamentos violentos nas relações de namoro, não consideram que estes comportamentos sejam efetivamente violentos, legitimando-os como comportamentos “normais” nas relações amorosas.

Neste sentido, qualquer projeto de intervenção com os adolescentes deverá não apenas ter como intuito a mudança de comportamentos violentos nas relações de namoro, mas acima de tudo, uma mudança ao nível das atitudes. Embora estas sejam tidas como predisposições/avaliações mentais de natureza cognitiva, emocional e conativa,

sustentadas por crenças e valores, elas encontram-se intimamente associadas com os comportamentos.

Após a elaboração do diagnóstico de saúde, identificados e analisados os seus resultados, apresentou-se um Projeto de Intervenção Comunitária com o intuito de propor estratégias de resolução dos problemas identificados.

O referido projeto foi designado como - ***Muda de Curso - Violência no Namoro não é para ti!*** - em consonância com a Campanha Nacional Contra a Violência no Namoro, promovida pela Secretaria de Estado para a Cidadania e a Igualdade, em parceria com as associações e federações académicas, tendo-se iniciado em outubro de 2016 e que se enquadra perfeitamente no objetivo deste projeto comunitário. Este Projeto de Intervenção encontra-se inserido no âmbito da violência no namoro e tem como principal objetivo analisar a violência no namoro, comportamentos e atitudes que legitimam essa violência em adolescentes, no sentido de intervir ao nível da prevenção de comportamentos violentos e de atitudes de legitimação da violência, procurando a obtenção de ganhos em saúde nesta população.

Para além da coordenação/implementação deste Projeto de Intervenção, foram desenvolvidas outras atividades pela UCC, nomeadamente ações de formação, nas quais tivemos oportunidade de integrar:

- Dia 10 outubro - Gabinete de Apoio ao Aluno na escola EB3/Secundária de Abade de Baçal.
- Dia 13 outubro - Gabinete de Apoio à Sexualidade Juvenil no Instituto Português do Desporto e Juventude de Bragança.
- Dia 25 outubro - Realização de uma ação de sensibilização sobre “Comportamentos de Risco na Adolescência” na turma do 11.º A, no âmbito do Projeto de Educação Sexual.
- Dia 28 outubro - Realização de uma ação de sensibilização sobre “Comportamentos de Risco na Adolescência” na turma 11.º B, no âmbito do Projeto de Educação Sexual.
- Dia 31 outubro - Realização de uma ação de sensibilização sobre “Comportamentos de Risco na Adolescência” na turma 11.º C, no âmbito do Projeto de Educação Sexual.

- Dia 10 novembro - Realização de uma ação de sensibilização sobre “Tabaco... não” nas turmas do 9.º ano, no âmbito do dia Mundial do Não Fumador.
- Dia 11 novembro - Realização de uma ação de sensibilização sobre “Tabaco... não” na turma do 6.º D, no âmbito do dia Mundial do Não Fumador.
- Dia 14 novembro - Realização de uma ação de sensibilização sobre “Tabaco... não” nas turmas do 6.º B, C e E, no âmbito do dia Mundial do Não Fumador.
- Dia 17 novembro - Realização de uma ação de sensibilização sobre “Tabaco... não” nas turmas PIEF (Programa Integrado de Educação e Formação) no âmbito do dia Mundial do Não Fumador.
- Dia 28 novembro - Realização de uma ação de sensibilização sobre “Comportamentos de Risco na Adolescência” na turma do 10.º no âmbito do Projeto de Educação Sexual.
- Dia 29 novembro - Realização de uma ação de sensibilização sobre “Comportamentos de Risco na Adolescência” na turma 10.º A, no âmbito do Projeto de Educação Sexual.
- Dia 30 novembro - Realização de uma ação de sensibilização sobre “Comportamentos de Risco na Adolescência” na turma 10.º D, no âmbito do Projeto de Educação Sexual.
- Dia 5 dezembro - Realização de uma ação de sensibilização sobre “Comportamentos de Risco na Adolescência” na turma 10.º ACP, no âmbito do Projeto de Educação Sexual.
- Dia 20 e 21 dezembro - Realização de ação de formação sobre “Educação Sexual em Meio Escolar” destinada aos Assistentes Operacionais do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal.
- Dia 10 janeiro - Realização de uma ação de sensibilização sobre “Planeamento familiar” no Gabinete de Apoio à Sexualidade do IPDJ (Instituto Português de Desporto e Juventude) de Bragança para as turmas do 10.º ano no âmbito do Projeto de Educação Sexual.

- Dia 12 janeiro - Realização de uma ação de sensibilização sobre “Planeamento familiar” no Gabinete de Apoio à Sexualidade do IPDJ de Bragança, para as turmas do 10.º ano no âmbito do Projeto de Educação Sexual.
- Dia 13 janeiro - Realização de uma ação de sensibilização sobre “Planeamento familiar” no Gabinete de Apoio à Sexualidade do IPDJ de Bragança, para as turmas do 10.º ano no âmbito do Projeto de Educação Sexual.

Já fora do âmbito do período de estágio fui convidada a colaborar nas seguintes atividades:

- Dia 9 março - Realização de uma ação de sensibilização sobre “Puberdade” nas turmas do 5.º ano, no âmbito do Projeto de Educação Sexual.
- Dia 30 março - Realização de uma ação de sensibilização sobre “Adolescência e agora?” nas turmas do 6.º ano, no âmbito do Projeto de Educação Sexual.

Recentemente foi realizada uma ação de sensibilização (dia 01 de junho de 2017) sobre “Violência no namoro”, nas turmas do 10.º, 11.º e 12.º ano de escolaridade, no âmbito do Projeto de Educação Sexual. O planeamento das atividades que sustentam o projeto de intervenção foi feito com a colaboração de todos os intervenientes. Verificou-se uma forte adesão da população-alvo para esta ação, evidenciando interesse e receptividade para abordarem a temática em apreço. Globalmente foi uma ação considerada bem-sucedida e com êxito.

3. Análise crítica e considerações finais

O presente relatório pretendeu descrever as atividades que foram desenvolvidas durante os períodos de estágios, com particular enfoque no último, realizado na UCC Domus, afeta à Unidade de Santa Maria, em Bragança.

O principal objetivo do estágio consistiu na consolidação das competências exigidas ao Enfermeiro especialista em Enfermagem Comunitária, nomeadamente ao nível da avaliação do estado de saúde de uma comunidade, capacitação de grupos e de comunidades, coordenação de Programas de Saúde de âmbito comunitário e cooperação e realização de vigilância epidemiológica de âmbito geodemográfico.

Neste sentido, a temática da violência no namoro em adolescentes foi alvo de análise, reflexão e pesquisa, pois consideramos que ela se assume, não apenas como um problema privado, mas de âmbito público, exigindo intervenções concertadas e integradas de prevenção comunitária.

Consideramos, ainda, que os programas de educação focalizados nos adolescentes se assumem como instrumentos fundamentais de prevenção da violência em seu sentido genérico e, da violência no namoro no seu âmbito mais restrito. Estes programas devem permitir uma maior consciencialização dos comportamentos violentos utilizados nas relações de namoro, enquanto comportamentos que violam os direitos humanos, princípios de igualdade e estereótipos de género.

A intervenção na adolescência é crucial pois é nesta etapa do ciclo vital que as relações amorosas dão início, pelo que é a altura mais adequada para se desconstruírem as crenças que legitimam determinados comportamentos de violência no namoro. Nesse sentido, a escola assume-se o espaço de socialização por excelência, palco central da sinalização das várias formas de violência no namoro entre os adolescentes. As parcerias com as escolas na conceção e implementação de programas de prevenção da violência nos adolescentes são fundamentais para a disseminação dos conhecimentos e informações neste âmbito, bem como para se intervir precocemente na diminuição de condutas violentas e desadaptativas.

Ao mesmo tempo, as implementações destes programas podem contribuir para uma redução dos impactos a curto, médio e longo prazo da violência ao nível da saúde física,

mental, emocional e psicológica dos adolescentes, bem como ao nível das aprendizagens escolares, da segurança, do desenvolvimento pessoal e social de competências de relacionamento íntimo fundamentais para relacionamentos futuros.

Assim, estes programas permitem uma melhor saúde dos indivíduos e das comunidades, na mudança de atitudes e de comportamentos que legitimam a violência. No distrito de Bragança são poucas as investigações sobre esta temática, pelo que consideramos que este diagnóstico de avaliação deverá assumir-se como um ponto de partida para outros estudos no distrito. A prevenção da violência no namoro deve ser uma preocupação central de todos os intervenientes da sociedade e ser encarada como uma atividade de cidadania organizada, em que se verifique a participação ativa dos cidadãos e do poder local. Aqui, o papel dos profissionais de saúde e muito particularmente o dos Enfermeiros especialistas em Enfermagem Comunitária como educadores e modelos sociais, assume particular relevância.

Consideramos, ainda, que as restantes atividades que foram realizadas no âmbito deste estágio sublinham a necessidade de uma aprendizagem contínua ao longo da vida, que deverá acompanhar sempre o desenvolvimento de qualquer profissional de saúde e, concretamente o Enfermeiro Especialista em Enfermagem Comunitária.

Naturalmente que o envolvimento neste tipo de ações requer tempo, dedicação e empenhamento, nem sempre fáceis gerir quando se têm outras atividades e uma vida privada. No entanto e apesar de, muitas vezes, ser difícil realizar-se essa gestão, consideramos que o estágio se assume como pedra basilar na consolidação de competências fundamentais no exercício da nossa profissão especializada.

O aprofundamento de determinadas temáticas, a necessidade de formar e informar populações-alvo com o objetivo de ampliar conhecimentos e mudar comportamentos/atitudes e o sentimento de realização final, constituem-se elementos diferenciadores no exercício da profissão do Enfermeiro Especialista em Enfermagem Comunitária, consolidando competências transversais e específicas essenciais que integram o *saber-saber*, o *saber-fazer* e o *saber-ser*.

Referências Bibliográficas

- Almeida, L., & Freire, T. (2010). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. Braga: Psiquilíbrios.
- Amado, J., & Freire, I. (2005). *Definições, incidência e causas de violência em Portugal*. Lisboa: Centre for Educacional Research.
- Caridade, S., & Machado C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimização à perpetração. *Análise Psicológica*, 4(24), 485-493.
- Caridade, S., & Machado, C. (2013). Violência nas relações juvenis de intimidade: Uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia*, 27(1), 91-113.
- Decreto-Lei n.º 28/2008 de 22 de fevereiro - *Diário da República*, 1.ª série — N.º 38 — 22 de fevereiro de 2008
- Decreto-Regulamentar n.º 74/2009 de 16 de abril - *Diário da República*, 2.ª série — N.º 74 — 15 de abril de 2016.
- Despacho n.º 10143/2009 de 16 de abril - *Diário da República*, 2.ª série — N.º 74 — 16 de abril de 2009.
- Lei de Bases da Saúde n.º 48/90, de 24 de Agosto, consultada em: https://www.parlamento.pt/OrcamentoEstado/Documents/Legislacao_PPL162/L4_8_90_BXII.pdf
- Machado, C., & Gonçalves, C. (2003). *Violência e vítima de crimes*. Coimbra: Quarteto Editores.
- Pais-Ribeiro, J. L. (2010). *Investigação e avaliação em psicologia e saúde*. Lisboa: Placebo Editora.
- PORDATA (2017). *População residente em Bragança (2015)*. Disponível em: <http://www.pordata.pt/>
- Raimondo, M., Fegadol, D., Meier, M., Wall, M., Labronici, L., & Raimondo-Ferraz, M. (2012). Produção científica Brasileira fundamentada na Teoria de Enfermagem de Orem: Revisão integrativa. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 65(3), 529-534.

Regulamento n.º 128/2011 de 18 de fevereiro, *Regulamento das Competências Específicas do Enfermeiro Especialista em Enfermagem Comunitária e de Saúde Pública*. *Diário da República*, 2ª Série, nr. 35